

**OBRAS POETICAS**  
**DE**  
**CLAUDIO MANOEL DA COSTA**



**RIO DE JANEIRO**  
**H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR**

SAL 9165.1.1

Harvard College Library



THE GIFT OF

EDWIN VERNON MORGAN

(Class of 1890)

AMERICAN AMBASSADOR TO BRAZIL





OBRAS POETICAS  
DE  
CLAUDIO MANOEL DA COSTA  
(GLAUCESTE SATURNIO)

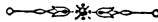


# OBRAS POETICAS

DE

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

(GLAUCESTE SATURNIO)



NOVA EDIÇÃO

Contendo a reimpressão do que deixou inedito ou anda  
esparso, e um estudo sobre a sua  
vida e obras por

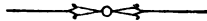
JOÃO RIBEIRO

da Academia Brasileira

TOMO II

ROMANCES, CANTATAS, CANÇONETAS, POESIAS INEDITAS

E O POEMA VILLA RICA



H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, — RUA DO OUVIDOR, — 71

RIO DE JANEIRO

1903

SAL9165.1.1

HARVARD COLLEGE LIBRARY  
GIFT OF  
EDWIN VERNON MORGAN  
OCT. 22, 1915.



## ADVERTENCIA PRELIMINAR

---

O segundo tomo das *Obras Poeticas* de Claudio Manoel da Costa, comprehende: o restante da edição de 1768 que não coube no primeiro tomo (*Cançone-tas, Cantatas e Romances*), as poesias ineditas que só avulsa e fragmentariamente appareceram em revistas ou collectaneas e anthologias, nomeadamente na *Collecção de poesias ineditas* (Lisboa, 1810) na *Revista do Instituto Historico*, tomo LIII (Rio de Janeiro) e na maior parte pela primeira vez na *Revista Brasileira*, tomo II (Rio de Janeiro, 1895) editadas pelo doutor B. F. Ramiz Galvão; o poema *Villa Rica*, impresso em 1839-41 e reimpresso em 1897. Tanto o *Villa Rica* como as poesias ineditas constituem a obra postuma do poeta, a qual é visivelmente inferior ao que publicou em vida.

Ao preparar esta edição, guardamos quanto possível toda a fidelidade ás fontes e aos originaes que serviam á reimpressão, mas com algumas raras restricções que passamos a declarar.

Deixamos intactos todos os versos que nos pareceram maus pela ausencia de ritmo ou por outro qualquer defeito que não se pode attribuir necessariamente aos copistas. Taes por exemplo no poema de *Villa Rica* os versos:

A farda militar, cingia-lhe o lado

CANTO X.

II.

1

Talvez da fé que guardo attento.

CANTO III.

Mais cada um e aviso ao heroe dando

CANTO IV.

Não hesitamos, porem, em corrigir o texto quando o erro não podia ser imputado ao auctor.

Assim, substituímos :

Que só valor europeu com pouco ou nada  
por

*Só valor europeu etc.*

CANTO VII.

Da mesma sorte, substituímos :

Tudo quanto entre os Farias se medita  
por este outro :

*Tudo que entre... etc.*

CANTO VIII.

No mesmo canto ha o pretendido verso :

Cedas ao teu Rei : se aos olhos estais crendo

Não é possível que Claudio Manoel da Costa escrevesse endecasyllabos de tal feitio ; n'esses casos, felizmente não numerosos, corrigimos as edições anteriores calcadas sobre copias imperfeitas, procurando, porem, conservar o mais possível o texto qual se nos offerencia mesmo com o visivel erro.

Assim, em vez de

*E sonora trompa já se ouvia*

Escrevemos

*E sonora trompa já se ouvia*

CANTO IX.

Sem querer diminuir o valor que é grande do serviço prestado, pelas duas edições do *Villa Rica*, é util dizer que podiam ser feitas com maior esmero e cuidado. No *Canto V* falta um verso depois do que

começa: — *Mais escravos...* — e não é o unico exemplo. A conta de versos *quebrados* e indignos do poeta, é assaz numerosa e na maior parte esses defeitos são pequenos lapsos que a primeira vista se denunciam e se corrigem.

As notas ao poema de *Villa Rica* são do proprio punho de Claudio Manoel da Costa que para escrevel-as utilizou-se de excellentes materiaes nos archivos da Capitania e em apontamentos que lhe deram mineiros e paulistas de consideração, como Tacques, Paes Leme, etc. Não obstante, os erros de historia são ahi frequentes e alguns inevitaveis n'aquella sua epoca, sobre tudo quanto á historia geral do Brasil.

Julgamos que não sendo as notas de nossa auctoria, nada nos cumpria corrigir nem alterar, até porque assim mesmo é que serviam e servem de justificativa á narração do descobrimento das minas como nol-o representa o poeta em seus versos.

No *Fundamento historico* o poeta revela-nos a existencia de um poema nacional muito anterior ao *Uruguay* que é de 1769. O poema de Diogo Grasson Tinoco sobre o descobrimento das esmeraldas por Fernão Dias Paes, e cujo titulo não sabemos precisamente, foi composto no anno de 1689. Perdeu-se esta epopea em estancias de oitava rima, a qual não parece inferior ao poema de Claudio; as oitavas citadas e conservadas no *Fundamento historico* cotejadas com as de S. Rita Durão que são da mesma especie, também não ficariam envergonhadas do paralelo.

---



I  
ROMANCES, CANÇONETAS, CANTATAS  
EPICEDIO



# ROMANCES

---

## LIZE

### ROMANCE I

Pescadoras de Mondego,  
Que girais por essa praia,  
Se vós enganais o peixe,  
Tambem Lize vos engana.

Vós ambos sois pescadores ;  
Mas com differença tanta,  
Vós ao peixe armais com redes,  
Ella co' os olhos vos arma.

Vós rompeis o mar undoso ;  
Para assegurar a caça ;  
Ella aqui no porto espera,  
Para lograr a filada.

Vós dissimulais o enredo,  
Fingindo no anzol a traça ;  
Ella vos expõe patentes  
As redes, com que vos mata.

Vós perdeis a noite, e dia  
Em continua vigilancia ;  
Ella em um só breve instante  
Consegue a preza mais alta.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

Guardai-vos pois, Pescadores,  
Dos olhos dessa tyranna ;  
Que para trofeos de Lize  
Despojos de Alcemo bastão.

Em quanto as ondas ligeiras  
Desta corrente tão clara  
Inundarem mansamente  
Estes álamos, que banhão ;

Eu espero, que a memoria  
O conserve nestas agoas,  
Por padrão dos desenganos,  
Por triunfo de uma ingrata.

E na frondoza ribeira  
Deste rio, triste a alma  
Girá sempre avizando,  
Quem lhe soube ser tão falsa.

---



## ANTANDRA

## ROMANCE II

Pastora do branco arminho,  
Não me sejas tão ingrata :  
Que quem veste de innocente,  
Não se emprega em matar almas.

Deixa o gado, que conduzes ;  
Não o guies á montanha :  
Porque em poder de uma fera,  
Não póde haver segurança.

Mas ah ! Que o teu privilegio,  
É louco, quem não repara :  
Pois suavizando o martyrio,  
Obrigas mais do que matas.

Eu fugirei ; eu, Pastora,  
Tomarei sómente as armas ;  
E hão de conspirar commigo  
Todo o campo, toda a praia.

Tenras ovelhas,  
Fugi de Antandra ;  
Que é flor fingida,  
Que aspides cria, que venenos guarda.

---

## ALTEA

## ROMANCE III

Aquelle Pastor amante,  
Que nas humidas ribeiras  
Deste cristallino rio  
Guiava as brancas ovelhas ;

Aquelle, que vezes muitas  
Afinando a doce avena,  
Parou as ligeiras agoas,  
Movêo as barbaras penhas ;

Sobre uma rocha sentado  
Caladamente se queixa :  
Que para formar as vozes,  
Teme, que o ar as perceba.

Os olhos levanta, e busca  
Desde o tosco assento aquella  
Distancia, aonde, discorro,  
Que tem a origem da pena :

E depois que esmorecidos  
Da dôr os olhos, na immensa  
Explicação do tormento,  
Suffocada a luz, se cegão ;

Só ás lagrimas recorre,  
Deixando-se ouvir apenas  
Daquellas arvores mudas,  
Daquella mimosa relva.

Com torpe aborrecimento,  
A companhia despreza  
Dos Pastores, e das Ninfas ;  
Nada quer ; tudo o molesta.

Erguido sobre o penhasco  
Já vê, se é grande a eminencia :  
Porque busque o fim da vida,  
Na violencia de uma queda.

Já louco se precipita ;  
E já se suspende : a mesma  
Appetencia do tormento  
Maior tormento lhe ordena.

Pastores, vede a Dalizo ;  
Vede o estado qual seja  
De um Pastor, que em outro tempo  
Gloria destes montes era :

Vede, como sem cuidado  
Pastar pelos montes deixa  
As ovelhas offrecidas  
A's iras de qualquer fera.

Vede, como desta rama,  
Que funebre está, suspensa  
Deixou a lira, que ha pouco,  
Pulsava pela floresta.

Vede, como já não gosta  
Da barra, dança, e carreira,  
E ao pastoril exercicio  
De todo já se rebella.

Segundo o vulto, que neste  
Rustico penedo ostenta,  
Cuido, que o fizeram louco  
Desprezos da bella Altéa.

## ANARDA

## ROMANCE IV

A onde levas, Pastora,  
Essas tenras ovelhinhas ?  
Que para seu mal lhes basta  
O seres tu, quem as guia.

Acaso vão para o valle,  
Ou para a serra vizinha ?  
Vão acaso para o monte,  
Que lá mais distante fica ?

Vão por ventura, Pastora,  
A beber as cristallinas,  
Doces agoas, que discorrem  
Por entre estas verdes silvas ?

Ah! Quem sabe, triste gado,  
Onde a maior humicida  
Dos coraçãoens, e das almas,  
Comvosco agora caminha !

Presumir, que cuidadosa  
Vos conduz á serra altiva,  
Imaginar, que á ribeira  
Vos vais levando propicia ;

Não o posso, não o posso ;  
Quando a conjectura avisa,  
Que mal as ovelhas guarda ;  
Quem as almas traz perdidas.

Porém se a vossa ventura  
De mais nobre se acredita,  
Se podeis vencer de Anarda  
A condição sempre esquiva ;

Ella vos conduza : os passos  
Segui da minha inimiga ;  
Em quanto para cantalla  
Meu instrumento se affina.

Mais que Tityro suave,  
Aqui sentado á sombria  
Copa desta verde faia,  
Chorarei as penas minhas.

Farei, com que sôe o bosque  
A seu nome: esta campina,  
Vereis, como só de Anarda  
A doce gloria respira ;

Essas arvores, e troncos  
Concorrendo á harmonia  
Do meu canto, Orfêo nos valles,  
Cuidarão, que ressucita.

Eu repetirei contente  
A cantilena, que tinha  
Com Alcimedon composto,  
Quando no monte vivia.

Direi aquellas cadencias,  
Que á casca de uma cortiça  
Encommendou meu cuidado,  
De meu sangue com a tinta.

Pastora (se bem me lembra  
Assim meu verso dizia),  
Mais branca, que a mesma neve,  
Mais bella, do que a bonina ;

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

Eu sou, quem estas ribeiras,  
Sou, quem estes campos pisa,  
Atraz de uma alma, que roubas,  
Tão presa, como rendida.

Não te peço, que m'a entregues :  
Porque quem t'a sacrifica,  
De seu voluntario culto  
Faz a ostentação mais fina :

Quero só, que ma não deixes,  
Que a não desampares; inda  
Quando de Lethes saudozo  
Vires a margem sombria.

Mais seguro, e mais constante,  
Que aquella mimosa Ninfa,  
Que no concavo das penhas,  
Por lei do destino, habita.

Ecco serei destas rochas,  
Aonde os clamores firão  
Dos corações, que se queixão,  
Das almas, que se lastimão.

Assim, candidas ovelhas,  
Assim clamarei : sósinhas  
Correi embora contentes  
O valle, o monte, a campina.

---

## A' LIRA DESPREZO

---

### I

Que busco, infausta Lira,  
Que busco no teu canto,  
Se ao mal, que cresce tanto,  
Allivio me não das ?

A alma, que suspira,  
Já foge de escutar-te :  
Que tu tambem és parte  
De meu saudoso mal.

### II

Tu foste (eu não o nego)  
Tu foste em outra idade  
Aquella suavidade,  
Que Amor soube adorar ;

De meu perdido emprego  
Tu foste o engano amado :  
Deixou-me o meu cuidado ;  
Tambem te heide deixar.

## III

Ah ! De minha ancia ardente  
Perdeste o caro imperio :  
Que já n'outro hemispherio  
Me vejo respirar.

O peito já não sente  
Aquelle ardor antigo :  
Porque outro norte sigo,  
Que fino Amor me dá.

## IV

Amei-te (eu o confesso)  
E fosse noite, ou dia,  
Já mais tua harmonia  
Me viste abandonar.

Qualquer penoso excesso,  
Que atormentasse esta alma,  
A teu obsequio em calma  
Eu pude serenar.

## V

Ah ! Quantas vezes, quantas  
Do somno despertando,  
Doce instrumento brando,  
Te pude temperar !

Só tu (disse) me encantas;  
Tu só, bello instrumento,  
Tu es o meu alento ;  
Tu o meu bem serás.



## VI

Vai-te ; que já não quero,  
Que devas a meu peito  
Aquelle doce effeito,  
Que me deveste já.

Comtigo já mais fero  
Só trato de quebrarte :  
Tambem ás de ter parte  
No estrago de meu mal.

## VII

Não saberás desta alma  
Segredos, que sabias,  
Naquelles doces dias,  
Que Amor soube alentar.

Se aquella ingrata calma  
Foi só tormenta escura,  
Na minha desventura  
Tambem naufragarás.

## VIII

Nize, que a cada instante  
Teus numeros ouvia,  
Ou fosse noite, ou dia,  
Já mais não te ouvirá.

Cançado o peito amante  
Somente ao desengano  
O culto soberano  
Pertende tributar.

## IX

De todo em fim deixada  
No horror deste arvoredado,  
Em ti seu tosco enredo  
Arachne tecerá.

Em paz se fique a amada,  
Por quem teu canto inspiras;  
E tu, que a paz me tiras,  
Tambem te fica em paz.

---

## A' LIRA PALINODIA

---

### I

Vem, adorada Lira,  
Inspira-me o teu canto ;  
Só tu a impulso tanto  
Todo o prazer me dás.

Já a alma não suspira;  
Pois chega a escutar-te :  
De todo, ou já em parte  
Vai-se ausentando o mal.

### II

Não cuides que te nego  
Tributos de outra idade ;  
A tua suavidade  
Eu sei inda adorar ;

Desse perdido emprego  
Eu busco o encanto amado  
Amando o meu cuidado,  
Já mais te heide deixar.

## III

Vê, de meu fogo ardente,  
Qual é o activo imperio :  
Que em todo este hemispherio  
Se attende respirar.

O coração, que sente  
Aquelle incendio antigo,  
No mesmo mal, que sigo,  
Todo o favor me dá.

## IV

Se tanto bem confesso,  
Ou seja noite, ou dia,  
Já mais essa harmonia  
Espero abandonar.

Não hade a tanto excesso,  
Não hade, não, minha alma  
Desta amorosa calma  
Meus olhos serenar.

## V

Ah ! Quantas ancias, quantas  
Agora despertando,  
A teu impulso brando  
Eu venho a temperar!

No gosto, em que me encantas,  
Suavissimo instrumento,  
Em ti só busco o alento ;  
Que eterno me serás.

## VI

Comtigo partir quero  
As magoas de meu peito ;  
Quanto diverso effeito,  
Do que provaste já !

Não cuides, que sou fero ;  
Porque já quiz quebrar-te :  
No meu delirio em parte  
Desculpa tem meu mal.

## VII

Se tu só de minha alma  
O caro amor sabias,  
Comtigo só meus dias  
Eterno hei de alentar.

Bem que ameace a calma  
Fatal tormenta escura,  
Da minha desventura  
Já mais naufragarás.

## VIII

Clamar a cada instante  
O nome, que me ouvia,  
Ou seja noite, ou dia,  
O bosque me ouvirá.

Bem, que a meu culto amante  
Resista o desengano,  
O voto soberano  
Te espero tributar.

## IX

Não temas, que deixada  
Te occupe este arvoredor,  
Onde meu triste enredo  
O fado tecerá;

Conhece, ó Lira amada,  
O effeito, que me inspiras ;  
Na mesma paz, que tiras.  
Me dás a melhor paz.

---

## FILENO A NIZE

DESPEDIDA DE

## GLAUCESTE SATURNI)

Pastor Arcade, Romano, Ultramarino.

## I

Adeos, Idolo amado,  
Adeos; que o meu destino  
Me leva peregrino  
A não te ver já mais.

Sei, que é tormento ingrato  
Deixar teu fino trato:  
Mas quando é, que tu viste  
Um triste  
Respirar!

## II

'Tu ficas; eu me ausento;  
E nesta despedida  
Se não se acaba a vida,  
É só por mais penar.

De tanto mal, e tanto  
Allivio é só o pranto:  
Mas quando é, que tu viste  
Um triste  
Respirar!

## III

Quantas memorias, quantas  
Agora despertando,  
Me vem acompanhando  
Por mais me atormentar !

Faria o esquecimento  
Menor o meu tormento :  
Mas quando é, que tu viste  
Um triste  
Respirar !

## IV

Girando esta montanha,  
Os sitios estou vendo,  
Aonde Amor tecendo  
Seu doce enredo está.

Aqui me occorre a fonte ;  
Alli me lembra o monte :  
Mas quando é, que tu viste  
Um triste  
Respirar !

## V

Sentado junto ao rio,  
Me lembro, fiel Pastora,  
Daquella feliz hora,  
Que n'alma impressa está.

Que triste eu tinhà estado,  
Ao ver teu rosto irado !  
Mas quando é, que tu viste  
Um triste  
Respirar !



## VI

De Filis, de Lizarda  
Aqui entre desvelos,  
Me pede amantes zelos  
A cauza de meu mal.

Alegre o seu semblante  
Se muda a cada instante :  
Mas quando é, que tu viste  
Um triste  
Respirar !

## VII

Aqui colhendo flores  
Mimoza a Ninfa cara,  
Um ramo me prepara,  
Talvez por me agradar :

Anarda alli se agasta;  
Dalizo aqui se affasta;  
Mas quando é, que tu viste  
Um triste  
Respirar !

## VIII

Tudo isto na memoria  
(Oh barbara crueldade !)  
A' força da saudade  
Amor me pinta já.

Rendido desfaleço  
De tanta dôr no excesso :  
Mas quando é, que tu viste  
Um triste  
Respirar !

## IX

O mais, que augmenta a magoa,  
E' ter sempre o receyo,  
De que outro amado enleio  
Teu peito encontrará.

Amante nos teus braços,  
Quem sabe, se outros laços...!  
Mas quando é, que tu viste  
Um triste  
Respirar !

## X

Por onde quer, que gires,  
Desta alma, que te adora,  
Ah lembra-te, Pastora,  
Que já te soube amar.

Verás em meu tormento  
Perpetuo o sentimento.  
Mas quando é, que tu viste  
Um triste  
Respirar !

## XI

Lá desde o meu desterro,  
Verás, que esta corrente  
Te vem fazer presente  
A ancia de meu mal.

Verás, que em meu retiro  
Só gemo, só suspiro :  
Mas quando é, que tu viste  
Um triste  
Respirar !

## XII

As Ninfas, que se escondem  
Lá dentro do seu seio,  
De meu querido enleio  
O nome hão de escutar.

No bem desta lembrança  
Allivio a alma alcança :  
Mas quando é, que tu viste  
Um triste  
Respirar !

## XIII

Ah ! Deva-te meu pranto  
Em tão fatal delirio,  
Que pagues meu martyrio  
Em premio de amor tal.

Mereça um mal sem cura  
Lograr esta ventura :  
Mas quando é, que tu viste  
Um triste  
Respirar !

## XIV

E se por fim, Pastora,  
Duvidas de minha ancia,  
Se em ti não ha constancia ;  
Minha alma o vingará.

Farei, que o Ceo se abrande  
Aos ais de uma ancia grande :  
Mas quando é, que tu viste  
Um triste  
Respirar !

## XV

Terás em minha pena,  
Com passo vigilante,  
A minha sombra errante,  
Sem nunca te deixar.

Terás... ah bello emprego !  
Não temas : eu socégo :  
Mas quando é, que tu viste  
Um triste  
Respirar !

---

NIZE A FILENO  
REPOSTA DE  
EURESTE FENICIO

Pastor Arcade, Romano, Ultramarino.

I

*Em vão, Fileno amado,  
Accuzas teu destino ;  
Se foges peregrino,  
Por me não ver já mais.*

*Viste-me, falso, ingrato,  
Preza a teu doce trato :  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar !*

II

*Dizias : eu me auzento.  
Foi esta a despedida,  
Que toda a minha vida  
Me hade fazer penar.*

*Entre martyrio tanto  
Eu me desfiz em pranto :  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar !*

## III

*Oh quantas vezes, quantas  
Do somno despertando,  
Te vou acompanhando,  
Por não me atormentar !*

*Não ha esquecimento,  
Que abrande o meu tormento :  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar !*

## IV

*No prado, e na montanha,  
Saudoza hoje estou vendo  
O engano, que tecendo  
A minha idéa está.*

*Baixei contigo á fonte;  
Subi contigo ao monte :  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar !*

## V

*Ao som do manso rio,  
Nize, fel Pastora,  
Chorando a toda a hora  
A tua auzencia está.*

*Aflicta neste estado  
Accuzo o Ceo irado :  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar !*

## VI

*Nem Filis, nem Lizarda,  
Que forão teus desvelos,  
Me podem já dar zelos,  
Nem já me fazem mal.*

*Só teu cruel semblante  
Me lembra a cada instante:  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar!*

## VII

*Fileno as bellas flores  
A Nize amada, e cara,  
Já agora não prepara,  
Já não quer agradar.*

*Commigo Amor se agasta;  
O meu Pastor se affasta:  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar!*

## VIII

*Conservo na memoria  
A tua crueldade;  
Nem sei, como a saudade  
Me não tem morta já.*

*Mas ah! que desfaleço;  
Chorando em tal excesso:  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar!*

## IX

*Crescendo a minha magoa,  
Se aumenta o meu receio ;  
Que entregue a novo enleio  
Talvez te encontrará.*

*Que vezes nos meus braços  
Eu te formei os laços !  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar !*

## X

*Por mais, que auzente gires  
De Nize, que te adora,  
Não has de achar Pastora,  
Que mais te saiba amar.*

*Ve bem, a que tormento  
Me obriga o sentimento :  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar !*

## XI

*Aqui posta em desterro,  
Ao som desta corrente,  
Sempre terei presente  
A cauza de meu mal.*

*E tu nesse retiro  
Desprezas meu suspiro :  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar !*



## XII

*Até de mim se escondem  
As Ninfas no seu seio;  
Pois teu fingido enleio  
Não querem escutar.*

*E nem esta lembrança  
Se quer minha alma alcança :  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar !*

## XIII

*Conheço, que o meu pranto  
Passou a ser delirio :  
Pois meu cruel martyrio  
Chega a extremo tal.*

*Mas como ha de ter cura,  
Quem nasce sem ventura !  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar !*

## XIV

*Talvez outra Pastora,  
Zombando de tua ancia,  
Da falta de constancia  
Em ti me vingará.*

*Mal feito, que se abrande,  
Vendo rigor tão grande :  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar !*

## XV

*Verás na minha pena,  
Que sempre vigilante,  
Por lodo o campo errante,  
Já mais te hei de deixar.*

*E tu... ah louco emprego  
De quem não tem socego!  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar!*

---

IL PASTORE A NICE  
CANZONETTA DI  
GLAUCESTE SATURNIO

Pastore Arcade, Romano, Ultramarino.

I

Dove, mia Nice, dove,  
Dove trovarti spero  
Nel lido, a cui straniero  
Mi trasse ingrato Amor!

Chiedendo ai tronchi, ai sassi,  
In vano io volgo i passi:  
E solo sento (oh Dio!)  
Che perdo anch'io  
Il cor.

II

Il fior veggo nel prato;  
E negli affani miei,  
Ah! Quest'io dico (oh Dei!),  
Nice sarà talor.

Le tue pupille belle,  
Credo, che son le stelle:  
E solo sento (oh Dio!)  
Che perdo anch'io  
Il cor.

## III

Del monte alla foresta  
Mal cieco Amor mi guida,  
Dove piu dolce arrida  
Il cielo al mio dolor.

Vola di pianta in pianta  
L'angel, che scherza, e canta:  
E solo sento (oh Dio !)  
Che perdo anch' io  
Il cor.

## IV

Nel mio sospiro amante  
Altro il dolor non dice,  
Che dove, dov' é Nice,  
Che non la trovo ancor !

Echo, ch' il sasso asconde,  
Per lei nepur risponde ;  
E solo sento (oh Dio !)  
Che perdo anch' io  
Il cor.

## V

Tutto per mes' oscura,  
La terra, il mare, il Cielo,  
Il sangue e freddo gelo ;  
Tutto mi fá terror.

Nessuno a dolor tanto  
Sa tratener mi 'l pianto :  
E solo sento (oh Dio !)  
Che perdo anch' io  
Il cor.

## VI

Il tenero mio voto  
 Grato, mio ben, ti sia :  
 Tu puoi col alma mia  
 Far piu superbo Amor.

Tu puoi... ma sudo in vano  
 Nel culto, in cui m' affano :  
 E solo sento (oh Dio !)  
 Che perdo anch' io  
 cor.

## VII

Or mi ramento, ó cara,  
 Di quel felice stato,  
 Che dolce, innamorato,  
 M'accolse il tuo favor.

Di tanti beni, e tanti  
 Or nascono i miei pianti :  
 E solo sento (oh Dio !)  
 Che perdo 'anch' io  
 Il cor.

## VIII

Chi sa, qual altro amante,  
 Chi sa, qual piu felice,  
 Della mia bella Nice  
 S' accenda allo splendor !

De miei crudi sospetti  
 Non veggo i mesti oggetti :  
 E solo sento (oh Dio !)  
 Che perdo anch' io  
 Il cor.

## IX

Chi sá, dove s'annida,  
Nel mar, nel Cielo, o terra!  
Chi sá, dove se serra  
Quel candido thezor!

Per lei (crudel tormento!)  
Per lei morir mi sento;  
E solo sento (oh Dio!)  
Che perdo anch' io  
Il cor.

---

NICE AL PASTORE  
RISPOSTA DI  
NINFEJO CALISTIDE

Pastore Arcade, Romano, Ultramarino.

I

*Addio, Pastor. Ma dove  
Così lontan ti spero ;  
Se fuor di me straniero  
Tu vai fuggindo amor !*

*Addio. Io piango ai sassi,  
Men sordi, che i tuoi passi.  
Ah ! Che nel dirti addio,  
Già non è mio  
Il cor !*

II

*Al bosco, al monte, al prato,  
Spargo i sospiri miei,  
E invano spargo (oh Dei !)  
I miei sospir talor.*

*Veggio le sfere belle ;  
Non veggo le mie stelle:  
Ah che nel dirti addio,  
Già non è mio  
Il cor !*

## III

*La greggia alla foresta  
Non guido, ne mi guida;  
Nepure il fiore arrida:  
Che tutto è il mio dolor.*

*Mustia si fè la pianta;  
Mai piu l' augel non canta,  
Ah che nel dirti addio,  
Già non è mio  
Il cor!*

## IV

*Torna, spietato amante,  
Torna: ma il cor mi dice,  
Che tu lasciasti Nice,  
Che te scordasti ancor.*

*Per che, crudel t'ascondi?  
Per che non mi rispondi?  
Ah che nel dirti addio,  
Già non è mio  
Il cor!*

## V

*Non temo l'onda oscura,  
Non temo il mare, il Cielo:  
Per te, mio ben, mi gelo;  
Per te sento terror.*

*Veddi, che a dolor tanto  
Mi sto sfogando in pianto:  
Ah che nel dirti addio,  
Già non è mio  
Il cor!*



## VI

*Non olvidar quel voto ;  
Presente ognor ti sia :  
Ah ! Si. Del alma mia  
Tu fosti 'l solo amor.*

*Tu fosti... io fuggo in vano  
Il duolo, incui m'affano :  
Ah ! Che nel dirti addio,  
Già non é mio  
Il cor !*

## VII

*Non olvidar, che cara  
Ti fui nel dolce stato,  
Che fido innamorato,  
T'accolse il mio favor.*

*Di tanti amori, e tanti,  
Son premio questi pianti :  
Ah che nel dirti addio,  
Già non é mio  
Il cor !*

## VIII

*Chi sd, tiranno amante,  
Se alla rival felice,  
L'abandonata Nice  
Invidia il suo splendor !*

*Chi sd, s' i miei sospetti  
Tardano i cari oggetti !  
Ah che nel dirti addio,  
Già non é mio  
Il cor !*

## IX

*Faró, se pur s' annida  
L' indegna in Cielo, ó in terra,  
S' il mio thesoro serra,  
Mi renda il mio thesor.*

*Faró... crudel tormento,  
Per cui morir mi sento!  
Faró... ma come (oh Dio!)  
Se non é mio  
Il cor!*

---

## NICE

### CANZONETTE

#### I

Ah ch' io mi sento  
 D'Amor ferito !  
 Non sono ardito,  
 Parlar non só.

Mi vinse Amore  
 Crudo, tyranno ;  
 Per questo effanno  
 Valor non ho'.

Nice crudele,  
 Tu sei l'ardore,  
 Ch' inspira Amore  
 Entre il mio cor.

#### II

Lascia, ch' io solo,  
 Nel mio martire,  
 Vada a morire  
 Senza pietá.

Amor lo chiede,  
 Chiede-lo il mio  
 Crudel desio  
 Di piu penar.

Tu non sai, Nice,  
Qual sia il vanto,  
Che nel mio pianto  
Amor mi dá.

## III

Folle, chi crede  
Trovar fermezza  
Nella crudezza  
D'una beltá.

Or da se scaccia,  
Or a se chiama,  
Altro non brama,  
Che 'l variar.

Lo so' per prova :  
Tu, Nice bella,  
Tu sol sei quella,  
Ch' instrutto m'ha.

## IV

Ombra onorata  
De la mia face,  
Lasciami in pace,  
S'ai pur pietá.

Io riconosco  
Il tuo semblante :  
Ei pur amante  
N'el alma stá. =

Ah qual m'accusi !  
Qual mi condanni !  
Mi fan gl'affanni  
Giá delirar.

## CANTATAS

## O PASTOR DIVINO

## CANTATA I

## Fé. Esperança.

*Fé.* Onde, Enigma adorado,  
Onde guias perplexo,  
Confuzo, e pensativo  
Da minha idéa o vacilante curso?

*Esp.* Que sombras, que portentos  
Encobres a meus olhos,  
O' ignorado arcano,  
Que lá dessa distancia  
Inspiras de teu raio o esforço activo?

Eu vejo, que rompendo  
Da noite o manto escuro  
Vem scintillando a chama,  
Que sobre o mundo todo a luz derrama.

*Esp.* Eu vejo, que do Oriente  
A luminoza estrella,  
Que os passos encaminha,  
Quazi a buscar a terra se avizinha.

## CORO

Chegai, Pastores,  
 Vinde contentes;  
 Que o novo Sol  
 Já resplendece.

Oh que gloria, que dita, que gosto  
 Nestes campos se vê respirar !

*Fé.* É esta a flor mimoza,  
 Que da Vara bemdita,  
 Venturoza, jucunda,  
 Da raiz de Jessé brota fecunda !

*Esp.* É este o Pastor bello,  
 Que o rebanho espalhado  
 Vem acazo buscar ! É este aquelle,  
 Que por montes e valles  
 Conduz a tenra Ovelha,  
 E mais que a propria vida,  
 Ama o rebanho seu ! É este aquelle,  
 Que as ovelhas conhece, e a seu preceito  
 Obedecendo bellas,  
 Tambem o seu Pastor conhecem ellas !

*Fé.* Eu o tinha alcançado,  
 De enigmaticas sombras na figura,  
 Unigenito Filho  
 Do Eterno Creador. O Filho amado  
 De Abrão o testifica ;

*Esp.* Jacob o comprehende, Abel o explica :

*Ambas.* Brandas Ninfas que no centro  
 Habitais dessa corrente,  
 Vinde ao novo Sol nascente  
 Vosso obzequio tributar.

*Fé.* Já do monte descendo  
Vem o pobre Pastor: de brancas flores,  
Ou já grinaldas, ou corôas tece,  
E ao novo Deus contente as offerece.

*Esp.* Já de lirios, e rozas,  
Pela gloria, que alcança,  
Animada a Esperança se corôa ;  
E alegres hymnos de prazer entoa.

## CORO

Chegai, Pastores,  
Vinde contentes ;  
Que o novo Sol  
Já resplendece.  
Oh que gloria, que dita, que gosto  
Nestes campos se vê respirar!

*Fé.* Aquelle tenro,  
Cordeiro amado,  
Sacrificado  
Por nosso amor,

*Esp.* Sobre seus hombros  
Conduz accezo  
O duro pezo  
Do peccador.

*Fé.* Nascido Infante  
Ao mundo afficto  
Nosso delicto  
Paga em amor.

*Esp.* Oh recompensa  
Do bem perdido !  
Oh do gemido  
Premio maior !

- Ambas.* Vem, Pastor bello,  
Vem a meus braços ;  
Vem ; que teus passos  
Seguindo vou.
- Fé.* Mas ah ! Que de prazer, e de alegria  
Respirar posso apenas. Todo o campo  
Florescente se vê. Estão cobertos.  
Os claros horisontes  
De nova luz, de novo Sol os montes.
- Esp.* Melhor luz não espere  
Ver o mundo já mais. Concorrão todos  
A este luminoso  
Assento ; aonde habita  
Aquelle Sol, que a vida resussita.
- Fé.* Vem, Sol peregrino,  
De nós suspirado ;
- Esp.* Vem, Filho adorado,  
De Deos immortal.

## CORO

Chegai, Pastores,  
Vinde contentes ;  
Que o novo Sol  
Já resplendece.  
Oh que gloria, que dita, que gosto  
Nestes campos se vê respirar !

---



## LA SS. VERGINE

## CANTATA II

Oh degli Astri, e del Ciel Regina Augusta!  
Tu, ch' al mondo cadente  
La salute portasti, ed il sacrato,  
Antidoto felice de la colpa,  
Nel tuo seno di grazie il piu fecondo,  
Tu, che donasti al mondo  
Quel adorato Figlio,  
Che a pró di noi vestí l' umana spoglia,  
Quello, che vendicó l' infausta doglia.  
Che l' inexperto Adamo  
Comune a noi senza ristoro piange,  
Tu sei quella, ch' io chiamo,  
Bella Madre d'Amor, ma d'Amor degno,  
De si gran Madre venturoso pegno.

Io t'adoro, io t'amo, o' cara,  
Sacra Vergine, ch' il Cielo  
Dona a noi, involta in velo,  
Di Colomba, che innocente  
L' ali spiega, al Ciel s' en vá.

Cosi dolce, amante Sposo  
Le sue braccia apre in un giorno:  
Vieni, dice, ó mio soggiorno,  
Tu, che porti ogni beltá.

---

## GALATEA

## CANTATA III

Galatea. Acis.

- Acis.* Galatêa adorada,  
Mais candida e mais bella,  
Que a neve congelada,  
Que a clara luz da matutina estrella ;  
Mais, do que o Sol, formozza ;  
Não digo lirio já, não digo roza.
- Gal.* Acis idolatrado,  
Pastor mais peregrino,  
Que quanto ostenta o prado,  
Quanto banha d'Aurora o humor divino ;  
Pois junto ás tuas côres  
Não tem o prado côr, não tem as flores.
- Acis.* Acis é, quem saudozo  
Corre desta ribeira  
Todo o campo espaçoço,  
Buscando, ó bella Ninfa, a lizongeira,  
Doce vista, que tanto  
De Amor atêa o suspirado encanto.
- Gal.* Desde o azul imperio,  
Que rege o aureo Tridente,  
Por todo este hemispherio,  
Galatêa te busca impaciente;

E amante nos seus braços  
Te prepara de amor gostozos laços.

*Acis.* Vem ouvir-me um instante ;  
Que em mim tudo é ternura.  
Do barbaro Gigante  
Não temas, não a pallida figura :  
Que o tem seu triste fado,  
Tanto como infeliz, deenganado.

Vem, ó Ninfa ditoza,  
Vem, Vem ;  
Que em ti Amor guarda  
Todo o meu bem.

*Gal.* Oh ! Firão teus ouvidos  
Meus saudozos clamores ;  
Mereção meus gemidos  
Mover a semrazão dos teus rigores ;  
Já que tão docemente  
Sempre ao meu coração estás prezente.

Vem, ó Pastor querido,  
Vem, vem ;  
Que em ti Amor guarda  
Todo o meu bem.

---

## LIZE

## CANTATA IV

Sobre a Cantata antecedente.

Na sorte, Lize amada,  
Do misero Gigante,  
Que triste de meu fado se traslada  
O funebre semblante !  
Ao ver a copia do Cyclope infausto,  
Respirão de meu peito iguaes ardores,  
Os zelozos furores,  
Que dentro n'alma sinto,  
Como em lamina triste escrevo e pinto.  
Zelozo elle, e eu zelozo,  
Ambos sentimos um igual extremo.  
Mas ai fado aleivozo !  
Que infeliz inda mais, que Polifemo,  
Me queixo. Elle a occazião de seu ciume  
Suffoca, estraga, desalenta e mata ;  
E eu de uma alma ingrata  
Sinto o desprezo, e não extingo o lume :  
Pois sempre desprezado  
Vivo afficto, infeliz, desesperado.

Se em mim pois, se em Polifemo  
Influiu a mesma estrella,  
Aqui tens, ó Lize bella,  
Uma copia de meu mal.

Mas ai Lize ! Quanto sinto !  
Bem que nesta copia o pinto,  
Nada iguala o original !

## NIZE

## CANTATA V

Não vejas, Nize Amada,  
A tua gentileza  
No cristal dessa fonte. Ella te engana ;  
Pois retrata o suave,  
E encobre o rigoroso. Os olhos bellos  
Volta, volta a meu peito :  
Verás, tyranna, em mil pedaços feito  
Gemer um coração : verás uma alma  
Ancioza suspirar : verás um rosto  
Cheio de pena, cheio de desgosto.  
Observa bem, contempla  
Toda a misera estampa. Retratada  
Em uma copia viva  
Verás distincta e pura,  
Nizel cruel, a tua formozura.

Não te engane, ó bella Nize,  
O cristal da fonte amena :  
Que essa fonte é mui serena,  
É mui brando esse cristal.

Se assim como vês teu rosto,  
Viras, Nize, os seus effeitos,  
Póde ser, que em nossos peitos  
O tormento fosse igual.

---

## PALEMO E LIZE

## CANTATA VI

## Epithalamica.

Oh quanto, Lize, oh quanto,  
Quanto alento teus olhos  
Ao misero Palemo ! Já tres dias  
O mar anda girando. Em tua auzencia  
Saudozo tem movido as bravas ondas.  
Aos peixes tem chegado  
O clamor de seus ais. Ah ! Se tu viras,  
Qual foi o seu lamento,  
Não fôras mais cruel, que o mar, que o vento.

Eu o vi (não te engano)  
Sem acordo entregar o fragil barco  
Ao arbitrio das ondas. Poucos passos  
De uma rocha fatal já se apartava ;  
A morrer se apressava ;  
Quando eu, que no seu rumo ia seguindo,  
Palemo ? (lhe gritei) olha, Palemo :  
Desvia dessa penha a vela, o remo.

Mas fosse providencia, acazo fosse,  
A outra parte a onda  
O seu barco voltou. Já perguntado  
Me torna o Pastor caro : eu entendia ;  
Que a penha, em que Nicandro me falava,  
Era Lize sómente, que eu buscava.

Lize a rocha deshumana,  
Lize o bem, que tanto adoro ;  
Por quem vivo, por quem choro ;  
Por quem ando a suspirar.

Ah ! Se corro a morrer nella,  
Venha a barbara ferida ;  
Que esta morte só é vida ;  
Porque é Lize quem a dá.

Mas não é isto engano ! O infausto agouro  
De todo se apartou. Tornou-se em calma  
O mar tempestuozo : o vento irado  
Já suave respira : esta ribeira  
De alegria se veste : um doce encanto  
Nos álamos, nos freixos,  
Que estão fazendo sombra ás verdes ondas,  
Communica a harmonia  
Dos passaros, que cantão. Que gostoza  
Manêa as brandas folhas  
A aura lizongeira ! D'entre as ramas  
Ah como fere o raio sobre as agoas,  
Tornando prateadas  
As cristallinas vêas ! Finge a sombra  
Outro bosque nas ondas ; e parece,  
Que outras aves no mar em competencia  
Formando estão suavissima cadencia.

E que alegre entre tanto  
Esta praia se vê ! Que grande copia  
De redes se derrama ! Em cada parte  
Se senta um Pescador : bailes e jogos  
Se attendem na ribeira : ao doce avizo  
Das vizinhas Aldêas  
Vem o povo chegando. É grande o dia ;  
Grande annuncio é de gosto. Mas que muito,  
Se neste feliz dia

De Lize e de Palemo  
Se premeia a virtude! Um terno laço  
Ao Pescador amante  
A Ninfa delicada  
Neste dia assegura. Ah! queira o Fado,  
Propicio queira o Ceo  
A chama fecundar deste hymeneo.

Forme das almas bellas  
Amor o seu thezouro ;  
E com as settas d'ouro  
Se veja triunfar.

De perolas tributo  
Lhe renda a fertil onda,  
O mar lhe não esconde  
A rama do coral.

---



## NIZE

## CANTATA VII

Onde, ó Nize divina,  
Onde te encontrarei, bella Pastora !  
O monte, o prado, o valle ando girando ;  
Nize ? Nize ? Suspiro. A meus clamores  
O ecco apenas me responde. Tudo  
Informa, ó Nize, de que auzente vives ;  
Que outro campo já pizas,  
Outras ovelhas, outro gado reges ;  
Que desprezas aquella choça amada,  
Junto a nossa ribeira fabricada.  
Ah ! Se é certo, que Nize  
Nestes campos faltou ! Mas que duvido !  
Sem oôr a planta, a flor amortecida,  
O ar escuro, o Sol sem luzimento,  
Este monte, este rio, aquelle prado,  
Me diz, que Nize (oh Ceos !) lhe tem faltado.  
Nize ? Nize ? Meu bem ? Ah ! se inda aos longes  
Chega o clamor de meus suspiros, sabe,  
Que vives na minha alma,  
Na minha alma, que adora  
Tão bello encanto, tão gentil Pastora.

Vou pizando esta floresta,  
E os teus passos vou seguindo ;  
Cego Amor vai conduzindo,  
Como norte, a minha fé.

Vejo a flor no campo alegre,  
 Vejo a luz nos Ceos tão bella:  
 Nize, digo, é esta estrella;  
 Nize, digo, esta flor é.

Mas ai! E que mal chego a conhecer-me  
 No delirio, que occupa os meus sentidos!  
 Como, ó Nize, imagino,  
 De meus olhos auzente,  
 Que lembrada estarás da fé constante,  
 Que um tempo me juraste;  
 Naquelle tempo, quando  
 Em tua companhia  
 Toda a montanha, ó Nize, a cada instante,  
 A cada hora em fim, cada momento,  
 Me via (oh doce estado!)  
 Já conduzindo o teu rebanho ao prado,  
 Mais ditozo, que todos os do campo,  
 Quando o Sol mais ardia,  
 As agoas a beber da fonte fria;  
 Ou já sendo o calor do Sol mais brando,  
 o curral, onde o tinha então cercado,  
 Menos dos cães, do que de mim guardado!

Quantas vezes (oh Ceos!) quantas  
 Digo ao valle, digo ao monte:  
 Viste a Nize! Aquelle fonte  
 Testemunha pôde ser.

Mudo o valle, o monte mudo,  
 Tudo está suspenso: tudo  
 Me parece, que responde:  
 Eu não vi Nize, o teu bem.

## NICE

## CANTATA VIII

Vi lascio, ó mie felice,  
 Pasciute Pecorelle;  
 Ch' or non provo per voi quella dolcezza,  
 Che le frondose selve  
 M' ispirarono un giorno: d'altra cura,  
 D' altri diletti io sono già ferito:  
 La mia Nice, la mia  
 Inganatrice Dea  
 Così possiede il cor, ch'altro non bramo,  
 Che vederla ogni instante,  
 Che ogni instante adorarla,  
 Che muover in sua traccia i piedi miei,  
 Che per lei respirar, morir per lei.

Ite, mie care agnelle  
 Fra queste ombrose piante;  
 Ch' io non son meno errante  
 Di voi, che senza guida  
 Andate del Pastor.

Io vago il campo, il prato,  
 E veggo, nel mio fato,  
 Come il destino vostro  
 Non é del mio peggior.

Correte (oh Dio!) correte: itene voi,  
 Oh delle mie fatiche  
 La piu dolce, la piu gradita cura.  
 Voi sarete, io lo veggo;  
 E pur pietá per voi non sento (oh Dio!)

Voi sarete de' lupi  
 Preda infelice : e liberi tra voi  
 Si vedranno straciar le vostre membra  
 Fra i sanguinosi denti. Io non vi piango.  
 Nice, Nice crudele,  
 Nice, fiamma del core,  
 Non men bella del candido ligustro,  
 E non men della spina,  
 Che circonda la rosa, aspera e cruda ;  
 Tu sei, tu sei, ó Nice,  
 Chi mi toglie la cura  
 Delle felici mie, candide agnelle.  
 Lagnatevi di lei :  
 Quello, che á me non lice ;  
 Io non son che vi lascio, é la mia Nice.

Nice vi lascia (oh Dio !)  
 Nice, la mia tiranna,  
 Che della sua capanna  
 La libertá mi toglie,  
 Che respirava il cor.

Per lei piango : per lei  
 Vi lascio alla sventura :  
 Se Nice di me cura,  
 Io curaró di voi.

Itevi, dolci mie,  
 Dilette Pecorelle ;  
 Che già non siete quelle,  
 Que pascolava Amor.

Itevi pur ; se lice,  
 Cercate la mia Nice :  
 Se voi non la trovate,  
 Cercate  
 Altro Pastor.

II

**POESIAS INEDITAS**



# EPICEDIO

CONSAGRADO Á SAUDOZA MEMORIA DE FR. GASPAR  
DA ENCARNAÇÃO E OFFERECIDO  
A D. FRANCISCO DA ANNUNCIÇÃO

Se em puras fragoas de votiva chamma  
Tanto suor Arabico liquida  
O egipcio culto a seus Heróes, que fama  
Enriquecerão dos trophéos da vida :  
Se o resplendor da fugitiva rama  
A' tanta copia em marmores erguida  
Romano zelo em reverente indulto  
Pagou por feudo, tributou por culto.

A' tragica memoria, que da idade  
Os fastos ornará de um mudo espanto,  
Insigne Heróe, nas sombras da saudade  
Te accende immortal voto o nosso pranto :  
Não o lugubre ornato, que a piedade  
Barbara honrou no funebre Amaranto  
Te cinge a urna; porque acerca attento  
O luto, a dôr, a magoa, o sentimento.

Morreste! Oh! quanto a lastima se excita  
Ao echo infausto deste triste accento!  
Mas se tem parte a magoa de infinita,  
Que muito passe a dôr a ser portento!

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

Morreste! E como a esphera se limita  
Do coração ao gyro do tormento,  
A mortal ancia, que o pezar fecunda,  
Em ais se accende, em lagrimas se inunda.

Da Heroicidade no Sagrado Templo  
Idolo os dotes são, vive a virtude  
Reproduzindo o generoso exemplo,  
Em que a constancia novo alento estude :  
Na bella imagem deste bem contemplo  
Não sei, que novo allivio, porque ajude  
A respirar a dôr : oh! quanta gloria  
Restauramos da tragica victoria!

Que idéa nos propõe teu Sancto zelo  
Da militante vida, na clauzura  
Trocando com solícito disvelo  
O fausto em luto, a vida em sepultura!  
Da humildade um Seraphico modello  
Tu mesmo em ti creaste; em sombra escura  
Suffocando o esplendor daquella chamma,  
Que arde nas aras da glorioza fama.

Quanto despojo por trophéo honrozo  
Te vimos consagrar! Voto advertido,  
Que quanto no valor é mais preciozo  
É no merecimento mais subido!  
Assim dos Orbes o Motor gloriozo  
Prova o constante ardor no braço erguido  
Do Velho Pai, que com piedade estranha  
Victima o Filho vê, ara a Montanha.

Talvez anciosa a Purpura anhelava  
Cingir-te o peito de esplendor ufano,  
Talvez para o teu culto se banhava



De nova luz o Solio Vaticano !  
Mas, que ocioza a fortuna te dourava  
A torpe face do funesto dano,  
Se de seu gyro em direcção incerta  
Vias a porta ao precipicio aberta !

Mas oh ! inescrutavel providencia  
Do Altissimo concelho, que no mudo  
Silencio de um Moises, que encobre a Sciencia  
Queres lavar de teu poder o escudo !  
Aquella rara idéa da Prudencia,  
Aquelle, aonde o acerto faz estudo  
Chamas a ornar a portuguez memoria,  
Assombro de um Thomas, de um Carlos gloria.

Pasme a equidade, nunca acreditado  
De Nemesis melhor o recto officio !  
Nunca mais duramente subjugado  
O torpe aspecto do rebelde vicio !  
Descobre o engano o rosto disfarçado,  
Tem a verdade provido exercicio,  
Logra amparo a afflicção, premio a lealdade,  
Florece de ouro a venturoza idade.

Em baze tão feliz, tão generosa  
Descança o pezo o Luzitano Atlante,  
E da real grandeza entre a faustoza  
Pompa brilha a virtude mais constante :  
Não teme, não da Estrella tempestuoza  
O Sabio Heróe o aspecto fulminante,  
Porque sabe o seu peito sem desmaio  
Chegar-se a Jove, desprezando o raio.

Quantas de Pedro o Oraculo Sagrado  
Logrou dispozições naquelle peito,

Cujos arcanos altamente recatado  
 Cerrarão sempre as chaves do respeito!  
 Hoje em lagrimas tristes deatado  
 Da viva dôr o prodigioso effeito,  
 Qual se lizonja o sentimento fora,  
 Roma o suspira, Portugal o chora.

E tu, que autorizando o sentimento  
 Na mais nobre razão, que o persuade,  
 Fazes da muda fraze do lamento  
 Vozes da dôr nas linguas da saudade;  
 Que dirás do immortal egregio alento  
 Deste Alcides, que em hombros de piedade  
 O pezo reparando, que gemia,  
 Te faz de Deos eterna Monarchia?

Votos sejam as lagrimas ardentes  
 A' memoria daquelle consagradas,  
 Por quem já viste as forças decadentes.  
 Em vigoroso alento suscitadas :  
 As ternuras da magoa mais vehementes  
 Por elle em voz de jubilo trocadas,  
 Hoje o progresso da melhor ventura  
 Bazes te erige, idades te assegura.

Quantos trophéos o templo da piedade  
 Enriquecendo vão, do ardor colhidos  
 Daquelle braço, em cuja actividade  
 Obrão de Deos impulsos escondidos!  
 Quantos armando para a Eternidade  
 Se vão de esforço espiritos luzidos,  
 Lavrando da fadiga aquella gloria,  
 Premio em triumpho, Louro na Victoria!

O' Alma inimitavel! mas aonde  
Sobe a idéa, contempla-te o desejo,  
Se apressar-se no horror, que mal se esconde  
O golpe atroz da Lybitina vejo!  
Aqui o echo funesto corresponde,  
Que lá gemem as Driadas do Tejo :  
Duro decreto, só justificado  
Em ser pensão do humano, e lei do fado!

Ficará em nós a duvida, imagino,  
A não render-se ao corte deshumano,  
Se era, animando acertos de Divino,  
Superior á proporção de humano :  
Dando o triumpho ao barbaro destino,  
Assim nos mostra Jove Soberano,  
Que lhe faz estragando a humanidade  
Immortal o esplendor da Heroicidade.

Com a tremula mão, que mal se alenta  
A' execução do rigoroso officio  
O infeliz Genio á Lastima violenta  
Violento rende o infausto sacrificio :  
Chega, pasma, desmaia, emprende, intenta,  
A chamma já com languido exercicio  
Mal se anima na luz : o Deos magoado  
A apaga então, e obedece ao fado.

Sobes de ardente jubilo banhada,  
Alma glorioza, á região brilhante;  
Quem duvida, que a ser intronizada  
No aureo assento do lucido Diamante!  
A pompa dos Elysios celebrada,  
Nunca mais pura, nunca mais fragrante  
Em purpureo esplendor de acceza pyra  
Nuvens de incenso ao Zephiro respira.

Alli, aonde em campos de alegria  
Consonancias harmonicas dezata  
Aquella suave accorde melodia,  
Que a idéa prende, que as potencias ata;  
Onde é perpetua a luz, perpetuo o dia,  
Onde a imagem do assombro se retrata  
No rasgo vario da melhor esphera  
Goza a immarcessivel Primavera.

Tu, que ao tumulto triste da agonia  
Erigido a fadigas do lamento,  
Entregas por cadaver a alegria,  
Por allivio fabricas o tormento :  
Respira a intensa magoa; pois seria  
Agravo a dôr, injuria o sentimento,  
Ver restaurado o bem, e não ver logo  
O mal sem pena, a dôr com desafogo.

Em Francisco restaura o culto agora  
A viva copia de Gaspar auzente,  
Quando justo o contempla, quando o adora  
Douto, Affavel, Benevolo, Prudente :  
De balde a magoa sepultado o chora,  
Que em tão seguro bem o vê presente,  
Ou consulte a virtude, ou animado  
No sangue admire o esplendido traslado.

---

## ODE

## AO SEPULCRO DE ALEXANDRE MAGNO

Cercando a urna d'oiro  
 Eu vejo os Generaes do forte Grego ;  
 A' fria sombra me avisinho e chego,  
 Observo o murcho loiro  
 Na descorada testa :  
 Nada do antigo resplendor lhe resta,  
 Mal da languida mão de industria preso  
 Cahe, ou pende do sceptro o inutil peso.

Se serás de Phillippe  
 O vencedor herdeiro, aqui pergunto ;  
 Deixa que o mundo a teu cadaver junto  
 Este aviso antecipe ;  
 Elle não pôde crer-te,  
 Se hoje, Olympias, por ti lagrimas véрте,  
 Aonde estão os grandes, onde as glorias,  
 Com que a Patria te honrou, tantas victorias?

As Legiões distantes  
 Aos limites das terras verdadeiros,  
 Nós te vimos marchar entre guerreiros  
 Esquadrões triumphantes :  
 Té os reinos d'Aurora  
 Levaste o ferro e a chamma abrazadora ;

Mas desde o Indo, e desde o Idaspe cheio  
 Voltas de luto, a terra te abre o seio.

E que espaço te espera  
 Do conquistado globo ? Acaso a vasta  
 Extensão do Universo ? Ah não, não basta  
 A Alexandre, que dera  
 Tanto susto ao Universo,  
**Que affrontando o terror de Marte adverso,**  
 De novos mundos á conquista aspira,  
 Não basta o mundo todo a erguer-lhe a pyra.

Do Antartico a Calisto  
 O ambito se busque ; neste espaço  
 Se guarde o peito, e se sepulte o braço,  
 Que a Grecia tem já visto  
 De rapidas campanhas  
 Tinto no sangue, ó Céos ! Elle ás entranhas  
 Da terra desce aqui em termo breve,  
 Sobe ao sepulcro, e cobre-o a terra leve..

Grandes, que arrebatados  
 Da soberba ambição, levae a guerra  
 A's mais longinquas regiões da terra,  
 Agora debruçados,  
 Se é que o pasmo o concede,  
 Sobre o sepulcro de Alexandre vêde  
 Como eloquente o seu silencio dita  
 Os desenganos, que a razão medita.

Philosophos de Athenas,  
 Os porticos deixae de Themis clara,  
 Lição mais digna um morto vos prepara,  
 Da Acadêmia as serenias  
 Estudiosas horas

Abandonae ; tu, que divino fôras,  
 Sabio Platão, se esta doutrina lêras,  
 Como tardas a vir ? que mais esperas ?

Mas já dizer-te escuto  
 A' vista do spectaculo funesto :  
 Este do Heróe o desgraçado resto ?  
 Das conquistas o fructo  
 Outros a colher correm,  
 Se quentes inda da victoria morrem  
 Os dominantes d'Asia ; oh ! e quão pouco  
 Dista o orgulho d'um grande, ou já de um louco !  
 O' sabio d'Estagira,  
 Deixa que entre, e registre a infausta scena,  
 Elle é que as honras funeraes ordena  
 Ao vencedor, que expira :  
 Eu te instruí prudente  
 Na temperança, diz, hoje presente,  
 Hoje a meus olhos, tu lição mais pura  
 Me intimas desde a fria sepultura.

A tropel vêm chegando  
 Os mais, que a Grecia nos seus fastos conta,  
 Aqui Demetrio, alli Meton se aponta ;  
 Philotes está dando  
 A distinguir seu rosto :  
 Xenofonte, Solon, Philaon posto,  
 Cade um sobre o tumulo feridos  
 De penetrante dôr lanção gemidos.

Tu, Philemon famoso,  
 Que de teu General honraste o lado ;  
 Tu, que ao Thrace feroz, ao Scita ousado  
 Disputaste brioso,  
 Se te vejo este dia

Suffocar toda em luto Alexandria,  
Quando cingido de abraçadas luzes  
De Augusto Chefe o feretro conduzes :

Tu só por derradeiro  
Deves alçar a voz ao gyro em roda,  
Que cévãõ já teus olhos, pende toda  
Junto ao morto guerreiro  
A officiosa assembléa,  
Das humanas grandezas uma idéa,  
Principes, vos aterre; estes espectros  
Falão sé co'os diademas, e co'os sceptros.

Ah ! possa um destro engenho  
Sobre a campa do Heróe deixar gravado  
Sabio leteiro á idade encommendado :

De o consultar eu venho  
Nas Atticas fadigas :  
« Caminhante, aqui jaz, mais não prosigas,  
« Quem o mundo a si todo vio sujeito,  
« Para occupar do mundo um campo estreito. »

---



## SAUDAÇÃO

## A' ARCADIA ULTRAMARINA

Emfim eu vos saudo,  
 O' campos deleitosos,  
 Vós, que á nascente Arcadia em grato estudo  
 Brotando estaes os loiros mais frondosos;  
 Eu vos vou descobrindo,  
 Bellas estancias do pastor *Termino*.

Já sinto que respira  
 Uma aura em nós suave;  
 Orfeo pulsa de novo a doce Lyra,  
 Ouve Thebas de novo o plectro grave;  
 Seu numero é mais terno  
 Que o que muros ergueu, parou'o Averno.

Que pastores tão novos  
 São estes, que vos pisão?  
 Como entre tristes e grosseiros povos  
 De nova gala os campos se matisão?  
 Quem fórma estas cadencias?  
 Quem produz tão mimosas influencias?

Se os olhos me não mentem,  
 Os venturosos nomes  
 Gravados nestes troncos já se sentem,  
 Tu, Tempo, gastador os não consomes;  
*Briareo* aqui diz este,  
*Ninfeo* diz outro, aqui diz outro *Eureste*.

Na mais copada faia  
 Abrio o ferreo gume  
 O nome de *Termino*; o Sol, que raia,

Aqui bate primeiro o claro lume,  
 Elle o vê, elle inveja,  
 Eterno o nome, eterno o tronco seja.

Ah! se da gloria vossa,  
 Pastores, cá me vira,  
 Tão digno, que na bella Arcadia nossa  
 Igualmente meu nome se insculpira!  
 Entre a serie preclara  
 De *Glauceste* a memoria se guardára.

Mas onde irá sem pejo  
 Collocar-se atrevido  
 Quem longe habita do sereno Tejo,  
 Quem vive do Mondego dividido,  
 E as auras não serenas  
 Do patrio Ribeirão respira apenas?

Sim, vosso caro abrigo,  
 Pastores, pôde tanto,  
 Que despertando do silencio antigo,  
 Erguer bem posso sem vergonha o canto:  
 Comvosco está *Glauceste*,  
 Comvosco faz soar a frauta agreste.

Se não cantar os feitos  
 Do bom pastor d'Anfriso,  
 Se de Jove e de Marte entre os eleitos  
 Não espalhar cantando um doce riso:  
 Saberei nesta praia  
 A Titiro imitar junto da faia.

Em vós, ó campos, cresça  
 A vegetante pompa,  
 Cresça o verde esplendor, em vós floresça  
 A murta, o loiro, e na doirada trompa  
 Do monstro sempre errante,  
 O nome de *Termino* se levante.

## CANTO HEROICO

*Ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> D. Antonio de Noronha na  
ocasião em que os movimentos da Guerra do Sul  
o obrigarão a marchar para o Rio de Janeiro  
com as Tropas de Minas Geraes.*

*Jam nunc minaci murmure cornuum  
Perstringis aures, jam litui strepunt  
Jam fulgor armorum fugaces  
Terret equos, equitumque vultûs.*

Horat. lib. II, Carm. I.

## 1

Marte feroz, que com semblante irado  
Influes nos mortaes a dura guerra,  
Soffre que a teus ouvidos chegue o brado  
Da minha afflicta, e magoada Terra :  
A paz tranquilla, e o sereno estado  
Do nosso bem por ti já se desterra;  
Por ti eu vejo, que a discordia crua  
Sacode as serpes da madeixa sua.

## 2

Busca a ardente fornalha o ferro, que antes  
De util arado ao lavrador servia;  
Punhaes agudos, lanças penetrantes  
Levão na mão, que os rege a morte fria :  
Ouvem-se as vozes dos clarins vagantes,  
Sôa da caixa a funebre armonia,  
Guerra, guerra publica o ecco horrendo,  
Que os monte fere, os valles vae rompendo.

## 3

Deixa da amada espoza o casto leito  
 O saudozo Pai, que o Filho adora,  
 do amor, e da honra ao vario effeito  
 Desperta a um tempo, e ao mesmo tempo chora  
 ugi mortaes, que o palpitante peito  
 eme, e se gela ; a Fama vencedora  
 De longe vos acena, e vos convida ;  
 Mas de sangue e de pó será tingida.

## 4

Ceos, e como inda anima a idêa infame  
 Um concelho tão vil ? que influxo impuro  
 Me arreata, e me obriga a que vos chame  
 Ao letargo infeliz de um veio escuro ?  
 A gloria illustre, a gloria vos inflame  
 De sustentar de vossa Patria o muro,  
 De ver a vossos pés o orgulho fero,  
 Com que vos ameaça o ferro Ibero.

## 5

Noronha é que vos guia. Elle na frente  
 Dos Reaes Esquadrões empunha a espada,  
 Aquella espada, que inda fuma quente  
 Do sangue Hispano, em que já foi banhada  
 Dos Preclaros Avós, quando pendente  
 Se viu da Fama na immortal morada,  
 Ella inspira neste Heroe o exemplo,  
 Que bem desempenhado hoje contemplo.

## 6

Se buscaes da Victoria um fausto agoiro,  
 Eu volo posso dar : entrai commigo  
 A revistar o Templo ; vede o Loiro

De tanto egregio resplendor antigo,  
Aquelle respeitavel busto de oiro  
Guarda o primeiro Pedro : o Rey amigo,  
O Quinto Affonso os seus serviços mede  
No Condado feliz de Cantanhede.

## 7

Derivando-se a rama esclarecida  
Dos illustres, esplendidos Menezes  
Por um Jorge, um João, e outros que a vida  
Perderão entre os bellicos arnezes;  
Vede no grande Antonio enriquecida  
De mil trofeos a gloria, este que as vezes  
Sustenta do Primeiro, em premio prova  
Por mão do Rei Felipe a mercê nova.

## 8

Passa o Titulo a Antonio, e já respira  
Neste Conde immortal a gloria rara  
Do excelso Marquezado : o Rei admira  
Crescer a Estirpe magestoza, e clara :  
De ramo em ramo se dilata, e gira  
O Regio adorno, que a Fortuna ampara  
Grandes são todos, e a maior grandeza  
E' das virtudes a feliz nobreza.

## 9

Menezes, e Noronhas vem ligados  
Em laço illustre, e de mil Reis a gloria  
Se vê reproduzir nestes traslados,  
Que os fastos enchem ja da Luza Historia :  
Nas bellicas emprezas aprovados,  
Oh e quanto distintos na memoria  
Eu os encontro, eu os adoro, e vejo  
Se busco o Ganges, se demando o Tejo !

## 40

Africa o diga em desolados cumes  
 De frios ossos alvejando as praias,  
 Digão no de Asía aos cortadores gumes  
 Razas no campo as Legiões cambaias.  
 Semideuzes da terra, e dignos Numes  
 Os viu o Tejo nas frondozas raias,  
 Em Montes Claros, e Elvas inda soa  
 O clarim, que as victorias apregoa.

## 41

Que parte o mundo em seus limites conta,  
 Que de tantos Heroes não honre, e guarde  
 As preclaras accões? Febo as aponta  
 Onde nasce, onde morre, e onde mais arde.  
 Se a um, e a outro hemisferio se remonta  
 A gloria sua; a nos se não retarde  
 A ventura de vermos neste Estado  
 Por um Noronha o nosso bem firmado.

## 42

Antonio, o grande Antonio é quem segura  
 Das Patrias Minas o feliz districto,  
 Por elle a mão da provida Ventura  
 Tem o nosso prazer em bronze escripto :  
 Dos ferteis campos, que talar procura  
 O soberbo Hispanhol, eu ja medito  
 Que livres do temor, do pranto enxutos,  
 Nós passaremos a colher os fruetos.

## 43

Então de palmas a coberta estrada  
 Aos seus triumphos abrirá caminho,  
 Mil vivas entoando a Esquadra armada,

Desde o Rio da Prata a Doiro, e Minho.  
 Pender veremos da luzenta espada.  
 Ricos despojos, que o curvado Pinho  
 Farão gemer; veremos como torna  
 Cheio de loiros, de que a testa adorna.

## 44

Parte, valente Heróe, parte, e a teu mando  
 Ajunta um corpo de rendidos peitos,  
 Que então são dignos de seguir-te, quando  
 Amão da gloria os immortaes respeitos :  
 Teu nome, o vôo sobre a Fama dando,  
 Passe da munda os ambitos estreitos;  
 E alem da meta, que o Thebano assigna  
 Firma o braço da Lusitana Quina.

## 45

Candida murem desde os Ceos desata  
 A abundancia, o prazer, e a alegria  
 Sereno o aspecto da Fortuna ingrata  
 Longe de nos Rhemnuzia se desvia.  
 Não he engano, que a illusão dilata  
 Na fecunda ocioza fantezia;  
 Eu o vejo, eu o sinto, e ja se apressa  
 A feliz hora e a estação começa.

## 46

Correi de leite e mel, ó Patrios rios,  
 E abri dos seios o metal guardado;  
 Os borbotões de prata, e de oiro os fios  
 Saião de Luzo a enriquecer o estado :  
 Intractaveis penedos, montes frios  
 Deixae ver as entranhas, onde o Fado  
 Reserva pela mão do Heróe mais nobre  
 Dar ao mundo os thezoiros, que inda encobre.

## 17

Verdes negros Tritões tecendo a amarra  
Prendão no Tejo as carregadas Frotas,  
Que vem buscando a Luzitana terra,  
Lá desde o seio das regiões remotas :  
O Hispano leão curvando a garra  
Trema de espanto, e nas entranhas rotas  
Sinta o furor da macilenta inveja,  
Que o roe, e morde, e em devorar forceja.

## 18

Mas eu que me dilato, ou me detenho  
Nas imagens de auspicio tão ditozo?  
Se a profetica luz em desempenho  
Transpira ja no quadro luminoso?  
Já desde o Porto o desatado lenho  
Ao triunfante Heroe recebe anciozo,  
Ja pouco a pouco o vento, abrindo as velas,  
Foge do Patrio Rio ás praias bellas.

## 19

Parte, valente Heroe, mas deixa em tanto  
Que te chore o Paiz dezerto, e triste!  
Quanto e' pezada a tua auzencia, e quanto  
Ella de balde a tanta dôr reziste!  
Permitte ao menos que o saudozo pranto  
Te acompanhe, e te siga, e se ja viste  
De ua muda eloquencia o ardente effeito,  
Rende a ternura o resolutu peito.

## 20

Volta o semblante a nós, e agradecido  
Um innocente adeus de nos recebe,  
Que mal se explica o tremulo gemido,



Que ua ancia absorve, e um suspiro bebe!  
Nos te perdemos, e de longe ouvido  
O teu nome entre sustos mal concebe  
Uma idea a esperanza, de que possa  
Mudar-se a face da saudade nossa.

## 21

Da prudente mão, que dirigia  
As redeas do Governo, a ti fiado,  
Choraremos a falta : Ella fazia  
E do Rei, e do Povo o doce estado.  
Quem por teu beneficio, quem gemia  
Ao pezo da oppressão, quem melhorado  
Não via o seu destino, soccorido  
Da tua proteção, de ti ouvido ?

## 22

Conservado o equilibrio da balança  
De Nemezis o altar com vivo culto  
Descançava em pacifica bonança,  
Livres a innocencia do orgulhoso insulto :  
A justiça, a razão, a segurança  
De todo o nosso bem, qual nobre indulto  
Em ti não encontrou? por ti vivia  
Da Virtude o esplendor, por ti luzia.

## 23

Se pois mais digno emprego hoje te inveja  
E de nós te retira, ou te separa,  
Digno de ti o nosso pranto seja,  
Nelle o seu voto o nosso amor prepara.  
A tua gloria, e ao teu nome eu veja  
Erguer se um Templo, e levantar-se uã ara,  
Onde aos Heroes, que respeitar a idade  
Sirva de exemplo a tua heroicidade.

## 24

E tu, o Genio Hispanhol, que a face ostentas.  
 Tinta de sangue, e aos mortaes ensinas  
 A tecerem no estrago, que fomentas,  
 Da humanidade as miseras ruinas,  
 Tu, que fizeste respirar violentas  
 Da guerra as chamas entre as Luzas Minas.  
 Vejas em triste vergonhoza injuria  
 Convertida em teu damno a propria Furia..

## 25

Ao carro atado de Noronha um dia.  
 Possas atravessar os campos, onde  
 Ha muito que te espera, e desafia  
 Ó valor Portuguez, que o Tejo esconde :  
 Legéa, a bella Ninfa o prometia,  
 E Proteu, que a seus votos corresponde,  
 A instantes nos faz ver, que esta esperança  
 No braço de um Noronha se affiança.

## 26

Por ti de Thebas renovada a scena,  
 Pula grande ira dos irmãos travados,  
 Que rompe, abrindo a terra, a paz serena  
 Da seara dos dentes derramados.  
 Por ti de amor a Lei se desordena,  
 São da amizade os vinculos quebrados,  
 Que auspicio te assegura a idêa estranha,  
 Se no sangue fraterno a mão se banha!

## 27

Melhor tu foras de Africa orgulhoza  
 Quebrar o alfange, e ensanguentar as Luas  
 Que dos despojos teus enche glorioza

Os altos capiteis das Torres suas ;  
Melhor das Indias a porção precioza  
Vingára o raio das espadas nuas,  
Tal vez então que o merito fizesse  
Na justa causa a honra do interesse.

## 28

Mas desde Ebro desatar o Pinho,  
Qual fero Jarba a disputar Cartago ;  
Do parente, do amigo, e do vizinho  
Tentar o golpe, e fulminar o estrago ;  
Fazer do Elizio no immortal caminho  
Tantas almas de Heroes cruzar o lago  
Do Frio Lethe : ah que o teu nome eu veja  
Andar aos netos com vergonha, e pejo.

## 29

Se a impulsos de um furor corre inimigo  
Teu braço a provocarnos, eu te juro  
Que vejas renascer o esforço antigo,  
Que tantas vezes te atacou seguro :  
Traze em memoria o misero castigo  
Daquelle pacto, que te achou perjuro,  
Vê se os trezentos Fabios inda alenta  
A serie augusta dos Varões quarenta.

## 30

Lembre-te que de todo enfraquecido  
O Reino estava, e qual Antheu gigante  
Com mais forças pulou do chão erguido  
A restaurar o sceptro vacilante ;  
Lembre-te que entre os poucos do partido  
Nenhum tão digno de que a Fama o cante  
Como um Pedro Menezes. Tens presente  
No grande Antonio o successor valente.

# TRADUÇÃO DE UMA ODE DE VOLTAIRE

AO REI DE PRUSSIA

---

## ODE

A mãe da morte a tremula Velhice  
Com a sua mão de ferro tem quebrado  
As forças de meu corpo, e fez que eu visse  
Dos males seus meu anino atacado.  
Eu te desprezo idade fatigada :  
Eu vivo junto a um sabio, eu te não temo ;  
    Elle no ultimo extremo  
A vida me fará menos pezada.

## 2

Correi meus dias ultimos sem medo,  
Correi junto a um Heroe, que altivo, e forte  
Vos faz gozar da vida o sonho ledô,  
Sem susto algum ao triste horror da morte.  
    Elle me instrue, e intrepido me torna,  
Firmes meus passos são, pois que elle os guia  
    Um mortal, de quem fia  
Pallas o escudo, de valor se adorna.

## 3

Filosofo dos Reis, com que alegria  
Aos Elyzios irei, pizando flores,  
Do maior dos seus grandes successores

A Marco Aurelio fallarei um dia,  
A Salustio lerei a vossa historia,  
Vossas leis a Licurgo, e vossos versos  
A Virgilio. Que gloria,  
Que talentos tão raros, tão diversos!

## 4

Mas logo que eu descer ao Reino escuro,  
Não vades vós, Senhor, a vizitalos,  
Regei o vosso Povo em paz seguro,  
E bem tarde ao depois ide a buscalos.  
Eu estarei tecendo junto ao Lethe  
Novos loiros, se a margem sua cria,  
Agradecida, e pia  
Minha mão este obsequio vos promette.

---

## ODE

## A MILTON

Comtigo me ~~entretenho~~,  
Comtigo passo a noite, e passo o dia,  
E cheia a fantasia  
Das imagens, ó Milton, do teu canto,  
Comtigo desço ás Regiões do espanto,  
Comtigo me remonto a imensa altura,  
Que banha de seu rosto a formozura.

## 2.

Tamiza, que nos deste  
Dentro do seio teu tão alto engenho,  
Que o sagrado dezenho  
Do divino Poema lhe inspiraste,  
Como o cofre dos males derramaste  
Sobre a sua fortuna? Como ao Fado  
O trazes desde o berço abandonado?

## 3.

Não basta além da Patria  
Perigrino vagar estranhas terras,  
No horror das civis guerras  
Ensanguentar o braço ás Muzas dado,  
Da torpe, e vil pobreza inda vexado  
Queres que gema, e conte em baixo preço  
De seus estudos o cançado excesso?

## 4.

Sim, esta é a ventura,  
 Estas as murtas, e as grimaldas de oiro  
 Que ao seculo vindouro  
 Hão de levar os que de Aonia bebem:  
 Fortuna, os teus thezouros só recebem  
 Bastardas Gentes, que da tenra infancia  
 Afagou nos seus braços a Ignorancia.

## 5.

Tu o sabes, ó Tejo,  
 O teu grande Camões o geme, e chora;  
 Nem mais risonha anhora  
 No Apenino esclarece ao nobre Tasso:  
 De porta em porta vagarosa, e lasso,  
 Mendigando o cantor da Grega gente,  
 O pezo infausto da miseria sente.

## 6.

Nega-lhes muito emobora  
 Deuza inconstante as vãs riquezas; tudo  
 Entre o silencio mudo  
 Dos tempos jazerá; a illustre gloria,  
 Que os nomes encommenda a larga historia  
 Livre de naufragar nesta mudança  
 Os guarda, e zela na immortal lembrança.

## 7.

Por ella te contemplo  
 Calcar, ó Milton, da desgraça o collo;  
 Desde o gelado Polo  
 Teu nome vencedor a nós se estende,  
 Em nobre fogo o coração accende,  
 Quando nos abres a feliz estrada  
 De Epopeia ja mais de alguns trilhada.

## 8.

A nunca ouvida lingua  
 Das eternas celestes creaturas,  
     As suaves ternuras  
 As castas expressões dos Pais primeiros,  
 De incorporeas substancias os Guerreiros  
 Combates no Aquilon ! tudo imagino ;  
 Tudo e' grande, ó bom Deus, tudo e' divino.

## 9.

Võa do Estigio Lago,  
 O' Espirito rebelde : hum frio gelo  
     Me deixa apenas vello !  
 Tenta a Equinocial, vaga os abismos,  
 Que horror ! Entre funestos paroxismos  
 Talvez chego a temer, que o Monstro possa  
 Cantar os loiros da tragedia nossa.

## 10.

Ah não : oiça-se o brado  
 Da Epica Trombeta : o raptó admiro,  
     E ja no dubio giro  
 Longe de me aterrar o Dragão fero,  
     Arrancadas montanhas ver espero  
 Do Trono de Sião, vingado a injuria,  
 Confunde-te, oh soberbo, e rende a furia.

## 11.

Estranhas maravilhas  
 De algum Genio mortal jamais tentadas !  
     Idêas animadas  
 Na mais nova, mais rara fantezia !  
 Se Milton pela mão nos leva, e guia,  
 Cesse do bem perdido a fatal ancia,  
 Esta e' de Edén a milagroza estancia.



## 12.

Muzas, vos que educastes  
Alma tão grande, e que a gostar lhe destes  
As doçuras celestes  
Do nectar, e da ambrozia, um novo loiro  
Vinde tecer-lhe ; e junto ao Busto de oiro  
Mandai gravar este Epitafio breve :  
Milton morreu : seja-lhe a terra leve.

---

# ODE

## NO ATTENTADO CONTRA POMBAL

heo fortissimus...

Ad nullius pavetis occurram.

Prov. cap. 30 vs. 30.

*Descobrimo-se a tração maquinada por João Baptista Pelle, natural de Genova contra a vida do Ill<sup>mo</sup> e Ex<sup>mo</sup> Sn.<sup>or</sup> Marquez de Pombal.*

Monstro do Abismo, detestavel Furia,  
 Horror da fe', da humanidade injuria,  
 Tu conspiraste contra aquella vida  
     Que dos Ceos protegida  
 Aos Portuguezes Povos assegura  
     A paz, e a doçura  
 Ferteis thezoiros, que a Fortuna encerra.  
 Aborto foste da Estrangeira Terra :  
     Que o berço Luzitano  
 Não produz a traição, o insulto, o engano.

2.

Barbaro, e que emprendeste? Uma obra rara,  
 Que o Ceo em tantos annos preparara.  
 No estrago suffocar de um só momento!  
     Do infame atrevimento  
 Ve como o Ceo justa vingança toma!  
     Como o orgulho se doma!  
 Banhada no seu sangue a torpe idèa  
 E' ja cadaver a maldade fèa ;  
     Sossobrada a memoria  
 No Epitafio das cinzas lê a historia.

## 3.

Erguer eu vejo a erriçada testa  
 O religioso Tejo; elle protesta  
 Que este horror, este insulto, este attentado  
 Não foi ali gerado.  
 Teme-se a peste sobre o seu terreno  
 No contagio, ou veneno,  
 Que impio Genio derrama: a sepultura  
 Lhe não abra entre nós a terra dura.  
 Debalde o corpo clame:  
 Longe, longe de nós a sembra infame.

## 4.

Espiritos vagantes do ar corrupto  
 Recebei, recebei este tributo  
 Que o sacrilego Palle hoje vos rende:  
 Elle e' tão vil, que offende  
 Vossa mesma impureza; se alguma dia  
 A horrenda companhia  
 Se lhe ajunta dos vossos Ravalhaques,  
 Dos vossos Dimiaens, dos vossos Jaques,  
 Dizei-lhes quanto avança  
 Genova infausta ao que attentara França.

## 5.

De palmas, e de loiros vinde agora  
 Cercar o Trono, que enche, e condecora.  
 O Ministro Real: As vossas vezes,  
 Illustres Portuguezes,  
 Basta um Noronha a sustentar; levando  
 Os seus votos, e dando  
 Ao Sanctuario repetidas graças:  
 Elle nos mostra as fatias desgraças,  
 Que o Luzo Reino evita,  
 Graças de Enrique a Protecção bendita.

## 6.

Mostra-nos que a bastarda impia doutrina,  
 Que arma a subdita mão contra a Divina  
 Face do Rei, só e' do orgulho feio  
     Approvada no seio :  
 Se na acção o rebelde se confunde,  
     Se o terror se lhe infunde,  
 Não e' que a força, ou a prudencia humana  
 Seus impulsos contesta, e desengana ;  
     Sobre o sceptro, e a corõa  
 Vela so Deus: e' Deus quem o pregoa.

## 7.

Salva temos a vida, em quem descança  
 De todo o Reino a paz, e a segurança,  
 A justiça, a razão, e o bem de todos :  
     Por mil suaves modos  
 A mão fecunda, repartida vede.  
     Elle a nós nos concede  
 Desde ua longa desigual distancia  
 Os fructos da mais provida abundancia.  
     Antonio o assegura,  
 Antonio, que a Carvalho se afigura.

## 8.

Por este Ephestião do Rei mais digno  
 Dadiva, ou premio ja do Ceo benigno,  
 Alegres sempre a respirar vivemos,  
     Nelle a virtude temos  
 Dos egregios Avós desempenhada ;  
     Daquelles cuja espada,  
 Nos districtos do Occazo, e do Oriente  
 Tanto esplendor, tanto trofeo pendente  
     Consagrara a Memoria,  
 Para os fastos honrar da Luza Historia.

## ECLOGA

*A Illm.<sup>m</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria Jozé Ferreira  
d'Essa no dia dos seus felicissimos annos*  
TITIRO, E MELIBEU

- Mel.*— Titiro, como aqui tão descansado  
A sombra desta faia, não te assusta  
Ver o rebanho teu todo espalhado ?
- Tit.*— Ah Melibeu, que pode a sorte injusta  
Trazerme já de mal, se em meu amparo  
Eu tenho a proteção mais sancta e justa ?  
Tu não ves este Ceo sereno, e claro ?  
Este campo não ves todo florido ?
- Mel.*— Eu vejo tudo, sim, tudo reparo.
- Tit.*— Pois cres tu que se occupe o meu sentido  
Já em temer mais damno, ou desventura,  
Se o meu Pais é outro do que hasido ?  
Aqui é que se prova essa doçura,  
Que o disvello dos homens tanto cança ;  
Ella na paz se logra, e na brandura.  
Quando ja mais se viu esta bonança,  
Em que dorme o Pastor co'a porta aberta  
E ate' o proprio cão dorme, e descança ?
- Mel.*— Mas quem dá esta dita ? Un tempo alerta  
Te via sempre estar temendo as iras  
Do Lobo roubador, que o cão desperta ?

*Tit.* — Tu que de min tão longe te retiras,  
E estás vivendo la n'outra montanha  
Razão tens de ignorar se aqui não giras.  
Vem discorrendo o monte, ouve essa extranha  
Maravilha, que vai por toda a parte,  
Ou segue os passos meus, e me acompanha.  
Que te soa aos ouvidos?

*Mel.* — Com tal arte  
Um canto escuto aqui entre os Pastores,  
Que apenas o prazer posso explicarte

*Tit.* — E que? Cantão acazo os seus amores?  
Queixam-se do rigor das Ninfas bellas?  
Andão correndo após dos seus favores?

*Mel.* — Não: o assumpto do Canto não são ellas  
Antes as mesmas Ninfas vem tecendo  
Para uã Maioral novas capellas.  
Juntas com seus amados concorrendo,  
Em danças por mil modos inventadas  
Ao redor della as vejo estar dizendo:  
Recebe estas offertas consagradas  
Por mão do nosso amor, Filha de Albano,  
Que as dadas de amor são mais prezadas.

*Tit.* — Ah se ouviste este nome soberano  
Não te demores mais corre comigo  
Vem vêr a quelle rosto mais que humano.

*Mel.* — Quem e' essa Pastora, dize amigo,  
Que eu não sei por que força a estou amando,  
E de vontade a vou buscar comtigo?

*Tit.* — Quando chegues a ella a mão beijando,  
Sabe que vendo estás essas mais digna  
Maioral, que hoje o Tejo nos vem dando,  
Aquella que de nós toda a maligna  
Influencia dos Astros já disterra,

E os nossos campos vem guardar benigna,  
 Aquella, que deixou a Patria Terra,  
 Que o Minho, e o claro Lima inunda e lava,  
 Para habitar connosco nesta serra.  
 O mal, que aos nossos gados agoirava  
 De sorte fugiu já, que não tememos  
 O contagio da peste, e a fera brava.  
 Com ella os nossos dias passaremos  
 Tão cheios de prazer, e de alegria,  
 Que da doirada idade nos lembremos,  
 Idade, em que o Pastor se divertia  
 Ao som do seu rabíl, e doce avena,  
 E da inveja os venenos não temia.

*Mel.*— Titiro, se este bem o Ceo te ordena,  
 Eu parte quero ter na tua gloria,  
 Que perder um tal bem me e' grande pena.  
 Eu dessa Maioral tinha memoria,  
 Desde o meu velho Pai, que me contava  
 Da honrada gente sua a antiga historia.  
 Sempre em Ferreiras d'Essas me falava  
 Grandes no Minho, que respeita o Tejo.  
 De regio e illustre sangue elle os gabava.  
 Mudar-me para aqui tãobem desejo  
 Deixar quero o meu campo, e os meus mon-  
 [tados  
 Que esta dita Pastor eu muito invejo.

*Tit.*— Podes vir; e entre os meus, entre os teus  
 [gados  
 Não farei differença, dormiremos  
 Debaixo desta sombra reclinados,  
 E o seu louvor somente entoaremos.

## O DE

# N'UM ANNIVERSARIO

*(Aos annos da Ill.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria Jozé  
Ferreira d'Essa e Borbon.)*

Inexperto menino, os moles annos  
Icaro a contar chegava,  
Quando o Pai se esforçava,  
Artifice infeliz de mortaes damnos,  
A tecer-lhe nacera a debil penna,  
Dando-lhe as azas, de que uzar lhe ordena.

### 2

Pelos espaços da região vazia  
Dirige o tenro Moço o voo incerto,  
E já das chamas perto,  
Se derrete a materia, que pendia  
As delicadas pennas de uã em uã,  
Cahe, e se afoga na encrespada espuma.

### 3

Immortal o padrão do atrevimento  
Aos vindouros ficou, sim este ha sido  
Do orgulho concebido  
A memoria, que resta ao pensamento.  
Mas a triste historia á ideia trago  
Como o exemplo desprezo, e busco o estrago.



## 4

Destro Mentor meus passos encaminha  
 Ao Polo excelso da attenção mais alta,  
     A experiencia falta  
 Se não falta o conselho a Muza minha.  
 Ah como eu devo reear que tome  
 A Patria Terra do meu cazo o nome.

## 5

Mas se a impreza é tão digna, que de gloria  
 Pode servir-me o mesmo precipicio,  
     Eu farei sacrificio  
 Da Tragedia, e igualmente da victoria :  
 Quero cantar de ua Heroína os annos,  
 Cantar quero seus dotes soberanos.

## 6

Direi que da Memoria as castas filhas  
 Emulas deste dia no cortejo,  
     Desde a margem do Tejo  
 Vem tributar lhe as raras maravilhas  
 De seus ferteis cristaes, de seu thezoiro,  
 Bisonhas sacodindo as tranças de oiro.

## 7

Que as Driadas formozas, e as Napéas,  
 Dando-se as mãos em lizonjeiro agrado  
     Vão pelo verde Prado  
 Divididas do gosto em mil idéas,  
 Colhendo os goivos, os jasmims e as rozas,  
 De que grinaldas lhe trarão mimosas.

u.

6

## 8

Direi que na feliz doce lembrança  
De tão alegre, e suspirada aurora  
    Pude ver alguma hora  
Respirar toda a paz, toda a esperança  
Do Reino Luzo, enchendo os seus projectos,  
Na serie Augusta dos vindoiros Nettos.

## 9

Sim Noronhas invictos, sim Menezes,  
Este dia nos trouce o fausto auspicio :  
    O horoscopo propicio  
Nos fez ver os escudos, e os arnezes,  
Que das vossas virtudes dando abono  
Nos seguravam sobre o Tejo o trono.

## 10

Com providencia o Céu creado havia  
De troncos taes um ramo florecente :  
    Eu o tenho presente  
Ao lado da suavissima Maria  
Oh que bem neste laço eu imagino  
Que mais do que a eleição pode o Destino.

## 11

Se Maria do Sol não visse a face,  
Quem de Rodrigo o coração prendera ?  
    E quem o merecera ?  
Sim, Rodrigo no mundo tão bem nasce  
Preveniu, eu o vejo, cuidadoso  
A tal Esposa o Ceo tão grande Esposo.

## 12

Amor, misero Amor, eu sei que um dia  
Colhendo flores pelo prado andavas,  
Uma rosa tocavas  
Quando ua abelha o dedo te mordia,  
Choraste então, e te queixaste afficto,  
Ouviute a Mai, e consolou teu grito.

## 13

A não sabias tu que aquella fera  
De ordem de Venus vigiava as rozas,  
Estas flores mimozas  
Não as dá para ti a Primavera.  
Sente, e lamenta, Amor, chora os teus damnos  
Devem se as rozas de Maria os annos.

## 14

Contenta-te dos Loiros, que roubaste,  
Já que a formoza Mai na selva Idea  
De vener se glorea.  
Este triunfo as tuas glorias baste.  
Quanto infeliz tu foras se Maria  
Concorresse das Dêosas na porfia !

## 15

Contenta-te de que inda gema o Xanto  
Ca roubada belleza o triste cazo  
E que o Pergamo razo  
Devesse as Phrigias Mães tão terno pranto.  
Contenta-te de ver ao carro prezo  
Heitor dos Gregos infeliz desprezo.

## 16

Contenta-te... mas onde me arrebatô  
Da grande empreza o meu valor desista,  
Esmorece se a vista.  
Treme, e vacila o pé, destino ingrato!  
Inutilmente de calcar presume  
A debil planta do Parnazo o cume.

## 17

Se em moles palhas a bater começa  
Curtas azas o leve passarinho,  
Não se aparte do ninho  
Te' que a pena se encrespe e se endureça  
Tempo virá, se elle a voar se cnsaia,  
Que suba aos cedros, e á copada faia.

---

## ASSUMPTO LIRICO

## ODE

O fresco parto de purpureas rozas,  
 Bella Deuza de Paphos, e Amathunta;  
 As brancas aves ao teu carro ajuncta,  
 Desce do Tejo as regiões frondozas;  
 Alli cheias de rizo, alli gostozas  
     Euphrozina e Aglaia  
 Andão brincando na arenoza praia.

## 2.

Ve de um golpe de vista esta ligeira  
 Volante esquadra de gentis Amores,  
 Que armados de mil dardos passadores,  
 Uns com outros se apostão na carreira.  
 Banhada em fresco sangue a mão guerreira  
     O vencedor Cupido,  
 Cuido que alto despojo ha conseguido.

## 3.

E qual Mancebo, ó Ceos, atado, e prezo  
 Chegar eu vejo com cadeias de oiro ?  
 Cingelhe a branca testa um verde loiro,  
 Brilha no rosto bello um raio acezo !  
     Os teus feros arpões Amor desprezo,  
     (Ouçõ que diz) e a custa  
 Do proprio estrago teu, nada me assusta.

## 4.

Tu não e's, que me vences, eu não cedo  
 Do vil Cupido ao venenozo dardo;  
 De atarte ao carro meu talvez não tardo,  
 Se e' que a fugir não te aconselha o medo.  
     Onde vai ter o misterioso enredo!  
     Tão cheio de arrogancia  
 Quem pode assim fallar de Amor na estancia !

## 5.

Mas ah que desde o Doiro himnos cantando  
 Ao longe avisto as filhas da Memoria,  
 O harmonico grito da victoria  
 Na Epica trombeta vem soando,  
     Qual as flexas sutis depedaçando,  
     Qual rasgando-lhe a aljava,  
 Vingão do cego Deus a furia brava !

## 6.

Bate as palmas, Amor, pede piedade,  
 Chora, soluça e geme : a dôr movidas  
 Ja querem perdoar ; eis que detidas  
 Entre a ternura estão, entre a crueldade.  
     Confessa Amor, confessa com vaidade  
     Que não foi tua a empreza :  
 Que das Deuzas, que ves, Rodrigo e' preza.

## 7.

Aqui de officiozas mil Napêas  
 Em doirada carroça conduzida  
 Ua Ninfa aparece : alva, e luzida

Chama desce dos Ceos, e accende as tãas.  
 Em tripudĩos, em bailes e choreas  
 A chusma se reparte;  
 A melhor Venus cede melhor Marte.

## 8.

Conta-me, Amor, que estranha scena e' esta?  
 De qual aqui se trata alta conquista?  
 Acazo eu pizo, acaso tenho a vista  
 Do mar de Athlante magica Floresta?  
 Sim o segredo teu ja manifesta  
 O Lima que brilhante  
 Guarda a carroça em letras de Diamante.

## 9.

O Doiro ao Tejo vem render Maria,  
 Quiz sorprendela Amor, e da victoria  
 Menos aos tiros seus se deve a gloria,  
 Que a virtude de ua alma justa, e pia.  
 A constancia, a firmeza e' que se fla  
 Tecer o casto laço.  
 Cede-lhe o Nume o desarmado braço.

## 10.

Eis aqui espalhados sobre a terra  
 Os seus feros arpões em sangue tinctos;  
 Estas as armas, e os farpões distinctos,  
 Com que aos humildes corações fez guerra.  
 Que alto misterio esta ruina encerra!  
 Ainda destroçado  
 Vejo encher-se de gloria o Deus vendado.

## 11.

Despojos vãos, que um dia vos jactastes  
 De enlaçar o Deus Marthe em Vossas redes,

Pendientes ficareis destas paredes,  
Que de triunfos mil ja coroastes :  
    Se os bravos ursos, se os leões domastes,  
    Ah vejase alguã hora  
Que e' so Maria a vossa vencedora.

## 12.

Maria vence Amor, que não devera  
Nas Reas Nupcias influir profano  
O Deus da falsidade, o Deus do engano,  
Dos cuidados mortaes triste chimera.  
    Sancto Himmineu de ti e' que se espera  
    O fecundado leito,  
Templo do Amor, e Trono do respeito.

## 13.

Tu ditozo farás o natalicio  
Da formoza Heroína : e se a lembrança  
De ua tão doce, tão felis bonança  
Pede de nos um grato sacrificio,  
    Das nossas mesmas vidas desperdicio  
    Contentes te faremos,  
Porque os seus bellos dias augmentemos.

---



## CANTO EPICO

*recitado em o dia do feliz Anniversario da Illm.<sup>a</sup>  
Exm.<sup>a</sup> Senhora D. Maria Joze Ferreira d'Essa e  
Bourbon.*

### OITAVAS

#### 1.

Com a trompa na mão, por cujo grito  
Soa na foz do Tejo do Indo a historia,  
Vejo erguer se o Cantor, que o peito invicto  
Do Luzitano Heroe encheu de gloria :  
Tendo os olhos em mim, e o rosto fito,  
O' tu que impresso guardas na memoria  
Dize-me o canto magoado, e triste,  
Que a bella Castro recitar me ouviste,

#### 2.

Se do Mondego aos Campos nunca enxutos  
Das lagrimas, que chora a Ninfa bella,  
Os suspiros mandei doces tributos  
Do amante coração, que o susto gela ;  
Se te dão casto amor os tenros Fructos,  
Que o paterno cuidado afaga, e zela  
Eu pude expor aos barbaros algozes,  
Entre os soluços, entre o pranto, e as vozes ;

## 3.

Ah possa a minha Muza (se e' que a tanto  
 Aos Vates se permite) em sabio agoiro  
 Dos Luzos fastos consolando o pranto,  
 Darte ua ideia do cortado loiro:  
 Se outros dos Reinos, onde habita o espanto  
 Trouce aos seus Julios o diadema de oiro ;  
 Eu que ao de Mantua occupo igual assento,  
 Igual fortuna nos meus versos tento.

## 4.

Verás, ó Pedro, da roubada Espoza  
 Um ramo rebentar, que ao Trono extincto  
 Illustre excelsa successão glorioza  
 Na longa idade renderá distincto :  
 Este João será, de quem na honroza  
 Serie de Heroes, que já me finjo, e pinto  
 Mil vagarozos suspirados Nettos  
 Virão nascendo para os Regios Tectos.

## 5.

Tu lhe tens dado a mão formozza Telles  
 Clara Irman da suavissima Rainha,  
 A quem de Colcos as doiradas pelles  
 O claro Tejo tributar convinha.  
 Os dois Infantes restaurando aquelles  
 Reaes brazões, a amada Patria minha,  
 Farão chegar (ah mente o meu desejo :)  
 Farão chegar a casa d'Essa ao Tejo.

## 6.

Eu a verei nascer em ti, Fernando,  
 Do Grãnde Pedro afortunado Netto,  
 De ti a prole augusta vem pulando,  
 Que do meu Vaticinio enche o projecto :

Qual, o braço nas armas ensaiando,  
 Honra de Marte o Templo, qual objecto  
 E' de Minerva, as ambições mais raras  
 Para as Mitras, Capellas, e Tiaras.

## 7.

Desças a nós, ó Purpura Romana,  
 De um dos Almeidas a cingir o peito,  
 Almeidas, de que a Estirpe Soberana  
 Vincula de Borbon o laço estreito ;  
 Mas qual outro da praia Luzitana  
 Soltas as vellas, parte a ver sujeito  
 Das aureas Minas o hemisfero, aonde  
 Novas conquistas o destino esconde ?

## 8.

Abertas as entranhas, roto o fundo  
 De grosso rio, da escabroza serra  
 De oiro, e Diamantes o Paiz fecundo  
 Ja mostra aos homens o valor, que encerra :  
 Tu Lourenço serás : ao longe o mundo  
 Teu nome ha de escutar, polindo a Terra,  
 E preparando os Loiros, de que um dia  
 Ornes a testa da feliz Maria.

## 9.

Ah que o nome suave me arrabata  
 E me surprende no futuro auspicio  
 A bella imagem, que em seus dons retrata  
 Dos Pais illustres o esplendor propicio !  
 Oh nunca feras a meu voto ingrata  
 Vindoiria idade, e em rapido exercicio  
 A meus olhos o dia emfim trouceras,  
 Em que nascida a bella Prole esperas !

## 10.

Eu vira as Graças, e os Amores dando  
As tenras mãos, por entre o pranto, e o rizo  
Vira em meio das flores ir voando  
A linda Esquadra ao deleitozo avizo,  
Junto ao seu berço os himnos entoando  
(Qual sobre as margens do saudozo Amphrizo)  
Vira as Tagides bellas, que mimozas  
Grinaldas tecem de jasmims, e rozas.

## 11.

Alimentada aos peitos da innocencia  
Eu vira então crescer, tocando a idade,  
Em que a sação dos fructos da prudencia  
Provara da grande alma a heroicidade :  
Que dotes de ternura, e de clemencia,  
Que discrição, que graças, que igualdade  
De acções, e de costumes! ah não mente  
O rosto, que na ideia está presente !

## 12.

Abre-me, o Fama, o teu Palacio augusto,  
Onde cercada de Laureis habitas,  
Deixa-me ler ao pé de cada Busto  
As heroínas, que ali tens escriptas,  
Se o teu louvor, se o teu obzequio e' justo,  
Saber pertendo ; as regiões bendictas.  
Me dão já livre o passo ; eu entro, e pizo  
Do regio pavimento o jaspe lizo.

## 13.

E qual aos olhos meus se patentêa  
Bella estancia do pasmo ! Entre as felices  
Habitadoras de uã, e outra arêa,  
Vejo az Zenobias, vejo as Cleonices !

O Tibre aqui das Porcias se glorêa,  
 Ali de Africa vem as Berenices,  
 Fazer de Tito mais feliz a historia!  
 Ah que Maria lhes disputa a gloria!

## 14.

Amor, tu que da Idalia te remontas  
 A respirar do Tejo os frescos ares,  
 Prepara o arco, e as doiradas pontas,  
 Que honra melhor despojo os teus altares :  
 Se digno so da bella Ninfa contas  
 O Mancebo gentil, que as Tutelares  
 Deidades guardão no Solar de Anjeja  
 Rodrigo de Maria o Espozo seja.

## 15.

Une Rodrigo com feliz aliança  
 Ao sollar de Noronha a caza d'Essa,  
 Aqui de Castro a pallida esperança  
 De nova luz a respirar começa  
 De um Henriques no sangue se afiança  
 O Grande conde de Gijon ; já cessa  
 De consultar os Fados meu empenho,  
 Se de Pedro outra vez ao Tronco venho.

## 16.

Eis de Fernando Principe ditozo,  
 Que da Iberia o Leão calcar quizera,  
 Vem derivando o sangue, e o brio honroso  
 Izabel, que de Pedro o ser troucera :  
 Vos me fugis ! O vôo duvidoso  
 Quazi que de alcançar vos desespera ;  
 Mas, oh destino ! junto a vos estamos,  
 Eu vos torno a encontrar felices Ramos!

## 17.

Assim da mesma fonte nascer vejo  
Desde a famoza Arcadia os doces rios.  
De Arethuza, e de Alfeu; terno desejo  
Vai unir na Trinacria os seus desvios :  
Bello Pais de Ellide; eu não te invejo  
Os milagres de Amor; além dos frios,  
Distantes serros, que enche a Hispanha, e guarda  
De Pedro a Estirpe a se enlaçar não tarda.

## 18.

As sombras noto, que vagando pizão  
Do Elizeo os campos, repetir mil vezes  
Os Reaes Troncos, onde se eternizão  
Os Brazões dos Noronhas, e Menezes :  
Nos escudos as Aguias se devizão  
De que ornados os Timbres Portuguezes  
Girando vão pelas Regiões Estranhas  
De ambas as Indias, de ambas as Espanhas.

## 19.

No horoscopo feliz do nascimento  
Da bella Heroína, que ha de honrar o mundo  
Inda eu oiço a Protheu, que em rouco assento  
Assim falava desde o mar profundo;  
Vem dar a Portugal mais nobre augmento,  
Sorte mais bella ao talamo fecundo,  
O digna Filha, o rama illustre, e rara  
Do sangue, que o Mondego em vão regara.

## 20.

Eu pronostico ao Patrio Tejo a gloria  
De ver nesta alta prole inda algum dia  
Sustentada do Pai toda a memoria,  
Bem lograda da Mãi toda a alegria;

Passar de uã victoria a outra victoria  
Ver-se-ha por ella a Luza Monarquia;  
Ver-se-ha... porém que digo, mas que emprendo,  
Se quanto se ha de ver, já se está vendo?

## 21.

Já vejo os troncos que o licor doirado  
Das abelhas destilão, já de leite  
Vejo os rios correr; esmalta o prado  
Da verde Primavera o vario enfeite;  
Não mais o mundo de Saturno estado  
Por fabula dos seculos aceite;  
Que hoje desce a pizar a nossa arêa  
A desejada fugitiva Astrêa.

## 22.

Annos ditosos da gentil Maria,  
Que encheis na terra as esperanças nossas,  
Correi sem susto, o Ceo e' quem vos guia,  
Teção as murtas as coroas vossas :  
Assim o Vate; eu o escutava, e via,  
E qual raio que apaga as Nuvens grossas,  
A sombra desfazendo, que o cercava,  
Da fria pedra ao tumulo baixava.

---

## CANTATA EPITHALAMICA

---

Em frente ao escudo, que pendente estava  
 Marvoto fero, eu vi que o peito armava  
 Da triplicada malha, o arnez luzido  
 Vi que tinha vestido,  
 Vi que sobre a cabeça  
 Com fatigada pressa  
 Airozo punha o capacete d'aço,  
 Que enlaçava no braço  
 As ferreas mangas : de ira acezo o rosto  
 Ja a tomar a lança... a um lado posto  
 Vi estar a Cupido,  
 Que em pedaços a tinha dividido,  
 E que zombando da Paterna furia,  
 Vingo, O Padre, lhe diz o tua injuria.

Colerico se arroja o Deus da Guerra  
 Vai ferir o filho, eis que o aterra  
 Prodigio inda mais novo! no brilhante  
 No transparente escudo tem diante  
 Formosa Esquadra de gentis Amores,  
 Coroados de murtas, e de flores  
 Himnos cantando vem com voz serena.  
 E' o vendado Irmão, que o coro ordena.

### CORO DOS AMORES

Não já de Marte as iras  
 Timido Amor recêa;  
 Que tinge a nossa arêa  
 De Marte o sangue já.



Quebrada a forte lança,  
Já se houve o seu suspiro,  
Amor prepara o tiro  
Amor o empregará.

De sangue, e pó coberto  
Nem sempre o braço armado  
Temido, e respeitado  
Do Deus de Amor será.

Alguma vez das settas  
Sera despojo triste,  
Que a força não reziste.  
Aonde Amor está.

Se o nosso espanto, e susto  
Mil glorias lhe concede  
Vulcano deixa a rede  
Que Amor lhe tecerá.

Gemendo os roxos pulsos  
Nas mais subtis cadeas  
Das empoladas vês  
O sangue brotará.

Desce Himmineu sagrado  
Soccorre a nosso lida,  
Que a Mãe já te convida  
Amor te chama já.

Sem ti das nossas flexas  
O ferro nada pode  
Acode o Deus, acode  
Que tudo vencerás.

Sim, da Tocha nupcial aceza a chama  
Em socorro de Amor já se derrama  
Todo o influxo do Ceo; baixa dos ares  
O suspirado Nume : os doces lares

De Andrada, oh Deus, de Andrada vão buscando  
Que grande empreza, Amor, estas tentando !

Gentil Mancebo, que de Aquiles fora  
Inveja hum dia, nestes Paços mora,  
Francisco é o seu nome: a natureza  
Lhe impoz no sangue a necessaria empreza

De igualar seus Maiores  
Na militar fadiga, e nos suores,  
Que illustres vivem para gloria bella  
Da caza, e do solar de Bobadella !

Nutrido foi a sombra los Loireiros  
Sobre a palmas nasceu dos seus Primeiros,  
Conta por ellas os Avós honrados.  
Seus dias inda apenas esmaltados  
Dos primeiros Abris, já me promettem  
Vencer os feitos, que oiço, e que repetem  
Nas Elizias moradas  
As sombras adoradas.  
Dos Freires immortaes; esses que pizão  
De Fama o Templo, e os nomes eternizão.

Tu és ditozo Andrada  
Tu és a preza de que o Amor se agrada,  
Para ti e' que corre,  
E o Ceo, o mesmo Ceo e' que o soccorre.  
Não debalde se viu partida a lança  
Do Deus Gradivo : mais a gloria avança  
Nas campanhas de Amor quem mais se rende  
E quem de Eliza triunfar pertende !  
Vê qual nos olhos seus se manifesta  
Divino encanto ! A tua Espoza e' esta.

Não te pinto de Tetis a formoza  
Purpurea face, não te lembro a Espoza  
Do grande Jove : as graças, a belleza,

Que Chipre, e que Amatunta adora, e preza  
Da branca Deuza, que nasceu das ondas  
E' bem ó mar que a minha vista escondas.

Se viste sobre o Ida  
Contender as tres Deuzas sorprendida  
Se viste a idea do Arbitro do monte ;  
Poem-lhe Elisa de frente,  
Elle decidira depondo o Loiro,  
Que só se deve a Eliza o promo de oiro.  
Não são estas as graças,  
Amor, com que de Andrada o peito enlaças ;  
A candida virtude exalta o preço  
A formosa Izabel : um digno excesso  
Eu contemplo nos seus dotes : foi nutrida  
No seio da modestia ; assim nascida  
Entre as prizões da purpura, que zela  
Ao prado se retarda a roza bella ;  
Assim nas conchas, que o Eritreo sepulta  
A perola, que se ama mais se occulta.

Conservando a Innocencia  
Tratando só com pejo, e co'a decencia,  
Sabe que a bella Eliza se dispunha  
Para honrar so teus votos : Testemunha  
Tu mesmo esta verdade : dize attento...  
Mas não fales, e adora esse portento.

Já despregando a noite e negro manto,  
Vejo correr ao Templo Himmineu sancto,  
Entorno a bella Ninfa chegar vejo  
As Graças tres ; já rompe o meu desejo  
Nos transportes de um grato, ardente auspicio  
Por entre o sacrificio  
A fatidica voz ouvir se possa :  
Illustre Par fazei a gloria nossa.  
Entretanto que la do Patrio monte

O soberbo Itamonte  
Cheio de ardor, que o seu Terreno inunda  
O thalamo fecunda,  
E sobre vos entorna  
As brancas flores, de que a testa adorna.

Prendra nas almas vossas  
De Amor a chama ardente,  
E em vos eternamente  
Reinar se veja Amor.  
Do ferro as flexas quebre,  
E com feliz agoiro  
Somente as flexas de oiro  
Em vos imprima Amor.

---

## ODE

### N'UM ANNIVERSARIO

*(No nascimento de hum filho do Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> D.  
Rodrigo Jose de Menezes.)*

Florescentes oiteiros  
 A meus Paternos lares sobranceiros  
 Que nutris dentro em vós de oiro a semente,  
     Agora lisonjeiros  
 Inclinaí para mim a verde frente  
 Ouvi o canto na região estranha,  
 Que entoou já do Rhodope a montanha.

#### 2.

Não só de Orpheu a lira  
 Aos mudos troncos sentimento inspira,  
 Abala as penhas, adormece as feras.  
     O Genio, que respira  
 No meu novo Paiz tão bem das heras.  
 Corôa as Muzas, e entretece d'oiro  
 Para inveja do Pindo a murta, e o loiro.

#### 3.

Formozas habitantes  
 Do Patrio Ribeirão, as fluctuantes  
 Madeixas sacodi, deixai o seio;  
     Os olhos scintilantes  
 Do vendado Menino doce enleio  
 Brilhem nas margens, onde Flora entorna  
 Os roxos lirios, de que a testa adorna.

## 4.

Que esquadra numeroza  
 De Ninfas que erguer en vejo na arenoza  
 Humida praia, que já salta, e piza !  
     A rubicunda roza,  
 Que a filha de Titão de oiro matiza,  
 Por entre orvalhos, que das nuvens manda,  
 Qual ja colhendo pelos prados anda.

## 5.

Officiozos Amores  
 Brincando girão ; de mil tenras flores  
 Chegão, tendo nas mãos frescas grinaldas !  
     Os Faunos saltadores  
 Finos Rubis, Safiras, esmeraldas  
 Cavão nos montes ; com semblante airozo  
 Fazem tributo do metal precioso.

## 6.

De varia côr tecidos  
 Os juncos, que o meu rio viu nascidos,  
 Das ramas do coral copias ostentão !  
     Em seus votos rendidos  
 Aqui as bellas Ninfas se apresentam,  
 Mil semideuzes da espessura ; tudo  
 E' de amante cortejo anciozo estudo.

## 7.

Que berço delicado  
 E' este, que de perolas ornado  
 Um bello Infante me faz ver dormindo ?  
     Dos Genios rodeado  
 Amor o embala, e os himnos repetindo  
 Eufrozina, Thalia, e a branca Aglaia  
 A hum novo sacrificio a alma se ensaia.

## 8.

Por entre as nuvens soa  
Mística voz ; o espirito pregoa  
Que de luz celestial derrama a graça.  
    Acezo em furia voa  
O Tirano Infernal, e ao centro passa  
Do escuro Abismo, onde em grilhões ligado  
Mil vezes de si mesmo e' devorado.

## 9.

Ali o está roendo  
A descarnada inveja ; ali gemendo  
Colerico, e feroz rasga as entranhas.  
    Eu ja vos estou vendo  
Celestes dons nas immortaes campanhas  
Baixar fragrantés ; sim o influxo e' vosso,  
Nem do triumpho duvidar ja posso

## 10.

De um golpe se derrama  
Essa de immensa luz purpurea chama,  
E expurgada innocencia esta alma habita  
    Neste berço, que inflama  
Vosso excelso poder, se depozita  
A Fortaleza, esse virtude eterna  
Que as humanas acções rege, e governa.

## 11.

A mansidão, que herança  
E' do Illustre solar, ali descança ;  
Toma ao Infante a Prudencia, e o chega aos peitos  
    Que suave aliança.  
Em nos, que o sello eterno faz estreitos  
Adorar se não deixa neste dia  
De virtudes, que o Ceo em sempre fia !

## 12.

Primeiros Pais, que vistes  
 Tantos filhos gemer nas sombras tristes  
 Da negra culpa consolaivos hoje:  
     Se com prantos feristes  
 O Ceo, o Ceo, vos ouve, o crime foge,  
 E o banho sancto, que a pureza enlaça  
 Perdida ja nos restitue a graça.

## 13.

Ferem os meus ouvidos  
 Os eccos de hum Pastor, que emmudecidos  
 Que cheios de terror, de susto, e espanto  
     Viur por terra cahidos  
 Os espiritos vãos... Ao sacro manto,  
 A face augusta, eu nelle ja contemplo  
 De Ambrozio a sombra, e de Agostinho o exemplo.

## 14.

Venturoza Marianna,  
 Tu de Pontével gozarás ufana;  
 Seus dias de prazeres coroados  
     O tempo em vão profana;  
 Vos girareis fozozos abrazados  
 De um Polo a outro, rapidos Ethontes,  
 E viverá Pontével nestes Montes.

## 15.

Genios do Patrio Rio,  
 Eu ja vos chamo, eu ja vos desafio  
 A dar mil provas de um prazer sincero.  
     A empreza de vos fio,  
 Nem despojar vos desta gloria quero;  
 Não diga o Tejo que a ventura e' sua,  
 Ou que a sorte feliz a faz commuã.



## 16.

Montes, doirai a testa  
 Todo o seu rizo o Ceo vos manifesto,  
 Brilhe em vós toda a face da alegria.  
     Orne a grenha funesta  
 A lucida e custoza pedraria,  
 Para vós e' que o Ceo tinha guardado  
 Novo thezouro nunca em vós achado.

## 17.

Do frio jaspe, aonde  
 Doce letargo tanto Heroe esconde,  
 Eu os vejo surgir, a testa erguendo.  
     Fitos os olhos ponde  
 Prole de Heroes no augusto Henrique lendo  
 Por elle a historia dos Maiores vossos  
 Honrai-lhe as cinzas, adora-lhe os ossos.

## 18.

Menezes meus, se levo  
 Tão alto o voo, e em letras de oiro escrevo  
 De Pedro o nome, e o nome dos Antonios,  
     A esgotar não me atrevo  
 Esses que manão dos Cristaes Aonios  
 Sacros influxos : sobre a lira minha  
 De Apolo o plectro respirar convinha.

## 19.

Se em roda amontoadas  
 Vejo as ramas de loiro, se espalhadas  
 Juncto ao berço mil palmas estou vendo  
     Não de sombras pezadas  
 Eu nutro a fantezia; o Heroe crescendo  
 Estas, dira, são as lições, que um dia  
 Sobre os passos de um Pai eu aprendia.

## FALLA

*Ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> D. Antonio de Noronha, Gov.<sup>or</sup>  
e C. G. das Minas Geraes recolhendo-se da con-  
quista do Caieté que com ardente zelo promoveu,  
adeantou e completou finalm.<sup>e</sup> no seu felicis-  
simo Governo.*

Voltar de loiros coroada a testa,  
Entre os tambores, pifanos, e flautas,  
Manietados ao carro do triunfo  
Mil, e mil Esquadrões, que em campo aberto  
Forão despojos da Mavorcia lança,  
Eu vejo aos Scipiões, vejo aos Emilios  
Aos Cezares eu vejo : mas fumando  
Ainda o campo está do sangue, aonde  
A colera do braço se assignala ;  
Alvejão inda os ossos insepultos  
Dos frios Manes, que do Lethe as margens  
Vagão pedindo o tumulo, e a vingança :  
Não e' victoria, não, a que se compra  
Ao preço vil do derramado sangue ;  
Sim a melhor victoria e' a que vive  
Nos arcos igualmente, e nos sepulcros.

Esta arte rara de vencer sem armas  
Tu a sabes, ó inclito Noronha,  
E tu so a praticas. Nos te vemos  
Voltar de gloria, e de triunfos chéio,  
Entre as aclamações de um Povo amante,

Transportados de jubilos se arrastão  
Coma em tropel os subditos a ver-te :  
Velhos, meninos, se embarção ; sòa  
De vozes mil, uã só voz, que leva  
Aos Ceos as benções, e ao Deus grande os votos :  
Voltas emfim, e voltas triunfante.

‡ Mas que triunfo e' este, que atrahido  
Tem a nossa attenção? Eu o expuzera  
Se previnindo sabio o meu empenho  
Este Barbaro mesmo, que arrancavas  
Do seio escuro das horriveis grutas  
Se não anticipara ao nobre officio.

Elle os nervozos braços sacodindo  
Batendo o pé, e tremular fazendo  
Com airozo meneio as encarnadas  
E verdes penas, de que a testa, e o cinto  
Cercou vaidozo, assim me occupa, e falla.

Não calcado até aqui de humana planta,  
O Patrio Cuieté do Luzo Trono  
Ja respeita o esplendor, as leis adora.  
Os asperos sertões, que as mesmas feras  
Talves temerão povoar, ja rompe  
Sem susto algum o Portuguez vassalo :  
Vnemse os rios caudelozos, e abre  
Industriozza mão passagem franca  
Por altas pontes de encorpados lenhos.  
Não de outra sorte viu a Russia um dia  
Transportaremse as tumidas torrentes  
Já do Tanais, do Ina, ou ja do Volga  
Ao canal que abre a mão do grande Pedro ;  
Não de outra sorte o Xerxes, e o Thebano  
Virão tornarse em arenozas praias  
Um o Mediterraneo, outro o Helesponto.  
Desde as entranhas a escondida serra

Deixar ver seus thezoiros : anhelante  
 Ambição ja não busca mais reparos  
 A indigente penuria : o oiro, a prata  
 Tal ves percão seu preço na abundancia :  
 Feliz Monarca, e mais feliz mil vezes  
 Eu e os meus que habitando as toscas grutas  
 Vivendo so do acazo, e da mizeria  
 Endurecendo a pelle á calma, ao frio  
 Sem mais abrigo que o esteril junco,  
 Vagos, e errantes de um em outro serro  
 Ja conhecemos a civil policia  
 Do tecto, e do vestido : Vnidos todos  
 Em doce paz os frutos ja provamos  
 Da concordia, e do amor: ajuda um braço  
 O braço de outro ; as sementeiras crescem  
 E o trabalho commum, e commum premio.  
 Ah que de feras nos tornamos homens.

Assim falla obsequiozo o Indio (um novo  
 Raio da luz o illumina) salta  
 Dos olhos aos que o vem um terno pranto  
 Nuncio do gosto, e do prazer, que passa  
 Aos corações tocados : a alegria  
 Por tudo se derrama, e gritão todos:  
 Viva Noronha, o bom Menezes viva !

Sancta Religião, tu que nos trazes  
 Ao gremio teu estas incultas almas,  
 Que despedaças os grilhões, em que antes  
 Gemerão prezos por desgraça, ou pena  
 Seus cançados Avós, ao Sanctuario  
 Leva esta vez a victoria piedoza  
 Que zelo de hum Noronha te consagra.

Elle e' quem desprezando os ameaços  
 De um barbaro Paiz, aspero, e fero  
 Por entre os tigres, e o Gentio armado

Levou o nome, e as Quinas Luzitanas  
Até o termo, onde Neptuno assigna  
C'os ossos de um Encelado as carreiras  
Da limitropha Capital das Minas.

Se as Montanhas rasgando do Apenino,  
Não tentadas ja mais de humano esforço,  
Pode o Heroe de Cartago ao fogo, e ferro  
Dever a gloria de ua honroza Fama,  
Quanto mais digno de perpetuo loiro  
Tu não seras, oh ramo florescente  
Dos illustres Menezes, tu que contas  
Os Avós pelas palmas, por quem inda  
Elvas, e Montes Claros testemunhão  
Tantas antigas, immortaes victorias.

Lalipe o diga, e o Marechal insigne  
Que ensangentou do Guadiana as aguas,  
Se Grecia, ou Roma nos seus Fastos contão  
Heroes mais dignos do que Antonio, e Pedro,  
Do que o grande Rodrigo ? tu lhe debes  
Menos a sangue, que a virtude herdada.

Derão estes varões sempre gloriozos  
Nas emprezas, acções, valor, facundia  
Ao Rei, ao Reino, a Patria, ao mundo inteiro.

Mas quanto aos teus maiores te vantagens  
Tu, de cujos Exercitos na fronte  
Não marcha o susto, e o terror, em cujas  
Reaes bandeiras de adorar não cesse  
A Paz por armas, por empreza a vida.

Estas são as Estatuas, que a teu nome  
As altas serras erguerão das Minas,  
Melhor do que nos marmores de Paros,  
Ou nos polidos bronzes de Corintho :  
Viverás nas memorias de Saudade.

## ECLOGA

*Saudade de Portugal, e alegria de Minas, com  
allusão ao precioso objecto que se venerou no dia  
25 de Agosto*

ORIZENIO — GLAUCESTE — LUCINDA

*Gl.*— Só Orisenio meu, que entre os Pastóres,  
Que vivião nas margens do Mondego,  
Eras tu o mais destro dos Cantores.

*Ori.*— Glauceste, eu ja cantei: eu não te nego;  
Mas onde o gosto vai, onde alegria,  
Onde da minha frauta o doce emprego!

He verdade Pastor que noite, e dia  
Passava alegre na montanha, e dava  
Gosto a qualquer no baile, e na folia.

Salicio o bom cantor, que se prezava  
De melhor que algum outro, quem o ignora  
Me ouvia, em contenda não entrava.

Talvez a minha voz branda, e sonora  
Pode fazer que fosse verdadeiro  
O que julgamos fabula alguma hora:

Disse Alfeu que descia desde o Oiteiro  
A ouvirme o gado, e que inda entre as pedrinhas  
Parava á minha muzica o ribeiro:

Mas onde, ó Fado, mal guardado tinhas  
Este duro castigo, com que cortas  
Os altos voos das vaidades minhas!

As doces esperanças vejo mortas  
De tornar do Mondego a margem bella,  
E de bater de minha Arcadia as portas!

*Glau.* — Justa razãp de suspirar por ella  
Tens, amado Orisenio ; eu tãobem vejo  
Quanto ingrata commigo é minha Estrella!

Aqui não e' como no fresco Tejo,  
Ou como no Mondego, onde ja vimos  
Um, e outro Pastor cantar sem pejo.

Ao geito desta serra nos cobrimos  
De um bem tosco gabão, qual noutra idade  
Não trouce algum; de muzica fugimos :

Vivemos só de vil necessidade ;  
De lucta, jogo ou dança algum vaqueiro  
Bem livre está de ver que aqui se agrade.

*Oris.* — Tristes de nós neste Paiz grosseiro!  
Mas ou e' isto sonho, ou vai mudando  
De repente o seu geito aquelle oiteiro?

*Glau.* — Eu estava tãobem ja reparando  
Em um clarão, que vinha de Oriente  
Por entre aquelles troncos rebentando.

Tudo parece novo ja no monte  
De nova gala as arvores vestidas,  
Risonha a flor, risonha a clara fonte.

Que alegres, que formozas, que luzidas  
Vem descendo uas Ninfas; ellas chegão  
De mil amantes Satiros seguidas?

Mudado o duro peito, em vão se negão  
A Silvano, a Laurencio, e ao bom Melizo,  
A seus gostozos laços ja se entregão.

*Oris.* — Se será isto engano; eu la divizo  
 Ua Ninfa (isto e' sonho) ua Pastora  
 Que amava um tempo o seu feliz Dalizo :

Lucinda eu vejo vir, qual branca Aurora.  
 Juncto ao Tejo vivia a Ninfa bella,  
 Inveja sendo de Angerona, e Flora.

Tecida traz nas mãos uma capella  
 De roza, e lirio, e de assucena pura,  
 Ditoza seo pastor morre por ella !

*Glau.* — Ja de um canto suavissimo a doçura  
 Se deixa perceber : a Ninfa canta,  
 E os ecos vem rompendo esta espessura.

*Oris.* — Quem viu tanto prodigio, gloria tanta?

CORO

Do monte ao prado  
 Desce Lucinda,  
 E a sua vinda  
 Tudo festeja,  
 Ditoza seja, pois soube amar!

Em seu cuidado  
 Vive Dalizo,  
 E faz precizo  
 O seu tormento  
 Um pensamento, que morta a tras.

*Luc.* — Engraçados ribeiros  
 Do cristalino Tejo,  
 Se as horas lizonjeiras  
 Que eu passei junto a vos, o meu desejo  
 Avivão tanto a imagem do perdido,  
 Ouvi, dai attenção a meu gemido,  
 Qual outra emfim me vedes



Do que um tempo me vistes.  
Amor tecendo as redes  
Prendeu-me o coração, ja mais tão triste  
Eu pude contemplar aquelles laços  
Que as cadeias formarão de meus braços.

O meu Pastor amado,  
Aquelle, que o seu gado  
Trazia tão formozo, dividido  
De mim o tem a sorte; oh sorte dura,  
Que nunca gloria alguma esta segura!

A contemplar me ponho  
Junto a vos (ó loucura, ó fantezia)  
Se engano foi, ou sonho  
Aquelle bem, doce alegria,  
Que respirava esta alma, quando estava  
Prezente aos olhos o Pastor, que amava!

Vos Penhas insensíveis,  
Vos arvores, vos plantas  
Quantas vezes incríveis  
Meus prazeres, dizei, oh vezes quantas  
Chegastes a escutar! a minha gloria  
Dizei, se e' que inda a tendes na memoria.

Com vosco ó creaturas  
Mil vezes o meu bem communicava,  
Tu rio inda o murmuras  
Seu nome nesta penha se gravava;  
Ali conserva ainda no horror bronco  
O nome do meu bem aquelle tronco.

Levou o Fado ingrato,  
Levou a estranho monte  
Aquelle que retrato  
Deixou dentro em meu peito; ao valle, a fonte

Já de balde me queixo, em vão suspiro,  
Ja nada me consola em meu retiro!

A Maioral passando  
Ja de outra gente, eu creio  
De mim se está lembrando.

Bem como elle tãobem vive em meu seio.  
Oh sempre o meu pezar ditoza gente,  
Que o meu Pastor amado tem presente!

Por elle em doce agoiro  
Verão como se cobre  
Iguar de trigo loiro

O campo, ou ja do rico, ou ja do pobre;  
Verão como sem susto entre a parilha  
Pastão contente a relva o toiro, a ovelha.

Os seus longos montados  
Tão cheios de verdura  
Verão como regados

Não das chuvas do Ceo, não d'agoa pura,  
Mas como se banhado o campo fosse,  
Ou ja do branco leite, do mel doce.

Alegre sempre os dias,  
Não terão sombra algua,  
Fugir as nevoas frias

Verão, e desfazer-se de uã em uã  
As nuvens de chuveiros carregadas,  
Que as sementeiras deixão derrotadas.

Contente em sua herdade,  
Contente o povo todo  
No monte, na cidade

Não saberá quebrar de qualquer modo  
A fe, que em vão respeita o alheio dano  
Na aleivozia, na traição, no engano.

Tudo delicias vejo  
No Ribeirão ditozo,  
Só triste do meu Tejo,  
Elle commigo chorara saudoso,  
Com elle competindo as minhas magoas,  
Nova enchente darei ás suas agoas!

*Cant.* — Se os olhos ponho  
Na clara fonte,  
Tenho defronte  
A Imagem triste  
Do meu prazer.  
Passa, qual sonho  
Toda a ventura,  
Que pouco dura  
Tudo o que e' bom.

*Oris.* — Que isto meu Glauceste, onde viemos  
Dar comnosco? E' do Tejo esta a Ribeira  
E' este o triste monte, onde vivemos?

*Glau.* — Foi Orisenio meu, sombra grosseira  
Aquella que nos teve tão pasmados,  
Que aos nossos olhos foge tão ligeira  
Onde estarão, Pastor, esses montados  
Cheios de leite e mel, onde sem susto  
Pastão na verde relva os mansos gados?

*Oris.* — Vamos a ver amigo a todo custo  
O Maioral Dalizo, esse que agora  
Ouves louvar de tão benigno, e justo.

*Glau.* — Ah quem tão rico de rebanhos fora,  
Que de mil recentais lhe apresentara  
A mais gostosa dadiva nest'hora!

*Oris.* — Quem com tal arte a frauta concertára,  
Que dignamente competir pudesse  
De Titero a harmonia bella, e rara!

*Glau.* — Mas bem que humilde a offerta me parece,  
Elle e' de tal grandeza, que o seu rosto  
No pequeno o valor não desconhece.

*Oris.* — Bem que e' tão rude o canto, elle com gosto  
Espero que me attenda; pois bem sabe  
Que de um Pastor no verso mal composto  
Um tão sublime preço emfim não cabe.

*Glau.* — Não cabe, Heroe, não cabe a gloria vossa  
No humilde canto do Pastor Glauceste,  
A cithara de Orpheu, não frauta agreste  
Deixai que o nome vosso louvar possa.

Simple Pastor em mal coberta chossa  
Não se atreve ao que e' grande, ao que e' celeste.  
Assas no rude voto conheceste  
O Quanto cabe na pobreza nossa.

Qual de Mantua o cantor tinha tentado  
Erguer o vosso nome, e alem da raia  
Levarvos de qualquer em verso honrado.

Mas oh quanto debalde a voz se ensaia,  
Se para ser com Titero igualado,  
Ate' me falta a sombra de uã faia.



## SONETO

## I

*Invoca as Ninfas do Tejo para festejarem o felicissimo dia*

Ninfas do Tejo, eu sei que neste dia  
A brando influxo da benigna Aurora  
Nasceu ao mundo a Deusa, que se adora  
Mimo do Ceo entre as que o Luzo cria

Eu sei que então de gosto a Monarquia,  
Tocou o extremo, se repete agora,  
Eu sei... mas se entre vos, ó Ninfa mora,  
Dizei qual foi, qual e' vossa alegria.

Escondido misterio persuade  
Deste dia o louvor; ao pensamento  
Lhe tolhe de expressal-o liberdade.

Basta dizer que no feliz momento,  
Que viu o mundo esta immortal Deidade,  
Nasceu ao Reino o lustre, a graça, e aumento.

---

**SONETO**

## II

*As Ninfas do Tejo*

Bellas deidades, que habitais no fundo  
Dessas do Tejo liquidas moradas,  
Sahi, e sobre as ondas levantadas  
Cantai as glorias, que hoje lembra o mundo.

Eu as vejo, eu as oiço ; do profundo  
Seio dos Fados, onde estão guardadas,  
Ellas se dão, a conhecer, logradas  
De ua Aurora no parto mais fecundo.

Em Lizia ellas se admirão ; neste dia  
Por influxo dos Ceos, ó Ninfas bellas,  
Nasceu este esplendor da Monarquia.

Vos que a vedes luzir mais que as Estrellas,  
De quantas flores vossa margem cria,  
Grinaldas lhe tecei, formai capellas.

---

## SONETO

## III

As moles azas a bater começa  
Entre as palhas o tenro passarinho  
E largos dias por deixar o ninho,  
Se cança, se fadiga, se arremessa.

Um impulso, outro impulso, em vão se apressa,  
Ja se firma no pé, ja no biquinho,  
Nas folhas se detem, passa ao raminho  
Té que a pena se esforce, e se endureça.

Quando emfim e' capaz de movimento,  
Deixa os arbustos, vaga pelos ares,  
E sobre as altas faias toma assento.

Estes sejam, Salicio, os exemplares,  
Em que a vossa virtude anime o alento  
Porque um dia da Fama honre os altares.

---

**SONETO**

## IV

*Ao assumpto Heroico*

Da horrenda Gruta, que o Penhasco cerra,  
Eolo solta os agitados ventos,  
Fervendo o mar com impetos violentos,  
Aos humidos Tritões intime a guerra ;

La desde as margens, onde o dente ferra  
A Nau se entrega aos bravos Elementos,  
Ouvemse ao longe as magôas, e os lamentos  
Da saudosa, e ja deixada terra.

Calca Maria os encrespados mares,  
Despreza a face do mortal perigo,  
Não se enternece aos ais dos proprios lares.

Todo o thezoiro seu leva consigo ;  
So lhe pode dar susto, ancias, pezares  
Perder a doce vista de Rodrigo.

---



## SONETO

## V

Ao Templo entrei da Gloria : a magestade  
Dos Quadros registei : vi mil Heroínas,  
Que entre Gregas, Romanas, e Latinas  
Fazem todo o esplendor da longa idade.

Era Cleia a primeira, com piedade  
Nutria o Pai no seio das ruínas:  
Lucrecia estava ali, que as leis Divinas  
Vingara da sacrilega maldade:

Semiramis soltava a trança de oiro,  
E semiviva sobre o Arasse via  
Zenobia, que do Armenio cede ao loiro.

Sobre todas mais alto um trono havia,  
Junto ao qual pareceu dizer-me o Doiro :  
Este lugar e' so para Maria.

---

## SONETO

## VI

Festivos Genios, que cuidado altera  
Do somno vosso as lizonjeiras boras,  
Liras, e flautas nunca tão sonoras?  
Que Nume celestial hoje tempera?

Vagão colhendo os dons da Primavera  
De Graças mil Esquadras bailhadoras,  
Tenros amores, que tu Chipre adoras,  
Da branca Juno vão buscando a Esfera.

Mimozo orvalho vivifica a planta,  
Zefiros brandos d'entre nuvens de oiro  
Fazem soar doce rumor, que encanta :

Nuncios fieis de tão propicio agoiro,  
Dizei que e' isto ? mas Amor ja canta  
Nasceu ao Minho seu maior thesoiro.

---

## SONETO

## VII

Este e' o rio, aonde do passado  
Perde a lembrança quem as ondas corta,  
Um curvo, e branco velho aqui transporta  
As almas, que errão desse esquerdo lado.

Vagantes sombras, que feliz estado  
Não e' este que espera a gente morta!  
A afflicta dôr, que um coração soporta  
Aqui termina, e acaba o seu cuidado.

Tal foste ó Lima, eu te passei; do antigo  
E somnolento rio a doce historia  
E' verdadeira, eu mesma o affirmo, e digo :

Guarda entre os Lacios do teu nome a gloria,  
Que alegre acompanhando ao meu Rodrigo,  
De tudo que deixei perco a memoria.

---

## SONETO

## VIII

*Ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Ant., de Noronha*

Illustre, e digno ramo dos Menezes  
Heroc, filho de Heroc do Luzo gloria,  
Que de Tito nos trazes a memoria  
Os bellos dias, os doirados meses.

Se honra, o zelo, a fé dos Portuguezes  
No teu sangue nos lembra a antiga historia,  
Justamente a cantar esta victoria  
O Reino todo te confia as vezes.

Louva, festeja, aplaude a gloria rara  
Daquelle Heroc, que livre ja do insulto,  
Eterno azilo a Patria se declara.

Desculpa-nos porem se a tanto indulto  
No obsequio que o teu zelo hoje prepara,  
Com elle te equivoca nosso culto.

---

## SONETO

## IX

*Ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>r</sup> Marquez de Pombal*

Cingida a testa de mimosas flores,  
Firme na branca mão a tocha aceza,  
Corre a Fidelidade Portugueza  
A entornar sobre vos castos louvores.

Sabe que mallogrados os furores  
Da perfidia triunfaes, que atada, e preza  
Levais ao carro por trofeo da impreza  
A ruina dos barbaros Traidores.

Um custo de oiro, um Templo consagrarvos  
Ella quizera no infeliz receio  
De eternamente não poder gozarvos.

Mas deste obzequio consultando o meio,  
Ella vê que so pode levantarvos  
A Effigie na memoria, o Altar no seio.

---

## SONETO

## X

*Ao m.mo Ex.mo Sn.or Reformando a Vniuersidade  
de Coimbra*

Sombras illustres dos varões famosos,  
Que a Grecia e Roma déstes reis um dia,  
Vos que do Elizio na região sombria  
Respirais entre os zefiros mimosos.

Grande Licurgo, ó tu Solon, que honrózos  
Loiros cingis ; que egregia companhia  
Fazeis aos Mazarinos ; eu queria  
Adorar vossos vultos magestozos :

Vos fizestes da vossa Patria a gloria  
Por vos hoje é feliz a humanidade  
Que dignos sois de ua immortal historia !

Cesse porem vossa vaidade,  
Que basta a escurecer vossa memoria  
Um Carvalho, que adora a nossa idade.

---

## SONETO

## XI

*Ao mmo. Ex.mo Sr. conservando em paz o Reino*

Tallar Provincias, arrazar Cidades,  
A cinzas reduzir Reinos inteiros  
Forão desses Espiritos guerreiros,  
As nobres, immortaes heroicidades.

Mas se elles são lembrados nas idades  
Por grandes, por distinctos, por primeiros,  
Nas campanhas, nas praças, nos terreiros  
Vive ainda o terror das impiedades.

Se Alexandre, Scipião, Cesar, Pompeio  
Cingem da Fama o disputado loiro,  
O seu orgulho a funestalos vejo.

Vós da Fortuna com mais fausto agoiro  
Vivei Marquez pois enconstrastes meio  
De nos fazer gozar da idade de oiro.

---

## SONETO

## XII

*Ao autor da conjuração Joao Bap<sup>ta</sup>. Pelle*

Suspende a mão, vil monstro, considera  
A qual te empenhas barbaro delicto,  
Ouve os clamores, com que o Reino afficto  
Menos moverte, que aterrarte espera,

Elle te diz que eternizar quizera  
A vida desse Heroe, penso, medito:  
Nem mais digno de louvor mais exquizado  
A sua Fama consagrar pudera.

Eu vejo as penas que a Justiça enlaça  
Em teu castigo; eu vejo o estrago justo,  
A que te leva a culpa, ou a desgraça :

Mas confundate, ó Impio, mais que o susto,  
No suplicio, que o fogo te ameaça,  
Das virtudes do Heroe o aspecto augusto.

---



III  
VILLA RICA  
POEMA



## CARTA DEDICATORIA

---

Illm.º e exm.º sr. — Depois de haver escripto o meu poema da fundação de Villa-Rica, Capital das Minas-Geraes, [minha patria, a quem o deveria eu dedicar mais, que a v. exc. ? Ha muito, que anciosamente solicito dar ao mundo um testemunho de agradecimento aos beneficios, que tenho recebido da exma. Casa de Bobadella : Este me persuado que o póde ser, sinão pelo mais completo, ao menos pelo mais puro: a idade, que o lèr, confessará ingenuamente, que não obrou alisonja, aonde sobresahe a verdade. Dirão que adornei de louvores os preclarissimos nomes de v. exc. e do exm. sr. Gomes Freire de Andrada, seu digno irmão, mas poder-se ha conhecer ao mesmo passo que me deu dilatissimo campo um merecimento á todas as luzes solido, grande e incontestavel.

Quem ignora que por quasi trinta annos descansaram com felicidade nas mãos dos exms. Freires as Minas de ouro do nosso Portugal ? Quem não viu alegres os povos, satisfeito o monarcha, e conseguida em toda a sua extensão a igualdade da justiça por todo este espaço do saudoso Governo daquelles Heroes ? Podéra produzir muitas provas, se me não

sobrasse portodas a mesma diuturnidade dos annos, que refiro. Parece que o Rei desejara fazer eternos na protecção destes vassallos, tão apartados do seu throno, aquelles espiritos, que tanto apetezia ter ao seu lado : Esta foi a maior significação de amor, com que distinguiu aos moradores das Minas ; o testemunho maior com que qualificou o conceito, que formava dos exms. Freires.

Devera agora arrebatarme na individual exposição de todas as virtudes de v. exc., no elogio do seu esclarecido sangue, na portentosa serie das suas acções, tudo tenho diante dos olhos, tudo me lisongeia por extremo, e me estimula tudo.

Levantára uma nova Epopeia, que fizesse emudecer o rapto dos Mantuanos nos seus Marcellos ; mas que posso dizer, se conheço tão desigual o canto á vista do objecto, que concebo ! O mundo me accusaria sempre de diminuto ; e eu receberei grande vaidade de acabar com a ponderação deste embaraço este obsequio. Sou

De v. exc. humilde servo,

*Claudio Manoel da Costa.*

---

## PROLOGO

---

Leitor, eu te dou á lêr uma memoria por escripto das virtudes de um heróe que fôra digno de melhor engenho para receber um louvor completo. Não é meu intento sustentar que eu tenho produzido ao mundo um poema com o character de Epico, sei que esta felicidade não conseguiram até o presente aquelles homens, a quem a fama celebra laureados na Grecia, na Italia, em Inglaterra, em França, e nas Hespanhas. Todos se expozeram á censura dos criticos, e todos são arguidos de algum erro ou defeito : a razão póde ser a que assigna um bom autor : inventaram leis, aonde as não havia. Mas dou-te, que eu não te offereça mais, que uma composição em metro, para fazer ver o distincto merecimento de um general, que tão prudentemente pacificou um povo rebelde, que segurou a real auctoridade e que estabeleceu, e firmou entre as differentes emulações de uns e outros Vassallos desunidos, os interesses que se deviam aos soberanos Principes de Portugal : dirás, que é digna de reprehensão a minha empresa ? Na verdade não espero de teu benigno animo esta correspondencia : e tudo o que não for injuria ou accusação, será para mim uma inestimavel remuneração das minhas fadigas.

Se eu fiz alguma diligencia por averiguar a verdade, digam-te as muitas ordens e leis, que vês citadas nas minhas notas, e a extensão de noticias tão individuaes com que formei o plano desta obra : pôde ser que algum as conteste, pelo que tem lidonos escriptores da historia da America ; mas esses não tiveram tanto á mão as concludentes provas, de que eu me sirvo ; não se familiarisaram tanto com os mesmos, que intervieram em algumas das acções e casos acontecidos neste paiz ; e ultimamente não nasceram nelle, nem communicaram por tantos annos como eu.

E se estas Minas, pelas riquezas que tem derramado por toda a Europa, e pelo muito que soccorrem com a fadiga dos seus habitantes ao commercio de todas as Nações polidas, eram dignas de alguma lembrança na posteridade, desculpa o amor da patria, que me obrigou á tomar este empenho, conhecendo tanto a desigualdade das minhas forças. Estimarei ver elogiada por melhorpenna uma Terra, que constitue hoje a mais importante capitania dos dominios de Portugal.

*Vale.*

---

## FUNDAMENTO HISTORICO

---

Persuadido o autor desta obra, de que não serão bastantes as notas com que illustrou os seus cantos á instruir ao leitor da noticia mais perfeita do descobrimento das Minas Geraes, da sua povoação e do augmento, a que têm chegado os seus pequenos Arraiaes, se resolveu a escrever esta preliinação historica, em que protesta não pretender alterar a verdade á beneficio de alguma paixão, e só se regula pelo mais critico, e incontestavel exame, que por si, e por pessoas de conhecida intelligencia e probidade pôde conseguir sobre factos, que ou a tradição conserva de memoria, ou escreveu raramente algum genio curioso, que o testemunhou de vista.

Entre os desta conducta deu um importante socorro o coronel Bento Fernandes Furtado, natural da cidade de S. Paulo, que ha poucos annos falleceu no Serro-Frio, tendo sido morador do arraial de S. Caetano e districto da cidade de Mariana.

Confiou elle do autor em sua vida alguns apontamentos, que fizera, e achando-oso autor em muita parte dissonantes do que havia lido na historia de Sebastião de Pitta Rocha, e outros escriptores das cousas da America, procurou confirmar-se na verdade pelos monumentos das camaras, e secretarias

dos governos das duas capitánias, S. Paulo e Minas.

O sargento-mór Pedro Taques de Almeida Paes Leme, natural tambem da mesma cidade de S. Paulo, e alli morador, de estimavel engenho e de completo merecimento, remetteu ao autor desde aquella cidade todos os documentos que conduziram ao bom discernimento desta obra e regendo-se o autor por ordens regias, cartas de governadores, attestações de prelados ecclesiasticos, e manuscriptos desde a éra de 1682 achados nos archivros, que foram dos padres denominados da Companhia de Jesus naquelle provincia, facilmente poderá desculpar-se se offerece ao publico este poêma, sem o receio de ser insultado nas opiniões que sustenta, ainda quando mais contestadas de uns ou de outros sectarios.

Os naturaes da cidade de S. Paulo, que tem merecido a um grande numero de geographos antigos e modernos serem reputados por uns homens sem sujeição ao seu soberano, faltos de conhecimento e respeito que devem ás suas leis, são os que nesta America tem dado ao mundo as maiores provas de obediencia, fidelidade, e zelo pelo seu rei, pela sua patria, e pelo seu reino.

A vigilancia com que attendiam pela harmonia e utilidade economica do seu paiz, os aconselhou muito antes, que a todo o Portugal a fazer sahir das suas terras os padres denominados da Companhia de Jesus por sediciosos, e máus os pozeram elles em um total exterminio no mez de julho de 1640, e por força de uma caridade indiscreta de Fernão Dias Paes contra o voto commum foram depois restituídos á S. Paulo no anno de 1663.



Trabalharam incessantemente por adiantar os interesses do real erario; e se gloriam de que fossem Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siqueira os primeiros paulistas, que apresentaram as mostras do ouro das Minas Geraes ao governador do Rio de Janeiro, Antonio Paes de Sande, pelos annos de 1695.

Fallecendo o dito Sande, ficou com o governo Sebastião de Castro Caldas, o qual remetteu a El-Rei D. Pedro as mostras do dito ouro em carta datada no Rio de Janeiro a 16 de junho do mesmo anno.

Por este tempo se serviu S. Magestade de despachar a Arthur de Sá e Menezes por governador e capitão general do Rio de Janeiro, e por carta regia de 16 de dezembro de 1695 lhe ordenou passasse aos descobrimentos das minas do Sul a executar o que se havia encarregado a Antonio Paes de Sande, praticando com os paulistas benemeritos as mesmas honras, e mercês de habitos, e foros de fidalgos da casa, conteúdos na real instrução, que pela secretaria de estado se expedira ao dito Sande. Depois por carta regia de 27 de janeiro de 1697 se mandou sahir ao dito Sá com seiscentos mil réis de ajuda de custo em cada anno, além do seu soldo.

Buscando porém as cousas na sua origem, segue o autor por mais certa, e prudente opinião não se poder averiguar indubitavelmente, qual fosse o primeiro paulista, que descobriu as Minas Geraes, de que particularmente se trata nesta obra. E' sem controversia que o primeiro objecto dos conquistadores de S. Paulo foi o captivo dos indios, porque elles substituíam a falta dos escravos, que ao depois

entraram em grande numero das costas d'Africa. Desde o estabelecimento daquella povoação, que foi em 25 de janeiro de 1554, dia da conversão de S. Paulo, donde derivou o nome, se deve presumir que giravam muitos dos conquistadores pelo centro dos Sertões, e atravessavam as Minas, sahindo em bandeiras (que assim se chamavam as companhias que para esta diligencia se armavam), e recolhendo-se ao depois com a presa, que facilmente podiam segurar.

Dos Sertões penetrados era o mais notavel o da Casa da Casca, nome que se deu a uma aldêa sobre as costas do Rio Doce, que vae fazer barra á Capitania do Espirito Santo, e principia a formar-se desde o corrego do Ouro Preto, recebendo em si immensos ribeiros e rios caudalosos. Destes Sertões se recolhia na era de 1693 Antonio Rodrigues Arzão, natural da villa de Taboaté, com mais cincoenta homens de sua comitiva. Chegado á capitania do Espirito Santo apresentou ao capitão-mór, regente daquella villa, tres oitavas de ouro; a camara os recebeu com agrado, elhesubministrou os viveres e vestuarios, de que careciam, segundo as ordens que de El-Rei tinha.

Deste ouro se mandaram fazer duas memorias, uma, que ficou ao dito Arzão, e outra, que tomou para si o capitão-mór; aqui se fundamenta o episodio do segundo canto.

A denunciação desta limitada porção foi sem duvida a primeira que se fez do ouro, que se descobria nas Minas Geraes; e a de que se conserva memoria em S. Paulo, que é a de Carlos Pedroso da Silveira, por algumas circumstancias discorre o



autor ser posterior a ella. Antonio Rodrigues Arzão não podendo ajuntar, na villa do Espirito Santo, a gente que precisava para segunda vez tornar aos Sertões, se passou ao Rio de Janeiro e dahi para S. Paulo: nesta cidade ferido gravemente, dos trabalhos que passára, enfermou, e veio a morrer finalmente, deixando encarregado a Bartholomeu Bueno, seu cunhado, de continuar no descobrimento de que havia apresentado as mostras.

Era Bartholomeu Bueno dotado de bastante agilidade e fortaleza de espirito; como tinha perdidos em jogos todo o seu cabedal, foi facil querer melhorar de fortuna, tomando sobre si, com o favor de alguns amigos e parentes, a grande empresa a que havia dado principio Antonio Rodrigues Arzão.

Convocados todos e guiados pelo roteiro que lhes deixára o fallecido, sahiram da villa de S. Paulo pelos annos de 1697. Romperam os mattos geraes, e servindo-lhes de norte o pico de algumas Serras, que eram os faróes na penetração dos densissimos mattos, vieram estes generosos aventureiros sahir finalmente sobre a Itaverava, serra que de Villa Rica dista pouco mais de oito leguas, ahi plantaram meio alqueire de milho; e porque o sertão era mais esteril de caça, que o do Rio das Velhas, para este passou Bartholomeu a tropa, enquanto madurava a pequena sementeira, de que esperava manter-se, para continuar o descobrimento.

No anno seguinte, que foi o de 1698, voltaram os referidos sertanistas a colher a sua planta, e entrando na Itaverava foram encontrados do coronel Salvador Fernandes Furtado, e do capitão-mór Manoel

Garcia Velho, e outros conquistadores tambem do Gento, e povoadores das villas, que ficam ao Leste de S. Paulo : já então trabalhavam com algum des-  
embaraço os sertanistas ajudados de um grande nu-  
mero de Indios, que haviam captivado nos sertões  
do Cuyethé e Rio Doce ; mas como lhes obstava a  
falta de experiencia necessaria, e não tinham instru-  
mentos de ferro para a laboração, apenas se con-  
tentavam com o pouco que podiam apurar em pe-  
quenos pratos de páu, ou de estanho, servindo-lhes  
os mesmos páus aguçados de cavar a terra, e de  
descobrir os cascalhos, formações, em que se con-  
serva, e se cria o ouro.

Quiz Miguel de Almeida, um dos companheiros de  
Bueno, melhorar de armas, e propoz ao coronel Sal-  
vador Fernandes Furtado a troca de uma clavina,  
dando-lhe por avanço todo o ouro que se achasse  
nos da comitiva ; aceitou o coronel a offerta, e dan-  
do-se busca ao ouro se não achou entre todos mais  
que doze oitavas ; recebeu-as o coronel, e como Ma-  
noel Garcia Velho quizesse ter a vaidade de appare-  
cer com aquelle ouro em S. Paulo, commetteu ao  
coronel a venda de duas Indias, mãe e filha, a preço  
das doze oitavas ; conveio este no trato, e compra-  
das as Indias, as quaes cathequisadas, se baptizou  
uma com o nome de Aurora e outra com o de Celia.  
Desta ultima ha noticia que fallecera ha poucos  
annos na villa de Pitanguy, em casa de uma filha  
casada dod ito coronel, e aqui tem fundamento his-  
torico o episodio de Aurora.

Despedidos uns sertanistas de outros, partiu ufano  
para S. Paulo o capitão-mór Manoel Garcia Velho;

entrando na villa de Taboaté, ahi o foi visitar Carlos Pedroso da Silveira; e porque lhe não faltava habilidade, e engenho para se conciliar com os patricios, houve a si as doze oitavas de ouro; com ellas se passou ao Rio de Janeiro; apresentou-as ao governador, como já se disse, e foi premiado com a patente de capitão-mór da villa de Taboaté.

Consequentemente o nomeou o mesmo governador por provedor dos quintos, concedendo-lhe as ordens necessarias para estabelecer fundição na mesma villa, por ser ella a povoação onde desembocavam primeiro os conquistadores. Por este modo se vê, que posto que Antonio Rodrigues Arzão denunciasse primeiro que Carlos Pedroso da Silveira as tres oitavas de ouro que descobriu nas Minas Geraes, a sua morte impediu o progresso desta denunciação, e ficou Carlos Pedroso conseguindo a gloria de apresentar o ouro que elle não descobrira.

O descobrimento pois denunciado pela interposta pessoa de Carlos Pedroso da Silveira e o estabelecimento da casa da fundição em Taboaté, foram os dous fortes estimulos, que animaram aos paulistas a armarem tropas, a prevenirem-se de alguma fabrica mais proporcionada ao uso de minerar, e a desampararem a patria, rompendo os mattos geraes desde a grande serra do Lobo, que divide a capitania de S. Paulo até penetrarem o mais recondito das Minas, menos já na conquista do Gentio, que na diligencia do ouro.

O grande numero de concorrentes, que buscavam as Minas, e a emulação, que logo se accendeu entre os da villa de S. Paulo e os naturaes de Taboaté,

fez que estendidos por varias partes, buscasse cada um novo descobrimento, em que se estabelecesse; não se contentando os paulistas de entrarem em parte nas repartições das faisqueiras, que denunciavam os de Taboaté; nem estes nas que denunciavam os paulistas.

Esta opinião que tinha um semblante de fanatismo, por serem todos da mesma patria, posto que de diferentes districtos, veio finalmente á produzir a grande utilidade de se desentranharem em toda a sua extensão as minas do ouro do nosso Portugal, de serem penetradas de uns, e de outros, não se perdoando ao rio mais remoto e caudaloso, nem á serra mais intratavel e aspera: se bem que o conhecimento do ouro nas montanhas e serras, veio á conceber-se mais tarde, que dos rios e seus taboleiros, que são as margens planas que os cercam dos lados.

E porque não é intento do autor cançar ao leitor com a multiplicidade dos nomes de tantos, que tem a gloria de descobridores, e apenas podem ser conhecidos dentro das suas familias e patria; e menos noticiar individualmente os rios, corregos, e serras que por sua ordem se foram descobrindo, de que tudo tem uma veridica e sufficiente informação; só pelas datas dos tempos fará ver ao curioso quaes foram aquelles que deram ao manifesto as faisqueiras mais avultadas em que hoje se acham creadas a villa do Ouro Preto, a cidade de Mariana; a villa do Sabará, a do Caethé, a de S. João d'El-Rei; a de S. José e a do Principe no Serro do Frio, que fazem as cabeças das quatro comarcas da capitania de Minas Geraes.

\*  
\* \**Villa do Carmo, hoje cidade Mariana.*

1699—Miguel Garcia natural de Taboatê foi o primeiro que deu ao manifesto um correjo, que faz barra no Ribeirão do Carmo, e se comprehende no districto da cidade Mariana: fez a repartição o guarda-mór Garcia Rodrigues Velho com assistencia do escrivão das datas, o coronel Salvador Fernandes Furtado. O Ribeirão chamado o do Carmo descobriu delo mesmo tempo João Lopes de Lima, natural de S. Paulo, e manifestou em 1700. Repartiu-se e porque as faisqueiras eram invenciveis pela grande frialdade das aguas, despenhadeiros e mattos ceradissimos que o cercavam de ambas as margens, tanto, que só permittia trabalhar-se dentro delle quatro horas do dia, além da grande penuria dos mantimentos, que chegou a trinta, e a quarenta oitavas o alqueire de milho, e o de feijão a oitenta oitavas; foi facil desampararem os mineiros por algum tempo a sua povoação; e só permaneceu nella o coronel Salvador Fernandes Furtado: dista este ribeirão até a barra do Rio Doce 16 até 18 leguas, e pela volta do rio se computam 30. Está situada em 20 gráus e 21 minutos. Passou a ser villa por criação do governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho em 8 de abril de 1711.

\*  
\* \**Ouro-Preto, ou Villa Rica*

O Ouro-Preto que comprehende em si varios ribeiros e morros com differentes denominações, como

são Passadez, Bom Successo, Ouro fino, ou Bueno, etc., teve por descobridores nos mesmos annos de 1699, 1700, 1701 a Antonio Dias natural de Taboaté, ao Padre João de Faria Fialho, natural da Ilha de S. Sebastião, que viera por capellão das tropas de Taboaté, a Thomaz Lopes de Camargo que se sitiou nas Lavras, que ao depois vieram a ser de Pascoal da Silva, e a Francisco Bueno da Silva, ambos Paulistas, e este ultimo primo do primeiro descobridor da Itaverava, Bartholomeu Bueno: de todos estes tomaram nome alguns bairros de Villa Rica.

Foi creada villa pelo governador Albuquerque no dia 8 de julho de 1711; está situada em 20 gráus e 24 minutos ao poente.

\*  
\* \*

### *Sabará.*

Tendo sido atravessado o dilatadissimo sertão do Sabará-Bussú muito antes de qualquer outro das Minas, porque os primeiros conquistadores demandavam o Rio das Velhas, cujas dilatadas campinas eram mais povoadas dos gentios e ferteis de caça, e as primeiras diligencias do ouro e pedras se fizeram ao norte de S. Paulo; consta que o seu descobridor, ou denunciante das suas faisqueiras fôra o tenente general Manoel de Borba Gatto, natural de S. Paulo, de cuja historia se faz menção no Canto 3.º O descobrimento foi na era de 1700. Assistiu á repartição o governador Arthur de Sá e Menezes: passou Sabará a ser villa em 17 de julho de 1711 por criação do governador Antonio de Albuquerque: a sua situação é em 19 gráus e 52 minutos.



\*  
\*\**Caethé, Villa da Rainha.*

Entre o Sabará e o arraial de Santa Barbara se creou a Villa Nova da Rainha, conhecida ainda pelo nome brasilico de Caethé, que val'o mesmo que *matto bravo* sem mistura alguma de campo: foi descobrimento do sargento-mór Leonardo Nardes Paulista, e de uns fulanos Guerras, naturaes da Villa de Santos. O governador D. Braz da Silveira lhe deu o foral de villa em 29 de janeiro de 1714 por virtude da faculdade concedida ao seu antecessor Antonio de Albuquerque. Está situada em 19 gráus e 55 minutos.

\*  
\*\**Rio das Mortes, Villa de S. João e S. Jose*

O Rio das Mortes, que os paulistas e viandantes das mais partes atravessavam frequentemente por distar nos primeiros tempos do Ouro-Preto pouco mais de cinco dias de jornada ordinaria, foi descoberto por Thomé Portes d'El-Rey, natural de Taboaté, passados nuitos annos depois do descobrimento das primeiras povoações.

Ahi se creou a villa de S. João d'El-Rei, ficando-lhe ao nascente a de S. José, no lugar então chamado a Pontado Morro; foi descobrimento de João de Siqueira Affonso, natural de Taboaté. Foram creadas estas villas pelo governador D. Pedro de Almeida em 19 de janeiro de 1718. A villa de S. João está em 21 gráus e 20 minutos; S. José em 21 e 5 minutos.

\*  
\*  
\*  
*Serro Frio, Villa do Principe.*

Antonio Soares, natural de S. Paulo, avançando maior salto que todos os outros, atravessou os sertões ao norte de S. Paulo, descobriu o grande Serro vulgarmente chamado do Frio, que na lingua gentílica era tratado por Hyvituray, por ser combatido de frigidissimos ventos, todo penhascoso, e intratavel: do seu descobridor proveio o nome a uma das suas serras, que hoje se conhece pelo Morro de Antonio Soares. Neste descobrimento se associou um Antonio Rodrigues Arzão, descendente do primeiro Arzão, de quem já se deu noticia. As grandes preciosidades deste continente em ouro, diamantes, e todo o genero de pedras estimaveis, são bem conhecidas por toda a Europa: nelle se estabeleceu o real contracto diamantino, que tem devido aos Serenissimos Reis de Portugal a maior vigilancia e zelo. A capital denominada Villa do Principe foi creada por D. Braz da Silveira em 29 de janeiro de 1714. Está situda em 18 gráus e 23 minutos.

Discorrendo por entre a grande extensão destas quatro comarcas, apenas se achará rio, correço, ou serra, que não devesse aos paulistas o descobrimento das suas faisqueiras, e estes são os serviços com que se tem acreditado além de muitos outros os naturaes da cidade de S. Paulo.

Digam agora os geographos que todos são mameucos; arguam-lhes defeitos que nunca tiveram; sirva-lhes de injuria o haverem nascido entre aquellas montanhas: as almas é certo que não tem patria, nem

berço, deve-se amar a virtude, aonde ella se acha : nenhuma obrigação tinha a natureza de produzir sóna Grecia os Alexandres, só em Roma os Scipiões.

*Qui par s'intende*

*Di gloria il nome, e la virtù s'onora  
A L'Assessandri suoi L'Idaspe ancora*

O Abbade Pedro Metast. no Dram. de Alexandre.

∴

*Primeira divisão das comarcas.*

Em 6 de abril de 1714 se fez a divisão das comarcas com assistencia do sargento-mór, engenheiro Pedro Gomes Chaves, e do capitão-mór Pedro Frazão de Brito ; e se assentou que a comarca de Villa-Rica se dividisse dalli em deante da de Villa-Real, indo pela estrada de Matto-dentro pelo ribeiro que desce da Ponta do Morro entre o sitio do capitão Antonio Ferreira Pinto, e do cãpitão Antonio Corrêa Sardinha, e faz barra no Ribeirão de S. Francisco ficando a egreja das Cattas-altas para a Villa do Carmo, e pela parte da Itabira se fará divisão no mais alto morro della, e tudo o que pertence á aguas vertentes para a parte do Sul tocará á dita comarca de Villa-Rica, e para a parte do Norte tocará á comarca de VillaReal. O ribeiro das Congonhas, junto do qual está um sitio chamado — Casa branca, — servirá de divisão entre as comarcas de Villa-Rica e de S. João d'El-Rei, devendo tocar á Villa-Rica tudo o que se comprehende até ella vindo do dito ribeirão para as Minas Geraes ; e do mesmo pertencerá á comarca de S. João d'El-Rei tudo o que



vae até a villa do mesmo nome; a qual se dividirá com a Villa de Guaratinguetá pela Serra da Mantiqueira. Presidiu a esta repartição o governador D. Braz Baltazar da Silveira; e assignaram nella todos os procuradores das villas. *Consta do livro dos termos na secretaria do governo a fl. 36.*

..

### *Serie dos governadores.*

Tornando á serie dos governadores, que ou entraram nas Minas, tendo annexas as capitancias de S. Paulo e Rio de Janeiro; ou que particular e separadamente as governarão, a que alludiu o Autor naquelle verso—Fernando, Arthur, e D. Rodrigo ao morto — é sem duvida que deixados alguns governos interinos de ordem d'El-Rei, ou sem ella, succederam na administração das Minas Geraes todos os que se apontaram no Canto 9º.

Recolhia-se Fernão Dias Paes a enviar a El-Rei as mostras das esmeraldas, e deixando a seu genro Manoel de Borba Gatto, morador no Rio das Velhas, a polvora e o chumbo, e mais petrexos e ferramenta de sua laboriação para tornar ás Minas logo que recebesse as reaes ordens. Sahia D. Rodrigo por este tempo (que seria pouco mais ou menos na era de 1681) acompanhado de alguns paulistas, como foram Mathias Cardoso, Domingos do Prado, João Saraiva de Moraes, Manoel Francisco, pai de Salvador Cardoso, Domingos do Prado, pai de Januario Cardoso, e varios outros, que tinham a pratica dos sertões das Minas.

Avisihando-se D. Rodrigo ao Borba, no intento de

querer passar ás minas das esmeraldas, lhe mandou pedir o soccorro que precisava de polvora, e chumbo, e dos mais instrumentos de ferro : repugnou o Borba, a pretexto da espera em que estava de seu sogro Fernão Dias Paes; e querendo os que acompanhavam o fidalgo ir á força despojar o Borba do que pediam, pacificou D. Rodrigo este primeiro impeto, tomando sobre si a consecução do negocio por meios menos arriscados.

Desordenou a imprudencia de um ameaço toda a felicidade do empenho; e ainda que sem mandato expresso do Borba, foi morto D. Rodrigo nessa occasião por uns pagens, ou bastardos, que viviam aggregados a elle : a esta morte se seguiu salvar-se engenhosamente o Borba, affectando a repentina chegada de Fernão Dias Paes; e em consequencia da fugida, em que para logose pozeram os paulistas acima nomeados, foram elles os primeiros que se entranharam pelo Rio de S. Francisco; e povoaram, e encheram de gados as suas margens, de que hoje se sustentão grande corpo das Minas Geraes; nem mais quizeram voltar para a patria, envergonhados do engano em que haviam cahido.

Temeroso o Borba de que o buscassem as justicas, e que sobre a sua prisão fizesse El-Rei as maiores diligencias, se metteu nos sertões do Rio Doce com alguns indios domesticos da sua comitiva : ahi viveu varios annos respeitado por Cacique sem mais lei, ou civilidade, que aquella, que podia permittir uma communicação entre barbaros.

Estimulado com tudo dos remorsos da consciencia, cuidou em mandar dous indios praticos a S.

Paulo a tomar alguma intelligencia dos seus parentes sobre o estado em que se achava o seu crime ; estes lhe facilitaram o accesso ao governador Arthur de Sá e Menezes, recentemente chegado áquella capitania ; falou-lhe Arthur de Sá com affabilidade e lhe prometeu o perdão em nome d'El-Rei, com tanto que elle fizesse certo o descobrimento que denunciava do Riod as Velhas.

Bem se pôde considerar o estado em que se achariam as Minas por todo este tempo, em que só o despotismo, e a liberdade dos fascinorosos punham, e revogavam as leis a seu arbitrio. O interesse regia as acções, e só se cuidava em avultur em riquezas, sem se consultarem os meios proporcionados a uma aquisição innocente. A soberba, a lascivia, a ambição, o orgulho, e o atrevimento tinham chegado ao ultimo ponto.

Aprestado o Borba, e soccorido de muitos parentes e amigos, acompanhou a Arthur de Sá, chegou ao Rio das Velhas, deu ao manifesto este descobrimento, e se fez digno pela grandeza das suas faisqueiras, que o Governador o premiasse com a patente de tenente general de uma das praças do Rio de Janeiro.

Pouco tempo se demorou Arthur de Sá no Rio das Velhas, lavrado o mais facil daquelles ribeiros, se retirou outra vez para S. Paulo substituindo-lhe uma especie de jurisdicção no civil, e no crime omestre de campo dos Auxiliares, Domingos da Silva Bueno, guarda-mór das repartições das terras e datas mineraes, creado pelo mesmo governador.

Com a ausencia de Arthur de Sá, como corpo sem

cabeça, tornaram as Minas a mesma desordem: as distancias das quatro comarcas já penetradas, e cheias de um grande numero de povoadores de diferentes capitánias, que tinham entrado, difficultavam as providencias de um só homem, em quem ainda não acabavam de reconhecer os povos a jurisdicção, de que estava encarregado.

Por este tempo se começaram á suscitar os odios entre os filhos de S. Paulo, e os naturaes de Portugal, que elles donominavam *Buabas*. Dous religiosos, cujos nomes e religiões se não declararam per se evitar o escandalo, fomentaram todo o calor desta desunião. Viviam elles na liberdade, que permittia o paiz, e a impulsos de uma desordenada ambição atravessaram com tres arrobas de ouro o fumo e a caxassa, ou aguardente da terra, para a venderem monopolisadamente pelo mais alto preço. Quizeram logo praticar o mesmo com as carnes dos gados, e encontrando a opposição dos paulistas, resolveram acabar com elles, expellindo-os de uma vez das Minas, que elles haviam conquistado, e em que estavam estabelecidos com as suas familias e fabricas.

Sucedendo uns factos a outros, e tomando corpo a emulação conseguiram os europeos a expulsão despejo dos paulistas pelos annos de 1709 para 1710, regendo-os nesta acção os dous chefes Manoel Nunes Vianna, com o character de governador, com que o decoravam os seus, e Antonio Francisco com o de mestre de campo por nomeação do mesmo Vianna.

Quaes fossem estes dous homens, o dão a conhecer as notas, que se ajuntaram ao Canto 5º e 6º., e posto que pelo que respeita á Vianna se citasse só o

testimunho do conde de Assumar em uma carta registada no Livro n. 7 da secretaria do governo das Minas Geraes ; no mesmo livro se encontram infinitas, que accusam as intrigas, sublevações e desordens, que elle continuava a maquinar nos districtos, onde vivia, do Rio das Velhas, as quaes por brevidade se não transcrevem.

Quanto á Antonio Francisco, o mesmo conde dá um testemunho do seu character na carta escripta ao doutor Valerio da Costa Gouvêa, ouvidor da comarca do Rio das Mortes, datada em 14 de março de 1718, paginas 22 e 23 : nella se lêem estas palavras :

« Eu não sei, se expliquei bem, quando falava a Vmc. na minha antecedente no exterminio deste homem, porque se queria saber de Vmc. o partido, com que ahi me achava, era julgando ser precisa a prisão ; porque bem sabia eu que os perturbadores, e sediciosos não só podiam, mas deviam ser expulsados ; a difficuldade só. que se me offerecia, era no modo de o fazer ; porque a desgraça deste paiz é tal, que sendo de tão baixo nascimento este homem, é aquelles, que se não prendem, para se soltarem. »

Fazendo porém, justiça, é certo que entre os rebeldes e levantados daquelle tempo tinha melhor indole, que todos, o supposto governador Manoel Nunes Vianna : não consta que commettesse, por si ou por algum de seus confidentes, positivamente alguma acção nociva ao proximo : desejava reger com egualdade o desordenado corpo, que se lhe ajuntára : acolhia afavelmente a uns, e a outros ; soccorria-os com os seus cabedaes ; apasiguava-os, compunha-os, e os serenava com bastante prudencia ; ardia po-



rém por ser governador das Minas; e se tivesse letras, se podia dizer que trazia em lembrança a maxima de Cezar — *Si violandum est jus, regnandi gratia violandum est.*

Este projecto lhe desordenava a serenidade do animo, e o punha na consternação de dissimular os insultos daquelles, aquem era devedor do mesmo logar que occupava : sobre este artigo é que o Autor ó accusa nesta obra ; sendo certo que a obediencia aos soberanos se deve tributar sem algum rebuço ; e que nada tão sagradamente deve respeitar um fiel vassallo.

Atormentavam os ouvidos de D. Fernando Martins Mascarenhas os tumultos e desordens, em que estavam as Minas, e querendo pessoalmente socegalas, marchou para ellas desde o Rio de Janeiro no mez de junho de 1710. Chegou ao Rio das Mortes com intento de passar ao Ouro Preto. aonde residiam principalmente os chefes dos levantados : offerceram-se-lhe alguns paulistas, e filhos de Portugal mais bem intencionados para o acompanharem nesta diligencia ; elle porém não consentiu no obsequio, por evitar assim algum ruido maior entre os sublevados ; não cessaram com tudo elles de fazer espalhar a noticia de que D. Fernando trazia cargas de correntes, e outros instrumentos de ferro para punir aos cumplices do levantamento e conspiração contra os paulistas.

Derramada esta voz pelas Geraes, se dispoz Manoel Nunes Vianna á disputar-lhe a entrada ; armou em tom de politica, e cortejo um grande numero de homens a cavallo, e repartiu ordens por todos os

districtos circumvisinhos ao Ouro-Preto, que com pena de morte se apromptassem aquelles moradores para uma diligencia Chegava D. Fernando ao arraial das Congonhas, distante oito leguas de Villa-Rica, quando os que acompanhavam a Vianna, avistando de longe ao governador, clamaram em altas vozes: Viva o nosso general Manoel Nunes Vianna, e morra. D. Fernando, se não quizer voltar para o Rio de Janeiro!

Alguns se querem persuadir que Manoel Nunes Vianna entrara violentado nesta acção, e elle se pretendeu escusar do conceito de rebelde e sublevado, passando occultamente na noite seguinte á falar com D. Fernando, protestando-lhe estar prompto para entregar o governo quanto á sua parte, e de tudo isto lhe pediu por escripto uma attestação.

Assustou-se o governador com a inesperada saudação dos rebeldes, e pediu oito dias para se retirar: concederam-se-lhe estes, mas não se aproveitou D. Fernando do beneficio; porque sem muita demora deu as costas ás Minas, e voltou para S. Paulo; ahi trabalhava anciosamente em se reforçar com os paulistas, para vir sobre os levantados, fazendo commum a afronta delles; e meditando para o seu despique puxar as tropas do Rio, e Bahia, e juntos por uma parte e outra atacarem todos ao mesmo tempo as Minas.

Chegou ao Rio de Janeiro a frota de Portugal, e nella veio render a D. Fernando o governador e capitão general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, por patente datada em Lisboa em 23 de Novembro de 1709.

Sem perda de tempo se poz em marcha para as Minas, e levando a resolução de entrar nellas disfarçado como qualquer particular, buscou o arraial de Caethé á avistar-se com um Sebastião Pereira de Aguilár, filho da Bahia, homem rico, e poderoso, de conhecido valor e espirito, que tinha por então tomado sobre si atacar a Manoel Nunes Vianna, e todos os seus parciaes pelas injustiças e violencias que praticavam, especialmente com os filhos do Brasil de qualquer provincia, á quem tinha transcendido o odio conciliado contra os paulistas.

Consta que o dito Sebastião Pereira de Aguilár escrevera para S. Paulo a D. Fernando Martins de Mascarenhas, offerecendo-se-lhe para lhe segurar o governo com o poder de muitas armas, e gentes, que tinha já adquirido ; e talvez foi este o motivo que obrigou a Albuquerque a buscar na sua entrada aquelle districto do Caethé, hoje Villa Nova da Rainha.

Na passagem, que fez a comitiva de Albuquerque pelos levantados, foi conhecido de Antonio Francisco o capitão José de Souza, que vinha na sua guarda: cumprimentaram-se sem algum susto, por ter servido o dito Antonio Francisco de soldado na praça da Colonia na companhia do mesmo capitão. Este lhe deu a noticia de haver entrado já nas Minas o governador, e o capacitou com fortes persuasões, á que o buscassem, e se lançassem á seus pés os chefes dos levantados, se queriam melhorar de semblante na sua causa.

A perturbação em que se via posto o governador Vianna, combatido pela parcialidade avultada de Se

bastião Pereira de Aguiar, e os ameaços de um formidável castigo, que por ordem de El-Rei acabava de insinuar o capitão José de Souza, obrigaram o Manoel Nunes Vianna, a Antonio Fraucisco, e a muito outros cabeças do levantamento á partirem sem demora para o arraial do Caethé: ahi se achava hospedado o governador em casa de uns tres irmãos, naturaes tambem da Bahia, que eram José de Miranda Pereira, Antonio de Miranda Pereira e Miguel Alves Pereira, talvez parentes ou amigos de Sebastião Pereira de Aguiar.

Prostraram-se aos pés de Albuquerque os rebeldes, e desculparam, quanto lhes foi possível os seus crimes: o governador os recebeu affavelmente, não querendo usar do poder e das ordens, de que vinha fortalecido: seguiu á todos o perdão pela emenda, que dessem a conhecer para o futuro; e não tardou á capacitar a Manoel Nunes e Antonio Francisco, que não convinha a assistencia delles nas Minas Geraes, por socegar de uma vez o tumulto dos povos.

Retiraram-se com este conselho os dous para as fazendas, que tinham nos sertões: socegou o povo com a ausencia dos patronos, e proseguiu Albuquerque na creação das villas, e estabelecimento da capitania. Bem é de ver quanto suor e fadigas empregaria o prudente general em asegurar o fim de uma tão escabrosa, como interessante empresa. Foi elle o primeiro, que susteve com desembaraço as redeas do governo; que pizou as Minas com luzimento, e firmeza do character, em que El-Rei o pozera; que promulgou as leis do soberano, e fez respeitar neste continente o seu nome.

Esta a heroicidade, que lhe considera o Autor ; por virtude da qual o contempla digno do elogio, que honra Soliz ao seu Cortez.

*Admiravel Conquista, e sempre illustre  
Capitão daquelles, que vagarosamente  
produzem os seculos, e de quem ha raros  
exemplos na Historia !*

A' Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho succedeu D. Braz Balthazar da Silveira, o qual tomou posse na comarca de S. Paulo em 1713. e passou para as Minas ao fim de setembro do dito anno.

A' este succedeu em 1717 o Conde de Assumar, D. Pedro de Almeida, que passou para as Minas em setembro do dito anno. Foi o seu governo bastante-mente critico por encontrar a opposição dos povos na criação das casas da fundição. Subjugou heroicamente alguns levantados, e sublevações, principalmente os de Pitanguy, fulminados por Domingos Rodrigues do Prado, e o de Villa Rica, que foi ter á Marianna em 28 de junho do anno de 1720: aqui se lhe fez preciso prender auns, e castigar a outros com a ultima pena.

Estes procedimentos lhe adquiriram o nome de tyranno nas Minas; mas á sua constancia, e resolução deve Portugal a inteira sujeição da capitania; o exemplar castigo acabou de atterrar os animos de um povo tantas vezes rebelde e segurou de uma vez a real auctoridade.

*Quod si non alium venturo fata Neroni  
Invenére viam, magnisque æterna parantur*

*Regna Deis, cœlumque suo servire Tonanti  
 Non nisi sævorum potuit post bella Gigantum  
 Jam nihil, ó Superi, querimur scelera ista,  
 [nefasque*

*Hac mercede tacent.*

Lucan. Pharsal., tit. 1.º, vers. 33.

Durou o governo do conde de Assumar até o anno de 1721, em que o substituiu D. Lourenço de Almeida, que foi o primeiro governador positivo das Minas; porque nelle se separou a capitania de S. Paulo em governo á parte, ficando os Geraes respectivos só com sujeição aos Vice-Reis do Estado.

Tomou D. Lourenço de Almeida posse na Igreja Matriz de Nossa Seuhora do Pilar do Ouro-Preto com assistencia da Camara, em 18 de agosto de 1721.

A' D. Lourenço de Almeida succedeu o conde das Galvêas, André de Mello e Castro, que tomou posse no 1.º de setembro de 1732 na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antonio Dias.

O Conde das Galvêas deu posse á Gomes Freire de Andrada, em 26 de março de 1735.

Mediaram alguns governos interinos, como foi o de Martinho de Mendonça Pina e Mello na ida, que fez o dito conde de Bobadella ao Rio de Janeiro, em março de 1736; foi outra vez levantado o pleito de homenagem em 26 de dezembro de 1737.

Pelos tempos, em que se deteve no Uragay com a real commissão do tratado de limites, substituiu seu irmão José Antonio Freire de Andrada, conde actual de Bobadella, o governo das Minas. Igualmente falleceu no 1.º de janeiro de 1763; se praticou a via de successão no exm. bispo D. Fr. Antonio do

Desterro, e nos mais chamados por ella ; até que no anno de 1763, em 28 de dezembro, entrou no governo o general Luiz Diogo Lobo da Silva.

Este Governador enchendo de merecimentos os dias do seu governo, deu posse ao exm. conde de Valladares, em 16 de julho de 1768.

\*  
\* \*

*Descobrimto das esmeraldas, de que se faz  
menção no Canto 8.º*

Dá o Autor uma idéa deste descobrimto conforme o que leu em um poema manuscripto de Diogo Grasson Tinôco feito no anno de 1689 ; e mostra quanto trabalhou nesta empreza Fernão Dias Paes, natural de S. Paulo.

A 27 de setembro de 1664 commetteu o Senhor rei D. Affonso VI á Agostinho Barbalho a empreza do descobrimto das esmeraldas, facilitando-lhe o fim deste negocio com uma carta, que escreveu o mesmo Senhor á Fernão Dias Paes, cujo zelo e capacidade já era bem conhecida naquella corte, na quallhe ordenava desse todo o soccorro necessario para a conclusão deste particular. Esta carta fez tanta impressão no espirito generoso de Fernão Dias, como se póde colligir da presteza com que satisfez as primeiras ordens, que nella se continham, e bem o refere Diogo Grasson na oitava 27 do seu panegiricoao mesmo Fernão Dias.

*Lendo-a Fernando, achou que El-rei mandava  
Dar-lhe ajuda, e favor para esta empreza,  
E em juntar mantimentos se empenhava*

*Com zelo liberal, rara grandeza ;  
 Mas por que exhausta a terra então se achava,  
 E convinha o soccorro ir com presteza,  
 Mandou-lhe cem negros carregados  
 A' custa de seus bens, e seus cuidados.*

Depois de passados alguns annos, tempo, em que já estava no throno o senhor D. Pedro II, sabendo Fernão Dias que com a morte de Agostinho Barbalho não tiveram effeito as ordens que trouxera, se quiz encarregar voluntariamente da execução dellas, escrevendo primeiro á Affonso Furtado de Mendonça, governador que era então daquelles estados, e tinha a sua residencia na Bahia offerecendo-se-lhe para este fim com a sua pessoa, e com todos os seus bens: mandou-lhe Affonso Furtado uma patente de primeiro chefe daquella empreza aos 30 de abril de 1672. Nos principios do anno de 1673 se poz Fernão Dias em marcha com varios parentes e amigos seus, demandando a altura em que Marcos de Azevedo fazia certo o descobrimento das esmeraldas, em cuja diligencia soffreu trabalhos infinitos, como testifica o seu panagerista na oitava 35.

*Parte emfim para os serros pertendidos,  
 Deixando a patria transformada em fontes,  
 Por termos nunca usados, nem sabidos,  
 Cortando mattos, e arrasando montes,  
 Os rios vadeando mais temidos  
 Em jangadas, canoas, balsas, pontes,  
 Soffrendo calmas, padecendo frio  
 Por montes, campos, serras, valles, rios.*

Desta sorte chegou á paragem chamada pelos na



turaes *Anhonhecanhua*, que quer dizer *agua que se some*, e entre nós tem o nome de *sumidor*. Aqui se de- teve Fernando por espaço de quatro annos com pouca differença ; e fez varias entradas no *Sobra Bussú*, que val o mesmo, que *cousa felpuda*, e é uma serra de altura desmarcada, que está visinha ao *sumidou- ro*, a qual chamam todos hoje comarca do Sabará Nella achou diversa qualidade de pedras, que por falta de pratica se-lhes não soube dar o valor, de que talvez eram dignas. Da demora, que aqui teve Fer- nando e do muito que aqui soffreu, teve origem a discordia entre muitos seus companheiros, pois quasi todos conspiravam contra a sua vida, e por ultimo o deixaram só.

Vendo-se Fernando neste desamparo, não esmo- rece, antes entra á cuidar na brevidade da sua der- rota, com animo de buscar a indireitura chamada *Rupabussú*, que soa na nossa lingua *Lago grande*, e junto deste é que suppunham os socavões das es- meraldas. Achava-se Fernando falto do necessario para adeantar o giro desta expedição. Escreve a pa- tria, e ordena a mulher não se-lhe negue coisa al- guma do que lhe pede. Assim o diz a oitava quarta do seu elogio.

*Isto supposto, já para a jornada  
Manda á patria buscar, quanto á seu cargo  
Incumbe, pois que a fabrica guiada  
Destruida se vê do tempo largo,  
Determina á fiel consorte amada  
Que á nada, do que pede, ponha embargo,  
Inda que sejam por tal fim vendidas  
Das filhinhas as joias mais queridas.*

Com effeito chegou o postilhão, e trouxe comsigo o que Fernando pedia. Pozeram-se á caminho, e foram discorrendo por uma dilatada montanha, até que chegaram á *Tucam bira*, que quer dizer *papo de Tucano*, e deixando todo este espaço avassalado, partiram para a *Itamirindiba*, que é muito fertil de peixe e significa propriamente *pedra pequena e buliçosa*. Aqui pararam por algum tempo, e se proveram de forma, que lhes não fosse damnosa qualquer invasão do gentio : ultimamente buscaram o rumo do norte, até que depois de atravessarem uma parte dos sertões, chegaram ás aguas do *Vupabussú*.

Aqui cuidou Fernando logo em expedir cem bastardos que trazia, afim de examinar a formalidade das terras circumvisinhas á este lago, á ver se achavam algum lingua que os informasse melhor do que buscavam. Na verdade não se frustrou de todo esta diligencia ; porque sobre o cume de uma montanha, vendo os bastardos muita gente daquella, que podia dar noticia das pedras pertendidas, investiram a ella, e apenas seguraram um que, sendo trazido á presença de Fernando, mandou este que com toda a humanidade foi tratado entre os seus. Era elle de um animo seguro, conforme o pinta Diogo Grasson na oitava 61.

*Era o Silvestre moço valeroso,  
Sobre nervudo, de perfidia alheio,  
O gesto respirava um ar brioso,  
Que nunca conhecêra o vão receio :  
Pintado de urucú vinha pomposo,  
E o labio baixo rôto pelo meio,*

*Com tres penas de arara laureado,  
De fléchas, de arco e de garróte armado.*

Foi este o que descobriu os socavões de Marcos de Azevedo junto á um serro, que corre do norte para o sul. Mas quanto não custou a Fernando este descobrimento? Trabalhou sete annos nesta empresa. Foi-lhe preciso romper por todas as resoluções do seus, que só o aconselhavam se retirasse para *Itamirindiha*, e deixasse para melhor tempo o descobrimento pretendido, certificando-o de que os mattos circumvisinhos a Vupabussû exalavam de si um halito pestilento, e que toda a sua demora alli não podia ser proveitosa. Ultimamente mandou enforcar um filho seu bastardo, que mais estimava, por lhe constar que conspirava contra a sua vida. Chegou emfim á ver, o que tanto desejava, e fazendo-se na volta de S. Paulo, d'onde era natural, não quiz o Céu que elle tivesse a gloria de apresentar ao seu soberano o testemunho do seu zelo e da sua lealdade. Morreu junto ao Guayachy, que entre nós val o mesmo que o rio das velhas. Isto é tudo, quanto sabemos do descobrimento das esmeraldas, sem que possamos affirmar o rumo, altura, e os gráus certos, em que foram descobertas estas pedras.

---



# VILLA RICA

---

## POEMA

DE CLAUDIO MANOEL DA COSTA

### CANTO PRIMEIRO

Cantemos, Musa, a fundação primeira (1)  
Da Capital das Minas ; onde inteira  
Se guarda ainda, e vive inda a memoria,  
Que enche de applauso de Albuquerque a historia.

Tu, patrio ribeirão, que em outra idade  
Déste assumpto (2) a meu verso, na egualdade  
De um epico transporte, hoje me inspira  
Mais digno influxo ; por que entõe a lyra ;  
Porque leve o meu canto ao clima estranho  
O claro heróe, que sigo, e que acompanho :  
Faze vizinho ao Tejo, emfim que eu veja  
Cheias as Nymphas de amorosa inveja .

E vós, honra da patria, gloria bella  
Da casa, e do solar de Bobadella,  
Conde feliz, em cujo illustre peito  
De alta virtude respirando o effeito,  
O Irmão defunto (3) reviver admiro :

Affavel permitti que eu tente o giro  
 Das minhas azas pela gloria vossa,  
 E entre a serie de heróes louvar-vos possa.

Rotos os mares, e o commercio aberto,  
 Já de America o genio descoberto  
 Tinha ao rei lusitano as grandes terras, (4)  
 Que o sul rodeia de escabrosas serras.

O titulo contavam de cidades,  
 Pernambuco, Bahia, e as crueldades  
 Dos indios superadas ; já se via  
 O Rio de Janeiro, que fazia  
 Escala ás náos : buscando o continente  
 De Paulo, (5) uma conquista está patente,  
 Que aos portuguezes com feliz agouro  
 Promettia o diamante, a prata, o ouro.

O arbitrio de um só braço (6) moderava  
 Toda a capitania ; e projectava  
 Albuquerque, que a gente ao sceptro alista  
 Fazer mais dilatada esta conquista.

Da noticia de alguns tinha alcançado,  
 (E muito mais na idéa está gravado  
 O prophetico annuncio) que faria  
 Grande serviço ao rei, si a serra  
 Vencesse, e além passasse, e visse a testa  
 Do soberbo Itamonte (7) : manifesta  
 A estrella se lhe mostra, e um genio esperto (8)  
 O guia a ver da empreza um fim mais certo.

Tornando á margem de um soberbo rio (9)  
 Já se alojava o heróe, e do sombrio  
 Amparo de umas arvores, enquanto  
 Vagava a comitiva, ao doce encanto

Do murmúrio das aguas, e do vento  
Dando aos membros suave acolhimento  
O leve somno lhe deitava as azas.  
Tecia debil canna as molles casas,

Em que apenas descança algum rendido  
Da fatigada marcha; alli ferido  
De uma estranha paixão, que n'alma alenta  
Ao lado está do general; sustenta  
O brioso Garcia (10) o officio inteiro  
De subdito, de amigo, e companheiro.

Rende-se ao sommo o heróe, e ao anhelante  
Pulsar do peito, observa o vigilante  
Mancebo, que o combate afflicta lucta  
No horror da phantasia; um ai lhe escuta,  
Que ancioso respira; outro mais vivo  
Lhe percebe no assalto successivo;  
E ao ver, que estende duramente os braços,  
Já teme, e grita, e já lhe rompe os laços  
Do funesto lethargo: ai! charo amigo,  
(Lhe diz o heróe) não temas, eu prosigo,  
Si é, que o espanto, e o terror, que n'alma provo,  
Me dão para falar-te alento novo.

Neste instante, ai de mim, ou fosse imagem (11),  
Que ha muito me opprimia, ou que a passagem  
Deste rio me offereça agouro triste;  
Eu vi (eu inda o vejo, inda me assiste  
Presente aos olhos o medonho objecto!)  
Eu vi, que me apartava do projecto  
De penetrar estes sertões escuros  
O grande Dom Rodrigo (12); dos seguros  
Hombros, de que pendera a grave espada,  
Rasga o vestido, e mostra inda manchada

A carne das feridas, de que o sangue  
Correr se via ; eu tremo, e quasi exangue  
Desmaio á tanta vista : elle se avança,  
Da mão me prende, e diz : Em vão se cansa,  
Em vão o vosso rei, si ver pretende  
Subjugado este povo, que defende  
Com o barbaro zelo as patrias Minas.  
Debalde tu tambem hoje imaginas  
Chegar ao centro dellas : eu contemplo  
Mil perigos na empreza : fresco exemplo  
Te dá a minha morte ; só te espera  
De genios brutos pertinacia fera,  
Falta de fé, traições, crimes atrozes,  
Só terás de encontrar ; si as minhas vozes  
Teu credito merecem ; deixa, evita  
A infame estrada... nisto ao ver, que grita  
Mais forte, e mais medonha a sombra, tremo,  
Pasma, e me assusto, me horroriso, e gemo.

Sem trabalhos (Garcia então lhe torna)  
A gloria não se alcança, não se adorna  
Do loiro da virtude, o que se nega  
Ás arduas diligencias ; sei que chega  
Vosso zelo e valor ao termo, aonde  
Tudo o que é grande, apenas corresponde  
Ao meditado arrojo ; mas passado  
E' talvez o peor ; e já lembrado  
Posso esperar, que o mal encha algum dia  
Os corações, e as almas de alegria.  
Temos dobrado a grande serra ; temos  
Rompido os mattos ; onde ver podemos  
As feras, e o gentio, que a brenha occulta,  
Girar por entre nós : a alma insepulta  
Do morto general a nós nos leva  
Vencer do esquecimento a escura treva ;



Busque-se o seu cadaver; e entre os nossos  
Honrada sepultura achem seus ossos.

Aqui chegava, quando a comitiva  
Desde o vizinho monte, — viva! viva! —  
Bradava em altas vozes; cresce o espanto;  
Ambos se admiram, de alarido tanto  
A causa buscam; pouco tempo tarda  
Em recolher-se a dividida guarda,  
Com salvas, e com vivas festejando  
A presa, que já vem apresentando.

Tres Indias são, que do Pory (13) robusto  
Em resto escapam; todo o corpo adusto  
Mostra, que o sol sobre a nudez queimára,  
E que a ingenita côr de branca e clara  
Tornou um pouco escura; a longa idade  
A todas tres enruga a mocidade;  
Curvos os hombros; poucas cans, os braços  
Murchos, e descarnados, mal os passos  
Regem tremendo; breve arrimo fazem  
De tintos páus, que apenas nas mãos trazem.

Tecendo a têa na morada escura  
De negro Rhodamanto, outra figura  
Não inculcára mais enorme, e triste  
O termo horrendo, que aos mortaes assiste.

Conta Camargo que ao vizinho monte  
Subira com os seus, e que de ponte  
Um madeiro, que o tempo derribára,  
Lhe serviria, e por além passára;  
Que desd'alli por entre as brenhas via  
Uma pequena aldêa a quem fazia  
Baixa, e comprida choça a cobertura

Aos queimados Tapuyas, desd'a altura  
Do monte desparou por metter medo  
Um tiro de espingarda ; nenhum quedo  
Se deixa então ficar : todos se apressam ;  
Fogem, nem mais as flechas se arremessam.

Desamparado o sitio humilde, e pobre,  
Desce ao terreno, e as Indias tres descobre,  
Que de opprimidas dos cansados annos  
Não poderam fugir, temendo os damnos,  
Que dos antigos paes ouvido tinham.

Variamente uns, e outros se entretinham  
Em contar o successo ; e já notava  
Garcia, que nas indias se firmava,  
Que uma dellas com gesto mais sereno  
Punha nelle os seus olhos ; por aceno  
Observa mais que explica, que o conhece,  
Da lingua portugueza lhe parece  
Que entende ; e mais se assombra o bom Garcia  
Ao ver, como em um dedo ella prendia  
Uma memoria de ouro ; a joia observa ;  
Cala-se, e a melhor tempo o mais reserva ;  
Exprimindo em um ai, que d'alma exhala  
O mais, que por então sepulta e cala.

Recolhidos a um tempo os companheiros  
Junto aos troncos, nas grutas dos oiteiros  
Se armam as mesas ; de viandas servem  
A mortas caças, que nos cobres fervem,  
As aves, que do chumbo o globo estreito  
Feriu nas azas, e rompeu o peito ;  
O veado, a que o indio na carreira  
Seguiu, e a setta disparou ligeira ;  
Não falta o loiro mel da abelha astuta,

O grelo da palmeira, e a tosca fructa,  
Que alguma arvore brota alli nascida  
Por menos venenosa conhecida,  
Emquanto os brutos animaes a comem :  
(Tanto dos brutos aprendera o homem !)

Tornando ás praias da infeliz Carthago  
O triste resto do troiano estrago,  
Tal se consola da fatal ruina,  
Que pôde a musa celebrar latina.

Longe de Europa os provimentos ficam,  
Nem os fortes cavallos, que se applicam  
A' conducção dos viveres, se atrevem  
A romper os caminhos; mal se devem  
Pequenas cargas aos robustos hombros  
Dos domesticos indios; (14) si os assombros  
Desperta em vós esta fatal penuria  
O' generaes de Europa; nobre injuria  
Concebe o meu heróe; alli sentado  
Entre os mais companheiros; rodeado  
Sem distincção alguma, ou já na mesa,  
No leito, no quartel, ou junto á accesa  
Chamma, em que esperam reparar o frio;  
Tem toda a auctoridade, todo o brio  
Posto no zelo só, na vigilancia,  
Com que prova os esforços da constancia,  
Esquecido de si, e da grandeza  
Por ver o fim da commettida empreza.

---

## CANTO II

Cahia a noite e apenas scintillava  
No céu alguma estrella; ao chão baixava  
Escassamente a luz, que Cinthia fria  
Mal distincta espalhava entre a sombria  
Rama da espessø matta e duros troncos.  
Não se ouvem mais que os formidaveis roncoss  
De aves nocturnas, de famintas feras.

Só tu, Garcia amante, consideras  
Opportuna a teus ais a estação triste;  
Amor, que ardendo no teu peito assiste,  
Vae buscar o remedio a seu cuidado;  
Elle te guia, e leva disfarçado  
A' choça, que ás tres Indias deu abrigo,  
O' quanto louvas o silencio amigo,  
Quanto o somno dos mais! chega, repara  
Na velha afflictta, que a choupana avara  
Apenas cobre com a palha agreste;  
A leve canna (15), que as montanhas veste  
Já secca ao sol, se accende e a luz ministra  
Com que uma a uma, as Indias tres registra,  
Na lingua nacional, que não ignora,  
Saúda e neste instante a mãe de Aurora  
Conhece; Aurora, a bella prisioneira,  
Que houve da mão de Arzão, que c'o a primeira  
Medalha de ouro elle prendára; cresce  
De novo a admiração e se offerece  
A India a dar-lhe relação da filha.

Si o ver-me neste estado é maravilha,  
 O' Garcia, lhe diz, humilde e núa ;  
 Eu sou Neagoa, eu sou a escrava tua.  
 Muitas luas, me lembro, têm passado,  
 Desde quando dos vossos atacado  
 Foi meu esposo Caribó : seguidos  
 Vinheis de muitos arcos; soccorridos  
 Do Coroá (16), do Paracy valente :  
 Assaltastes de noite a nossa gente,  
 E mortos os mais destros na peleja,  
 Fosse rigor do céu, ou fosse inveja  
 Da fortuna, eu que a aldeia governava  
 Passei com minha filha a ser escrava (17).

Era ella em seus annos tão mimosa,  
 Que á vista sua desmaiava a rosa,  
 Seus olhos claros, as pupillas bellas,  
 O' quantas vezes cri que eram estrellas !  
 Não tinham nossos campos, nem o prado  
 Planta mais tenra, flor de mais agrado ;  
 Emfim, porque de vós as côres tome,  
 De aurora os vossos lhe dão hoje o nome (18).

Vagando estes sertões na companhia  
 Dos vossos, eu me lembro, como um dia  
 A preço do metal, que desprezamos,  
 Vós nos comprastes; ainda nos lembramos  
 Do mimo, do agasalho, que fizestes,  
 Quando na vossa casa recolhestes  
 A mim e a minha Aurora ; esta memoria  
 Desperte toda em vós a antiga historia.

Como ? por que arte ? por que modo fôra  
 Trazida d'entre os seus ? a sua Aurora  
 Si a seg uira ambem ? se vive ? e aonde ?  
 Garcia lhe pergunta ; ella responde :

Vive, senhor, eu creio, que ainda vive  
A minha e vossa Aurora , della tive  
Noticia ha pouco tempo ; um desses bravos,  
Que o nosso bom Pory tem feito escravos,  
Me contou, como lá na sua aldeia,  
Que não longe é de nós, ella passeia,  
Do cacique estimada, elle contente  
A busca esposa e ella o não consente.

Mas por que quereis da minha boca  
Ouvir todo o successo ; só me toca  
Referir uma parte, que outra ignoro.  
Lá na domada aldeia, onde sonoro  
Se vê correr o Parahyba, postas  
Fomos por vosso mando : alli dispostas  
A viver de outras leis, outros costumes  
Detestavamos já dos nossos numes,  
(Si alguns Deuses talvez nós conhecemos  
Na bruta liberdade, em que vivemos),  
O culto, a religião, já divertidas  
No curvo anzol, nas redes bem tecidas  
Armavamos ao peixe, sobre o rio,  
Nos viu um dia o barbaro gentio,  
Que em pequenas canôas rouba e mata ;  
Fugiramos talvez, mas o pirata  
Nos surpr'ende e conduz : vi' mos captivas  
A viver entre os seus ; e apenas vivas  
De pouco em pouco nos transportam ; fico  
C'o a nação do Pory ; e passa o rico  
Thesouro de uma filha, que inda choro,  
Ao crespo Monachós ; qual fosse, ignoro,  
O triste resto do fatal destino (19).  
Dos braços m'a arrancaram : de ouro fino  
Ao despir-se terna a filha amada,  
Com esta joia então me quer prendada.

Si pois, de Aurora o caso vos incita  
A' compaixão ; si em vosso peito habita  
O antigo amor, fazei que a liberdade  
Se dê, a quem desperta esta saudade ;  
Esse vizinho povo ao fogo, ao ferro  
Abatei, destrui; pague o seu erro ;  
E alegre eu veja em vossa companhia  
A vossa Aurora, que ao meu lado via.

Absorto está Garcia, do que escuta ;  
Apenas deixa ver a face enxuta ;  
De aurora o caso o tem sobresaltado ;  
Quer para logo dar a seu cuidado  
O desafogo da cruel vingança ;  
Mas bem que o lisongeie inda a esperança  
De ver a bella indiana, a incerta sorte  
Lh'a pinta, antes que viva, entregue á morte.  
Baixel, que sobre o Egeu de mil proccllas  
Combatido se viu, rotas as vellas,  
Não sossobra talvez mais duvidoso  
Ao grave Nôto, ao Euro tormentoso.  
Farei... clamava; e eis que interrompido  
Foi de um aviso, com que o heróe erguido  
Chama a conselho os companheiros todos.

Si combatidos por diversos modos,  
Diz Albuquerque, de trabalhos tantos  
Entre estas penhas só despertam prantos  
As memorias la morte de Rodrigo,  
Deixemos este assento ; o sonho antigo  
Tenho de descobrir-vos, com que a ideia  
Egualmente me afflige e me recreia.

Lembrados estareis que ha mais de um anno  
Vos fiz saber, que o nosso soberano .

Que dos quatro Joões o nome e gloria  
Herdou para triumpho da memoria,  
Vendo ao norte da terra povoada,  
Que atraz deixamos na primeira entrada,  
Que fazem vossos paes (20) achar-se o ouro,  
A' custa me ordenou de seu thesouro,  
Que entrasse ao centro dos sertões; buscasse  
As novas minas; e que examinasse  
As margens, onde em vão tomaram porto  
Fernando, Arthur e Dom Rodrigo, o morto (21).

Cheio deste projecto eu vejo um dia  
Que um rochedo fatal, a quem a fria  
Neve branqueja a descavada testa,  
Com medonha carranca me protesta,  
Não passe a descobrir o seu segredo :  
Avizinho-me a elle e rompo o medo : —  
Quem és, pergunto, que ignorado encanto  
Se esconde em ti ? Elle me torna em tanto :

Eu sou dos filhos (22), que abortara a terra,  
E fiz com meus irmãos aos deuses guerra ;  
(Tu, negro Adamastor (23), hoje em memoria  
Me obrigas a trazer a tua historia).  
Meu caso um dia (24) o fado te destina,  
Que escutes inda pela voz de Eulina,  
No centro vivo dos sertões, que apenas  
Tocam das aves as ligeiras pennas ;  
De feios monstros grande cópia habita  
Meu triste seio ; alli se deposita  
Tudo, quanto de grande, novo e raro  
O sceptro luzitano fará claro.  
Alli... mas tudo aos olhos patenteio,  
Disse, e deixando ver o escuro seio,  
De uma pequena lagrima (25), que a penha



Derrama das entranhas, se despenha  
Gota a gota um ribeiro, logo á raia  
De ambas margens excede e já se espraia  
Separado do berço na campina,  
Um murmurio sonoro só de Eulina  
Repete o nome ; a maravilha estranha  
Inda mais se adianta ; ao longe apanha  
Uma nympha na arêa os montes de ouro,  
Com que esmalta o cabello e o torna louro.

A margem deste rio povoada  
Vejo da portugueza gente amada,  
Toda entregue á sollicita porfia,  
Com que o rico metal da terra fria  
Vai buscar a ambição : vejo de um lado  
Erguer-se uma cidade e situado  
Junto ao monte, que um valle aos pés estende  
Vejo um povo tambem : (26) tudo surpr'ende,  
Tudo encanta a minha alma, estou detido  
No phantastico objecto : eis que um gemido  
Arranca desde o seio o monstro escuro,  
E diz : Entre as imagens do futuro  
Talvez te espera... mas... : e nisto em nada  
Se torna toda a machina ideada ;  
Desfez-se a penha, a nympha e o ribeiro  
Solto dos olhos o sopôr grosseiro.

Não de outra sorte no ultimo horisonte  
Ao sepultar-se o sol, lá desde um monte  
Podem ver-se as imagens differentes  
A's refrações da luz : estão presentes  
Bosques, cidades, ruas e castellos,  
Que os raios em distinctos parallellos  
Talvez figurão ; despertando a aurora,  
Desapparece a sombra enganadora.



O sonho muitas vezes repetido,  
Desde que tenho a idéa concebido  
De entrar para estas Minas, me figura  
Um mysterio na sombra e na figura.  
Vós, que por tantas vezes discorrido  
Tendes estes sertões, tereis ouvido  
O nome de Itamonte; esta lembrança,  
Este signal só tenho de esperança;  
Talvez tomando o cume desta serra,  
Acharemos um dia o rio, a terra,  
A nympha e os mais portentos, d'onde tome  
Dos thesouros, que espero, a villa, o nome. »

Calou-se o general, e qual murmura (27)  
Uma abelha e mais outra, quando a pura  
Substancia chupam das mimosas flores;  
Assim, não de outra sorte entre os rumores  
Do inquieto coração, estão falando  
Entre si cada um e estão pensando.  
Rompe o silencio o pródigo Faria : (28)  
« Eu dos primeiros fui, eu fui, dizia,  
Dos primeiros, que o berço abandonado  
Deixei, mais do fervor estimulado  
De reduzir os indios á justiça  
Da nossa religião, que da cobiça.  
Entrei estes paizes e inda noto  
Em cada tronco os pousos, onde rôto  
O vestido, tentei passando avante  
O giro dos sertões; de bem distante  
Parte dos grossos mattos descobria  
Uma elevada e tosca penedia  
A quem corôa um pico a altiva frente.  
Demandei esta rocha e do eminente  
De toda ella um ribeiro vi, que nasce,  
Que do sol recolhendo dentro a face

Pareceu converter-se todo em ouro.  
 Não vou buscar no meu invento o agouro,  
 Nem creio, que este o Itamonte seja,  
 Mas sei, que a lingua patria, que deseja  
 Explicar sempre em tudo a natureza,  
 De *Itá* nome lhe deu, e na rudeza  
 Do gentio talvez, que hoje alterado  
 O nome *Cunumim* lhe seja dado. »

*Itá* é o nome patrio (diz Garcia,  
 Que apenas sua dôr n'alma allivia),  
 Este o gentio a toda a pedra estende ;  
 O esperado Itamonte em vão se entende  
 Na confusão das serras e dos montes,  
 Que assombram todos estes horisontes. »

« Eu tambem discorrera de outra serra  
 O mesmo, que Faria, aonde a guerra  
 De feroz botecudo (29) inda me assusta,  
 Mas pouco á conjectura se me ajusta,  
 Toda a confrontação » (disse Camargo) (30).

« E' deste continente o sertão largo,  
 (Dizia Bueno) (31) o lago, a serra, o rio,  
 E espalhado por tudo o infiel gentio,  
 Não deixam á noticia cousa certa,  
 Onde possa entender-se descoberta  
 A terra, que buscamos. » « Nella intento  
 (Albuquerque tornava) o fundamento  
 Erguer da capital; de penha em penha  
 Andarei, si a fortuna o não desdenha,  
 Té descobrir o monte e o rio, aonde  
 Tão grande maravilha o céu me esconde. »

Prosequira o heróe, mas o embaraça  
 Descobrir desde longe a vista escassa  
 Brioso cavalleiro, que seguido

Vem de um forte esquadrão do indio vencido;  
 Sôa alegre o clarim, que a marcha guia,  
 A salva amiudada ao ar se envia;  
 E enquanto de Garcia o heróe se informa  
 Do novo aventureiro, posta em fôrma  
 Cada uma das nações, que traz comsigo,  
 Um e outro se encontra ao doce amigo,  
 Promptos os servos á estribeira pegam,  
 Elle se apêa e abraça aos que se chegam.

## CANTO III

As paixões acalmára de Garcia  
 A chegada do Borba e suspendia  
 Ella mesma a partida de Albuquerque.  
 Sem que temor algum lhe opprima, ou cerque  
 O nobre coração, na tenda entrava,  
 E cortejando o heróe, assim falava :

« Terás ouvido, ó general famoso,  
 Variamente o meu caso; e duvidoso  
 Talvez da fé, que guardo attento  
 Ao meu rei em signal do juramento.  
 Accusado por cumplice na morte  
 Do grande Dom Rodrigo, a minha sorte,  
 Mais que o delicto meu (32) desculpar venho;  
 Sem adorno o successo agora tenho  
 De dizer-te; e verás, hoje informado,  
 Que sou mais infeliz, do que culpado.

Pouco mais de tres leguas em distancia  
 Deste sitio me via, quando á instancia  
 Do novo general, que aqui chegava  
 A voz de um mensageiro me ordenava,  
 Entregasse os soccorros prevenidos

Da polvora e do chumbo e os commettidos  
A' minha guarda promptos instrumentos  
Do ferro e do aço : opponho a seus intentos  
A razão, que me assiste; e emfim me escuso  
Dizendo, que das ordens não abuso  
Do meu fiel parente, a quem espero  
A cada instante e perto considero  
De entrar commigo a registrar as faldas  
Das montanhas e minas de esmeraldas.

Mal satisfeito da resposta volta  
O importuno ministro e já se solta  
Contra mim declarada toda a furia  
Dos vis adultores : por injuria  
Reputam toda aquella resistencia,  
E protesta que aos braços da violencia  
Ha de ceder a repugnancia minha.  
Um e outro se offerece, mas detinha  
Ao prudente fidalgo o arduo projecto  
Da brandura, e da paz o nobre objecto  
Do serviço do rei a mim o guia ;  
Em pessoa apparece; e me seria  
Muito facil ceder, si não houvesse  
Mais forte obrigação, que me prendesse ;  
Uma e mil vezes represento o empenho,  
Que a duvidar me induz e me detenho  
Irresoluto um pouco (nem atino,  
Si obrava nisto a força do destino),  
Constante era a razão; pois esperando  
As reaes ordens para a empreza, quando  
Fernão Dias voltasse, não teria  
Os provimentos, que deixado havia :  
Emfim elle de colera se accende,  
Nem as minhas desculpas mais attende;  
Enfurece-se, grita e ameaça :



E eu (ó duro extremo da desgraça!)  
Rendido a todo lance, só procuro  
Mitigar-lhe o rancôr ; um braço duro,  
Sacrilego, insolente, infame, ousado,  
Sem que eu presuma o barbaro attentado,  
Se arroja d'entre os meus ; dispara um tiro,  
E a alma envolta no mortal suspiro  
Voou, deixando a magua, em que me vejo,  
Para salvar a vida, a honra e o pejo.

A noticia do caso accende a ira  
Em todos os que o seguem, já conspira  
Em meu damno o parente e mais o amigo  
Querem vingar a morte de Rodrigo ;  
Em vão lhes serve de reparo, ou freio  
A innocencia, em que estou ; medito um meio  
De salvar-me ; em esquadras divididas  
Reparto a gente, sobre as mais crescidas  
Montanhas, d'onde fossem descobertas.

As estradas ao longe em parte abertas  
Davam já vista aos impios conjurados  
Quando os tambores e clarins tocados  
Em varios sitios amotinam tudo :  
Cresce o temor ao meditado estudo,  
E crêm que era chegado Fernão Dias,  
Amparado do engano, as serras frias  
Destes sertões dobrei, passo á corrente  
De um grande rio e a margem florescente  
Piso, apenas de alguns acompanhado ;  
Aqui descubro um plano dilatado  
Commodo á creação ; nelle apascento  
Por muito tempo o gado e em novo augmento  
A's descobertas minas já preparo  
Na fome e na penuria o bom reparo.

Estes são os serviços, com que chego,  
Estes os testemunhos são que allego;  
Da innocencia, em que vivo; os meus parentes,  
Amigos e obrigados, que presentes  
Em grande parte estão, por mim te falem,  
E quando todos por lisonja calem,  
Do teu antecessor terás ouvido,  
Quanto serve de informe e este luzido  
Bastão, dadiva sua (então levanta  
A insignia militar), é prova tanta,  
Que sobra a escurecer qualquer suspeita,  
Que ao meu rei pudesse ser aceita. »

Dizia; e sempre grave e sempre airoso  
Deixava ver no rosto generoso  
O espirito magnanimo, que o alenta.  
O heróe, que sem mudança se contenta  
De ouvir todo o successo por inteiro,  
Suave acolhe ao nobre aventureiro  
E dando-lhe mil mostras de amizade  
De ordem do mesmo rei o persuade  
A que viva seguro do delicto;  
Informa-se do sitio e do districto,  
Em que está e o convida para a empreza,  
E por elle pretende haver certeza  
Da serra, que demanda, onde fundada  
Veja uma vez a povoação sonhada.

Consultando as precisas providencias  
Se detém alguns dias e as urgencias  
Do esteril sitio apenas soccorridas  
Eram de algumas caças, que trazidas  
Vinham dos indios menos assustados  
C'o a chegada dos mais, que estão listados  
Ao commando do hospede : entre varios



Da nação Monaxós, que voluntarios  
Ao heróe visitavam, se encontrava  
Um mancebo gentil, a quem cercava  
Branco pennacho a testa, os braços cinge  
De amarella plumagem, bravo o finge  
A tinta do urucú (33) : a còr (34), nem preta,  
Nem branca por extremo, mas que affecta  
Do gelado Samiúte (35) o estranho gesto ;  
Pouco ao braço e ao hombro lhe é molesto  
O arco e a aljava; o rosto, a falla e tudo  
Verte um ar de respeito, ar sem estudo.

Em vão das flechas a purpurea arara (36)  
Fugir-lhe espera, em vão na garra avara  
Mosqueado tigre lhe ameaça a morte :  
Empunha o dardo e valeroso e forte  
O faz despojo do robusto braço,  
O fere, e corta no vasio espaço.

De impulso por então não conhecido  
O indio, a quem amor tinha ferido  
Se deixava arrastar e praticando  
Tudo quanto a paixão lhe está dictando,  
Do valor do seu braço elle confia  
Roubar traidor a vida de Garcia.

Protegido da noite, a horas, quando  
Jaziam todos, numa mão tomando  
Uma faca e em outra o dardo agudo,  
Por tudo olhando e precavendo tudo  
A tenda busca do saudoso amante ;  
A luz lhe rege o passo e ao mesmo instante  
Na cama o tenta e lhe prepara a morte :  
Houve uma vez de ser propicia a sorte,  
Que não dorme Garcia e sente o ruido,



Ergue-se; toma a espada e acommettido  
Se vê apenas, quando reparada  
A ferida do dardo, mette a espada  
Por um lado ao traidor; em sangue envolta  
A tira e a mão suspende; a um tempo solta  
A corrente do sangue inunda a terra;  
O indio semivivo os dentes ferra,  
Acena de morrer e grita e brada  
Em roucas vozes, com que amotinada  
Tem toda a gente, que ao successo acode.  
Debalde a conjectura alcançar pôde,  
O mesmo, que está vendo; estranho e occulto  
E' o motivo do aleivoso insulto :  
Faminto lobo no redil fechado  
Assim receioso entrou; mas acossado  
Do molosso feroz, foi de repente  
Cahir despojo ao sanguinoso dente.

Conhecendo Albuquerque que respira  
Inda vivo, a um dos pousos o retira,  
E lhe põe sentinellas; manda emtanto  
Se lhe applicuem remedios : o oleo santo,  
Que ministra de Bueno a mão esperta,  
Estanca o sangue e da ferida aberta  
Cerrando a boca, inda a esperança anima,  
De que a morte de todo o não opprima.

#### CANTO IV

A continuar a marcha se dispunha  
O heróe, que um vivo zelo testimunha  
Em todos os que o seguem; repartidos  
Aquelles a quem são mais conhecidos  
Os sertões pela margem se espalhavam  
A' direita do rio e se empregavam

Em socavar a terra, em diligencia  
Do metal, de que tem verde experiencia.

Tinha Pegado adiantado o passo  
Algum tanto dos mais e o corpo lasso  
Junto a um lago, que sobre uma campina  
Se espraia e quebra as ondas, brando inclina;  
Procurando em um tronco em parte encôsto  
Ao hombro e allivio á cabeça e rosto  
Extende-se na arêa e reclinado  
Se vê apenas, quando (ó inesperado  
Prodigio, que o surpr'ende!) eis que mover-se  
Pouco a pouco se admira; ora estender-se,  
Ora encurvar-se o formidavel tronco.  
Levanta-se assustado e logo um ronco  
Ouve medonho, que de todo o rende,  
A causa do prodigio não entende,  
Não pensa, não discorre o bom Pegado,  
Grita aos indios attonito, pasmado,  
E o tronco então com rapto mais furioso  
Se arroja desde a praia e busca ancioso  
Sepultar-se no lago, o seio abrindo  
Das aguas, que c'o a cauda vae ferindo.  
Não de outra sorte sobre os grossos mares,  
Que do Antartico céu cobrem os ares,  
De mergulho se vê buscar a arêa  
O pardo e negro monstro da balêa,  
Quando do arpão do pescador ferida  
Tinge as ondas de sangue e submergida  
Ao fundo leva a barbatana dura.

Vêm os indios chegando e entre a escura  
Sombra do lago inda estão vendo o rasto  
Da fera, que conhecem; tanto ao pasto  
Da presa, que avistou, leão não corre,

Como um e outro Tape se soccorre  
Dos pés nadantes e nas mãos levando  
O prompto ferro, o tronco vão rasgando  
Com as cortadoras facas; já de todo  
Boiando o fazem vir, por arte e modo  
Não pensado, o arrojam sobre a praia.

De curioso ardor cada um se ensaia  
De arrancar-lhe das entranhas tudo,  
Quanto a fome tragára; absorto e mudo  
Pegado está notando a maravilha.  
Tres veados comêra, emquanto trilha  
A margem da lagôa, estão inteiros  
No ventre e ainda em pello, os dous primeiros,  
Riem-se os indios de Pegado e o riso  
Tem ao mancebo então mais indeciso,  
Vendo que novo alli não conhecêra  
Que é o sucuriú aquella fêra,  
De quem ouvido aos nacionaes havia  
Que um tronco na grandeza parecia.

Mas não foi tão debalde este portento,  
Que olhando para o sitio, aonde assento  
Fizera o monstro, o chão não descobrisse  
Inda mal apagado e não se visse  
Um vestigio de uma sepultura.  
Manda cavar Pegado a terra dura,  
E dentro (ó pasmo!) os ossos encontrava  
De um cadaver, a quem assignalava  
A cruz, que tem de Christo e lhe servira  
De habito, ou mortalha; então se admira  
Mais cada um; e aviso ao herôe dando,  
Todos ao mesmo passo vão cercando  
Em roda a sepultura: Borba chega,  
Affirma, que é Rodrigo e logo allega,

Como dos indios seus á pressa fôra  
Sepultado, fugindo os mais e agora  
Reconhece o signal na cruz bem dita,  
O authenticico padrão mais acredita;  
Vizinho um tronco, á mão cortado, aonde  
De ordem do mesmo Borba corresponde  
Outra cruz á memoria deste officio.  
Celebrou-se o devoto sacrificio  
Junto ao sepulchro; e as ultimas piedades  
Pela mão de Faria as saudades  
Temperavam do morto, consoladas  
As memorias de sangue inda banhadas.  
Urnas fastosas, que cobris no Egypto  
Heróes famosos, sobre vós escripto  
Viva embora o epitaphio, que em memoria  
Dos Ptolomeus inda respira a gloria!  
Sóbra ao bom general, sobra a Rodrigo  
Da nua arêa o misero jazigo;  
A vida pelos reis sacrificada  
Basta a deixar a sepultura honrada!

Magoado deste objecto se cançava  
O heróe e já partir dalli pensava,  
Mas o deteve e lhe cortou o passo  
Convalescido da Ferida, Argasso;  
(Este era o nome do indio) em companhia  
Vinha de sentinella, a quem pedia  
Que á presença do heróe o conduzisse;  
Como acaso a seu lado então não visse  
A Garcia, falou mais animoso:

« De traidor e aleivoso sou culpado,  
Magnanimo Albuquerque, ouve-me, attende,  
Saberás que o meu braço não te offende,  
Nem se conspira contra os teus; a dura

Condição de uma barbara, que jura  
Não ser minha, apezar dos meus desvellos,  
Meu coração encheu tanto de zelos,  
Que imaginei na morte de Garcia  
Vingar o meu despreso, e a tyrannia  
Castigar do meu bem : fui desgraçado,  
Inda não me arrependo do passado. »

Albuquerque lhe diz que exponha a historia  
De seu furioso amor e que em memoria  
Traga todo o successo ; elle mordendo  
Raivoso os beiços e mil ais vertendo,  
« Não posso, diz, não posso em tudo ou parte  
Dizer-te o que padeço ; o esforço, a arte  
Vos sobra a vós, em mim obra a rudeza,  
Que mais desculpa a natural fraqueza.

Amo a bella indiana, a linda Aurora,  
Que não daqui muito distante mora ;  
Prisioneira em meu braço a vim trazendo  
Lá desde o Parahyba (37), e discorrendo,  
Que entre os meus Monaxós se renderia,  
Só o nome lhe lembra de Garcia.  
Neagua, a mãe, desde o Pori roubada  
Conheceu-me e me informa da chegada  
Deste bom cavalleiro ; não sabia,  
Que o meu curioso ardor se dirigia  
A mais arduo projecto ; tento a morte,  
E em despojo cuidei do braço forte  
Por triumpho levar á minha amada  
A cabeça do tronco separada. »

Assim fala arrogante ; o heróe piedoso  
Quer dar provas de peito generoso,  
Chama a Garcia ; informa-se do resto.

E por voz de Neagua é manifesto  
 O vario giro da amorosa historia.  
 « Argasso (diz) da portugueza gloria  
 Tu não sabes o timbre ; a indiana bella  
 Não disputa Garcia e a tua estrella  
 Não queiras contrastar por modo estranho.  
 Elle t'a cede, eu proprio te acompanho,  
 E contigo pretendo ver a aldêa,  
 Onde ella vive e o teu amor te enlêa. »  
 « Que vós partaes, senhor, eu não consinto,  
 Disse Garcia, ao meu valor distincto,  
 Ao meu zelo catholico era injúria  
 Saber-se que a conter a minha furia  
 Necessaria se fez vossa presença ;  
 A Argasso desde já perdôo a offensa,  
 E quero que conheça aos portuguezes ;  
 Com elle partirei e as suas vezes  
 Sustentando ao favor da bella indiana,  
 Farei que elle ditoso e mais humana  
 Ella, se abracem no gostoso alento  
 De um santo, de um perpetuo sacramento.

Fia de mim (ao indio se tornava),  
 Que a mesma, que já viste minha escrava,  
 Has de vêr-me a seus pés por ti rogando,  
 Nem de ti outro premio então demando  
 Mais, que em uso melhor convertas logo  
 Esse tão louco, como illustre fogo,  
 Que alimentas no peito ; serás nosso  
 Amigo e não escravo e quanto eu posso,  
 Nobre rival, te digo desde esta hora,  
 Neagua é tua, é tua a minha Aurora. »

O' tu, Cyro (38) famoso, si pudeste  
 Eternizar teu nome, quando dêste

A formosa Pantea ao nobre Araspe;  
Si na dadiva-bella de Campaspe  
Ao namorado Apelles, gloria tanta  
Te adquire, ó Macedonio, a voz que canta  
Teu nome inda por toda a redondeza,  
Vê quanto mais se avança esta grandeza,  
Com que de uma paixão a rebeldia  
Doma e castiga o esplendido Garcia.

Convem o heróe e espera que domado  
O Monaxós, e á religião chamado  
Se veja por tal modo; de projecto  
Se faz parcial Faria; turvo o aspecto  
O indio tem á tanta acção, nem sabe,  
Como no coração de um homem cabe  
Subjugar tão valente a paixão dura,  
Que inspira amor. Neagua se procura  
Unir á companhia, as outras ficam  
Entregues ao favor, dos que se applicam  
A povoar em tanto aquella margem.  
Despedem-se; e Albuquerque, pela vargem,  
Que alli se estende, a marcha ao centro guia;  
De Borba tendo prompta a companhia,  
E dos mais, parte em tropas do gentio,  
E das Velhas o nome impõe ao rio.

## CANTO V

Magnifica, exquisita architectura  
De um Templo guarda o abysmo, onde a figura  
Ao preço da materia corresponde:  
Lá no mais fundo dos altares, onde  
Arde em perpetuo fumo o rendimento  
Tem o interesse seu dourado assento.

Este idolo fatal, que se alimenta  
De humano sangue, um monstro representa  
Armado sempre em guerra ; cobre o peito  
Tres vezes de aço, e tem o braço feito  
Ao furor, aos estragos e á ruina  
Tinto em sangue um punhal a mão fulmina ;  
Enterrando em um globo a aguda ponta  
Pareceu intentar por nova affronta  
Cravar o coração de todo o mundo ;  
Indignou-se ; e do seio mais profundo  
Suspirou esta vez ; e conhecendo  
De um panico terror ao longe ameaço  
Não bastava a cortar do heróe o passo,  
Que ao fim se dirigia a illustre empreza,  
E que em breve ha de ver posta em certeza  
Toda a idéa do sonho concebida ;  
De todo agora em colera accendido  
Se empenha a embaraçar o alto projecto  
Do magnanimo chefe, toma o aspecto  
De um certo religioso (39), que influiu  
Nas primeiras desordens ; e que vira  
Dos nacionaes sinceros o destroço ;  
Em contractos sinistros este um grosso  
Cabedal ajuntára, tendo a idéa  
De vender por estanco, o que franqueia  
O liberal despejo dos paisanos.

Meditando traições, tecendo enganos,  
Firmado no character o respeito,  
Apparecia o indigno ; e tendo feito  
Já parciaes de seu animo alguns poucos,  
Assim lhes fala : ó Europeus, que loucos  
A's portas esperaes vossa ruina ;  
Credes que esta nação é de vós digna ?  
Assim vos vejo estar com gesto manso,  
Quando a desconcertar vosso descanço,



Corre armado furor de um braço forte?  
Desconheceis acaso que outra sorte,  
Outra fortuna vos espera, vindo  
Tão proximo Albuquerque, a quem seguindo  
Vem o infame tumulto dos Paulistas,  
Que aspiram senhorear estas conquistas?  
Já vos não lembra o meditado empenho  
De evitar as justiças (40), e o despenho  
Patrocinar dos novos attentados  
No refugio, aos paizes retirados,  
Que domina o Hespanhol? tanto a fortuna  
Abandonaes na maxima opportuna  
De nos enchermos dos preciosos fructos,  
Que guarda a terra, e dos reaes tributos  
Fugir á imposição? credes que venha  
A outra cousa, e outro projecto tenha  
Mais, que roubar-nos as fazendas nossas,  
Ganhadas a tal preço, que inda as grossas  
Correntes desses rios se estão vendo  
Turvas de sangue? O impeto tremendo  
Não trazeis em memoria dos tyrannos,  
Que fundados no timbre de paisanos,  
Mais escravos, que amigos nos queriam?  
Não vos lembra, quem foi, quem é Pedroso? (41)  
Ignoraes, que no cerco duvidoso  
Perto estivemos de perder as vidas,  
Si por meio de Antunes conseguidas  
Não fossem por então nossas idéas?  
Ignoraes, que as montanhas estão cheias  
Destes perturbadores, desde quando  
Arbitraria e phantastica (42) ordem dando  
Em o nome do rei, os compellimos  
A largar-nos as armas, com que os vimos?  
Si do auxilio do grande se aproveitam,  
Si a sua fé, si o seu favor acceitam,

(Como é crível que o façam) que destino  
Tão triste para nós! Eu imagino  
Que não sois Europeus : a vossa gloria  
Acabou de uma vez para a memoria.  
Virá, eu vejo, o Montanhez tyranno.  
Roubará nossos bens, irá ufano  
Contar aos nacionaes seu vencimento ;  
Albuquerque, eu o vejo, em nobre augmento.  
Fará brilhar a Luza Monarchia ;  
Nós lhe daremos nova gloria um dia.  
Eia, Europeus briosos, eia amigos  
Vejam-se os dias respirar antigos.  
Torne, torne de nós a ser lembrada  
De Dom Fernando a fresca retirada ;  
Venha em memoria de Rodrigo o caso ;  
E ou em falsa traição, ou campo raso  
Ataque-se Albuquerque, fuja, e leve  
De uma vez ; pois que a tanto hoje se atreve..  
O desengano da ousadia sua.  
Calou (43) o religioso : continúa  
A propagar o socio o impio partido,  
Que de accôrdo commum tem concebido.  
Derrama-se o veneno e vae chegando  
Aos corações de muitos, avivando  
As imagens da antiga rebeldia.  
Já um numero grande concilia  
O padre de atrevidos, são dispostos  
A disputar a entrada, ao heróe oppostos.  
Si querem sustentar na liberdade,  
Francisco, o vil Francisco os persuade  
A viverem seguros nos protestos  
Firmados com Vianna : de funestos  
Agouros ao Paulista se enche todo.  
Eis do sulfureo pó, do ferro agudo  
Se buscam munições : a arte, o engenho,

(Qual o paiz permite) o desempenho  
Se propõem da victoria nos tostados  
Páus de que os duros Cafres vem armados;  
Emboscadas ao longe se preparam;  
Tomam-se os sitios, fortes se declaram  
Contra Albuquerque os insolentes peitos.

Houveram de lograr-se estes effeitos;  
Mas o genio, que guarda as patrias Minas,  
E a seus descobridores de benignas  
Influencias enchera, percebendo  
A crua idéa do attentado horrendo,  
Do mais fundo de um monte a estancia bruta  
Buscára; alli se acolhe, e em uma gruta  
Da cavernosa lapa anima o gesto  
De um Indio já cançado (44) inutil resto  
Dos annos, que contára a mocidade.  
Barba, e cabeça lhe branqueja a idade  
Dos fundos olhos inda mal se via  
O fogo scintillar, em que nutria  
Um espirito vivo e penetrante:  
De leito serve a pedra, e tem diante  
De si os seccos ramos, onde accende  
A pequena fogueira; a ella estende  
As mãos mirradas, o calor buscando.

De uma clara corrente, que manando  
Vinha do centro do penhasco, o curso  
Segue Albuquerque, entregue o seu discurso,  
Separado dos mais a idéas varias;  
Entrava; e suspendido entre as contrarias  
Imagens, que o combatem, de repente  
Punha os olhos no Indio, e no accidente  
Do inesperado encontro está pasmado.

Caminhante, que dorme descuidado  
Tanto não se enche de terror e medo,  
Quando abre os olhos, e vizinho e quedo  
Vê desde longe o tigre, a onça brava,  
Que da brenha sahia, e attento a olhava.

Cuida ver uma fera o heróe ; ousado  
Aponta o ferreo cano, e já dobrado  
Houvera a mola, si de riso o velho  
A bocca não enchêra ; ao seu conselho,  
A's suas vozes Albuquerque chega,  
E todo ao pasmo e á admiração se entrega.

Eu vos conheço, ó Europeus, conheço,  
(Dizia o Genio) o generoso apreço,  
Que de vós faz o mundo ; em vão dos annos  
Não conto os largos e crescidos damnos.

Confunde-se a razão ; pede-lhe, conte,  
Quem é ? Que faz ? Eu sou, diz Filoponte,  
O primeiro que entrei estas montanhas  
Com o famoso Arzão ; elle ás estranhas  
Regiões se passou, eu só deixado,  
E ao commercio dos homens já negado  
Vivo neste retiro : a minha vida,  
Fortuna e mal, historia é tão crescida,  
Que só póde cançar-te a minha historia,  
Mas, pois a sorte com feliz victoria  
Te conduziu té aqui chegando a ver-me,  
Sabe quem sou, e aspira conhecer-me.

Assim dizendo, com a mão feria  
O penedo de um lado, e já se via  
Aberta uma estrutura transparente  
De crystalinos vidros, tão luzente.

Que aos olhos retratava um firmamento  
De estrellas esmaltado, e o nascimento  
Do roxo sol, quando no mar desperta ;  
Em cada vidro a um tempo descoberta,  
Uma imagem se vê, que os riscos formam,  
Estas em outros vultos se transformam  
E a scena portentosa a cada instante  
Se muda e se converte : está deante (45)  
Uma extensão larguissima de montes,  
Que cortam varios rios, lagos, fontes ;  
Densos mattos a cobrem ; vêm-se as serras  
De escabrosos rochedos, novas guerras  
Tentar, buscando os céus, como tentára  
Briarêo, quando aos Deuses escalára.

Logo uns homens (46) se vêm, que vão rompendo  
Com intrepida força o matto horrendo,  
Nús os braços e os pés, mal soccorridos  
Do necessario á vida, estão mettidos  
Por entre as feras, e o gentio adusto :  
Cada um de si só, perdido o susto,  
Se embosca ao centro dos sertões, se entranha  
Já pelo serro, já pela montanha ;  
Uma e outra distancia gira em roda,  
E deixa descoberta a extensão toda.

Passa este quadro (47), e logo outra pintura  
Nova imagem propõe, nova figura,  
Que retrata uns mortaes de negras côres,  
Regando o afflicto rosto de suores  
A' força das fadigas, com que cavam  
As brutas serras, e nos rios lavam  
As porções extrahidas, separando  
As pedras do metal, que andam buscando.

Eis que outros homens de semblantes feros  
 Contra os conquistadores já severos  
 Os fazem despejar desde os seus lares;  
 Disperso o sangue (48), se recolhe em mares;  
 Família e armas, cabedaes e tudo  
 Cede aos avaros, que do ferro agudo  
 Fazem despojo á fugitiva gente.

Ao som da caixa o vidro transparente  
 Retrata logo em monstruoso vulto  
 Correndo á redea solta (49) a todo insulto  
 Confusa multidão, que se prepara  
 Arrojar-se o governo e empr'ende a vara  
 Sustentar com seu sangue o roubo indigno.  
 De um chefe os rege o coração maligno.  
 Bem que se justifique na apparencia (50)  
 De um influxo de zelo e de prudencia.  
 Desde o cume de um monte está voltando  
 As costas um guerreiro, que do mando  
 A insignia traz na mão; segue seus passos  
 O resto desses miseros, que aos laços  
 Dos impios escapára; tem a morte  
 Presente aos olhos; e na dubia sorte  
 Escolhe de outras forças redobrar-se,  
 Té que chegue occasião de vindicarse-se  
 O respeito, que em vão aos maus intima.

Passavam outros vultos, quando em cima  
 De um soberbo cavallo vem montado  
 O mesmo heróe; o heróe que está pasmado  
 De se ver a si proprio: ao longe um pico  
 Desde uma serra o convidava ao rico  
 Paiz, que assombra o barbaro Itamonte  
 Co'a robusta presença: tem defronte  
 O demandado rio, que já vira,

E notára em seu sonho : então se admira  
Inda mais Albuquerque, e crê que a idéa  
Em um fingido objecto se recreia,  
Figurando por força do costume  
O rio e a serra, que encontrar presume.

Alegre se encantára nesta vista,  
Mas notou (triste horror!) que da conquista  
Embaraçava a entrada o vil partido  
Dos conjurados chefes ; produzido  
O exemplo do retiro de Fernando.  
Tanto se atreve o insolente bando !

Encheu-se de tristeza, e o genio activo,  
Que attende a protegê-lo, logo um vivo  
Esforço communica ao nobre peito.  
Antes que em fumo ou ar vôe desfeito  
De tanta idéa o quadro portentoso ;  
Quer declarar em tudo o mysterioso  
Theatro das imagens : vós agora  
Influi-me uma voz alta e sonora,  
Nymphas do patrio rio, com que eu possa  
Cantar na gloria minha a gloria vossa.

## CANTO VI

Na diaphana machina presente  
(Diz Philoponte) todo o continente  
Vês, Albuquerque das buscadas Minas.  
São estas, são as regiões benignas,  
Onde nutre a perpetua primavera  
As verdes folhas, que abrasar pudera  
Em outros climas o chuvoso inverno.  
Dos mesmos Deuses o poder eterno  
Não se atrevera a combater os montes,

E as serras, que em distinctos horisontes  
 Murando vão pelos remotos lados  
 Mares e lagos, com que ao sul marcados  
 Seus limites estão : a fórma, o nome  
 Variam serra e rio, e sem que tome  
 Firmeza alguma o prolongado vulto,  
 Sempre o principio te ha de ser occulto,  
 Quando chegues ao fim do rio ou serra.

Levados de fervor, que o peito encerra  
 Vês os Paulistas, animosa gente,  
 Que ao Rei procuram do metal luzente  
 Co'as proprias mãos enriquecer o erario.  
 Arzão é este, é este, o temerario,  
 Que da Casca os sertões tentou primeiro :  
 Vê qual despreza o nobre aventureiro,  
 Os laços e as traições, que lhe prepara  
 Do cruento gentio a fome avára.

A exemplo de um contempla iguaes a todos,  
 E distinctos ao rei por varios modos  
 Vê os Pires, Camargos e Pedrosos,  
 Alvarengas, Godóes, Cabraes, Cardosos,  
 Lemos, Toledos, Paes, Guerras, Furtados,  
 E os outros, que primeiro assignalados  
 Se fizeram no arrojo das conquistas,  
 O' grandes sempre, ó immortaes Paulistas !  
 Embora vós, nymphas do Tejo, embora  
 Cante do Luzitano a voz sonora  
 Os claros feitos do seu grande Gama ;  
 Dos meus Paulistas honrarei a fama.  
 Elles a fome e sede vão soffrendo,  
 Rotos e nós os corpos vem trazendo,  
 Na enfermidade a cura lhes fallece,  
 E a miseria por tudo se conhece ;



Em seu zelo outro espirito não obra  
Mais que o amor do seu rei : isto lhes sobra.  
Abertas as montanhas, rota a serra,  
Vê converter-se em ouro a patria terra,  
O Ethiope co's Indios misturado  
Eis obedece ao provido mandado  
Dos bons conquistadores : desde o fundo  
De ouro e diamantes o paiz fecundo  
Produz as grandes, avultadas sommas.  
Tu por empreza, nobre engenho, toma  
Fabricar inda o espherico instrumento (51),  
Que o trabalho fará menos violento.

Já dos rebeldes o esquadrão ferino  
Se conjura a fazer o roubo indigno ;  
Tomando outro partido esses, que devem  
Respeitar um só rei : impios se atrevem  
A lançar desde os lares, que tem feito  
Os miseros vassalos : o preceito  
Intimado na voz do rei lhes tira  
As armas, um e outro se conspira,  
E em varios choques, em ataques varios  
Ou morrem já, ou buscam solitarios,  
E fugitivos o seu patrio berço.

Ide, infelices ; o animo perverso  
Cessará uma vez de maltratar-vos :  
O rei sabe punil-os, sabe dar-vos  
Justa satisfação, justa vingança.  
Sobre elles vem Fernando : mas o alcança  
Inda o furor da levantada gente ;  
Volta a munir-se o capitão valente,  
E a vosso beneficio já protesta,  
Fará cahir ao chão mais de uma testa.

Já dos parentes, dos amigos vossos  
Se vão juntando e vem correndo os grossos  
Esquadrões, que pretendem desde a serra  
Fazer aos impios a sanguinea guerra ;  
Mas tu succedes, Albuquerque invicto,  
No bastão a Fernando ; o rei prescripto  
As ordens te tem já, por que temperes  
O orgulhoso furor : não consideres  
Tão segura porém a tua entrada :  
A vil conspiração mal apagada  
Inda ao longe te forja e te fulmina  
Nos levantados chefes a ruina.

Tens ao teu lado a provida influencia  
Do patrio genio ; contra uma violencia  
Outras suscitarei, lá desde o seio  
Das mesmas Minas, um incendio ateio  
Nos illustres Pereiras : estes passam  
A disputar c'os outros e se enlaçam  
Em vingar os domesticos insultos.  
Vós e os mais vossos passareis occultos,  
E disfarçados aos districtos, onde  
Dos rebeldes o numero se esconde  
Lá comvosco estarei, e... proseguia,  
Mas de uma e outra parte concorria  
Buscando o heróe a comitiva, crendo  
Que aos mattos se entranhára e que perdendo  
Talvez o rumo duvidoso errava.  
Faria já com elles se ajuntava,  
E Garcia, que o rosto traz magoado  
Do successo infeliz, que tem notado.

Tudo desaparece neste instante  
Ao assombro da nuvem, que deante  
Da penha condensára, o genio astuto.  
Um chuveiro cerrado desde o bruto

Cume da rocha se extendia, e nada  
Mais que a sombra na lobrega morada  
Se deixa perceber por tudo quanto  
Detivera ao heróe no estranho encanto.

Ao passo que se assusta e se entristece  
Das imagens, que vira, restab' lece  
O espirito no amparo prometido  
Do genio, em quem contempla introduzido  
O influxo de alguma alta intelligencia,  
Que se encobre dos homens na apparencia.

Alegre sahe da nuvem, que desata  
E no arcano mais intimo recata  
O que ouve e vê, notando os companheiros,  
— Que é isto, diz, chegastes mui ligeiros,  
Vós, padre, e vós, Garcia? a vossa empreza  
Talvez se conseguiu com mais presteza,  
Do que eu tinha esperado : em doce laço,  
Dizei, já vive Aurora? vive Argasso?

Ah! senhor, diz Fialho (que Garcia  
Os olhos rasos d'agua mal podia  
Falar, e quasi absorto o heróe saúda),  
O caso é tão funesto, que na muda  
Magua só póde cabalmente ouvir-se.

Sahimos ha seis dias; descobrir-se  
A aldêa pouco já se começava :  
Aos acenos de Argasso festejava  
O Monaxós alegre a nossa vinda;  
Não tardou de saber a féra Eulinda  
Rival de Aurora, o firme pensamento  
Do meditado Santo Sacramento;  
Conspirou em seu damno, e de ira cheia

A cóva foi buscar de Theriféa :  
Esta a superstição teve por nome :  
Innocentes meninos traga, e come :

Dous arrancados dos maternos peitos  
Lhe leva a crua indiana ; ella desfeitos  
Os tem já entre as presas aguçadas ;  
Eu vi (52) (contou algum) que suffocadas  
As cans estavam de seu sangue, e quentes  
Brotavam de entre os beijos as correntes.  
Do destroço fatal contente a velha  
Nas victimas, que Eulinda lhe aparelha  
A dar-lhe ajuda alegre se convida.

A instancias de Garcia está rendida  
Em breve instante Aurora ; nem se assusta  
Ao proposto hymeneu, e crê que é justa  
A persuasão, ao ver, que a faz Garcia.  
Do antigo amor de todo se esquecia  
Um e outro ; e a virtude só pretendem  
Acreditar no estimulo, que accendem  
Dentro em seus corações, de propagada  
Vêr uma vez a religião amada.

Ao Indio instrúo nos mysterios santos  
Da orthodoxa doutrina ; e longe encantos,  
Superstições e magicas, já creio,  
Que tenho descoberto nelle um meio  
De derramar por entre os mais a cura  
Da radicada antiga desventura.

Contentes andam todos pela aldeia,  
Festejando o consorcio, qual passeia,  
Calçados pés e mãos de varias plumas,  
Qual faz soar o apito (nem presumas (53)

Que se ignora da musica o concerto  
Entre os crus Monaxós), já vinha perto  
O dia ao caro laço destinado ;  
O cacique do amor estimulado,  
Que tem pelos seus hospedes, destina,  
Que divididos vão pela collina,  
E que desçam ao valle, os que destreza  
Têm no dardo, e na flexa ; encher a mesa  
Intenta com a caça, que sepulta  
Nos seus seios a gruta mais occulta,  
Brindar quer os mais Indios deste modo,  
Convida desde já ao povo todo.

Elle proprio á fadiga não se nega,  
Arremessa-se ao matto, Aurora pega  
No seu arco tambem ; todos se atiram  
Ao fundo espesso, e pelas brenhas giram.

Theriféa a occasião julga opportuna,  
Põe os olhos no Céu, alta columna  
Levanta, e firma em terra ; já sobre ella  
Se ergue e murmura e nota cada estrella  
Com o dedo, depois desce e riscando  
Muitas vezes em roda, vae tocando  
A columna, que treme e que se move :  
Tolda-se em sombra o ar, troveja e chove :  
E o tronco de entre a nuvem que o cobrira,  
Sahe figurando um tigre, que respira  
Fogo e veneno pelos olhos ; passa  
Com elle ao monte, e o guia onde a caça  
Se tenta e busca : aqui dormia Aurora ;  
Dormia ; e junto aos pés branda e sonora  
Fontesinha o repouso convidava ;  
O peito em grande parte debruçava  
Sobre uma penha, e ao gesto brando e lindo

De encosto o molle braço está servindo.  
Chega a Maga cruel, põe-lhe diante  
A fêra, que conduz, e ao mesmo instante  
Se occulta em parte, onde o successo veja :  
O cuidado de a ver, ou fosse a inveja  
A'quelle sitio encaminhava os passos  
Do destemido Argasso; entre embaraços  
De mal distinctos ramos já descobre  
O mosqueado tigre, ao braço nobre  
O crê despojo, e de matal-o espera,  
Firme o pé desde longe aponta a fera,  
E atraz puxando o braço a setta envia,  
Que vae cravar no monstro a ponta fria.

Corre gritando, ó Céus, e vê passado  
De Aurora o peito ; em vão busca assombrado  
O tigre, que não ha : já desfallece  
A pouco e pouco a bella : a magua cresce  
No misero homicida, clama e grita,  
Atroa os Céus, e contra os Céus se irrita,  
Nem mais a vida, que estimara, preza ;  
Arroja o arco, e á infeliz belleza  
Consagra de seu corpo o ultimo resto.  
Amor, disse, cruel, pois que funesto  
Foi o fim de um principio tão ditoso  
Pois que cortaste o vinculo gostoso,  
Que a dita, a mesma dita ia tecendo,  
Bem que o innocente impulso inda estou vendo,  
Que animou este braço; acabe o peito,  
Onde elle se forjou; rôto e desfeito,  
O véo, que cerca esta alma, ella se aparte.  
Indianna adorada, ou á pagar-te  
Com seu eterno pranto a dura offensa,  
Ou á pôr de teus olhos na presença,  
A magua emfim de um erro involuntario.

Disse; e trepando a penha, ao chão contrario  
Desesperado já se precipita.

Theriféa de longe aos Indios grita,  
E alegre da victoria deixa o monte;  
Não ha, quem visse, ou quem a historia conte :  
Mas da homicida barbara informada  
Já torna Eulinda; furiosa brada  
A' aldêa, por vingar tanta maldade,  
Sobre nós faz cahir a atrocidade  
Do delicto, e abrasando a aldêa inteira  
De occulta chamma, que ateou ligeira,  
Ministros nos faz crer deste attentado :  
A fuga nos salvou, nem avisado  
Serias de um tão tragico successo  
Si de Argasso um rival; que a tanto preço  
A Eulinda amava, então não descobrira  
Tudo o que a Eulinda e a Theriféa ouvira.

Calou Fialho : em vão susteve o pranto  
Albuquerque; e notando que o quebranto  
De Garcia a rendel-o se avançava,  
Consolando seu mal, assim falava :  
Jamais se viu segura uma alegria,  
Nem estavel jamais póde algum dia  
Sustentar-se a fortuna de um ditoso :  
Espere sempre o inverno procelloso  
Aquelle, por quem passa a primavera;  
Amor, que em brandas almas só podera  
Empregar toda a força de seus tiros,  
Fará, que troque as glorias em suspiros,  
Aquelle, que em vão crêra aos desenganos;  
O' vós, felices, vós, que os doces annos  
Entregaes á virtude, eu vos agouro  
O sempre immarcessivel fresco louro,  
Que vos ha de levar na longa idade  
Muito além da cançada humanidade.

## CANTO VII

A Madre de Memnon dourava a terra,  
E já se descobria uma alta serra  
Com tres dias de marcha; de Itamonte  
O carregado aspecto está defronte;  
Não repugna do heróe á nobre entrada,  
Mas tem presente ainda a retirada  
De Fernando; inda vê de sangue tinto  
O campo; e nota o odio mal extincto  
Dos infames rebeldes, conjurados.

Embaraçar pretende os apressados  
Passos, que vêm trazendo, e quer primeiro  
C'o a vista de um obsequio lisongeiro  
Demorar a Garcia: teve o indulto  
Este vassalo de avançar-se occulto,  
E entrar na povoação, notando o estado  
Da levantada gente: era chegado  
A' margem de um ribeiro; e os olhos tendo  
Mal enxutos ainda, se está vendo  
Na prisão insensível de um encanto,  
Que emfim lhe acaba de pôr termo ao pranto.

Uma voz se lhe finge, que feria  
Os ares docemente; e assim dizia:  
Saudoso ribeirão, mancebo infausto,  
Si já perdida a pompa, a gloria, o fausto,  
Em pequena corrente convertido  
Vás regando este valle: o teu gemido



Não accuse de Eulinda o brando peito ;  
Talvez amor tyranno a teu respeito  
Quiz que eu fosse cruel, e, involuntario  
Seguiu meu pensamento esse contrario  
Influxo das estrellas; eu te amava,  
E dentro da minha alma protestava  
Não render o trophéo desta belleza  
Mais, que aos suspiros teus, e á chamma acceza  
De amor, que nos teus olhos percebia.  
Apollo, o ingrato Apollo é que devia  
Ser contigo mais brando e mais propicio.  
A culpa é só de Apollo ; o sacrificio,  
O voto, que elle fez ao Deus tyranno,  
Tudo emfim se ajuntou para o teu damno.

Talvez não conhecia eu, desgraçada,  
Que eras tu, o que então com mão armada  
Me estavas d'esperar lá perto a fonte.  
Este aleivoso Deus, para que conte  
Da minha historia a triste desventura,  
Depois que preza a minha formosura  
Entre a nuvem levára enganadora,  
Faltando á toda a fé, me ordena agora,  
Que eu torne ao patrio berço, convertida  
Em Nympha destas aguas, passe a vida  
Entregue sempre á miseros lamentos.  
Oh! e quem crê de um Deus nos juramentos?

Aqui o teu sussurro estou ouvindo,  
E nelle a tua queixa inda sentindo,  
Quando escapada aos amorosos laços,  
Dizer-te escuto : *Onde a meus ternos braços,*  
*Onde te escondes, onde, amada Eulina,*  
*Que tanto estrago contra mim fulmina?*

Aqui teu duro mal percebo e noto,  
Quando do agudo ferro o peito roto  
Dás a cega ambição em cópias de ouro  
O que roubaste, misero thesouro,  
De Itamonte, teu pae, que não sabia,  
Que a seus cançados annos deveria  
Succeder um tão funebre desgosto.

Cheio de maguas te estou vendo o rosto,  
Com que accusas o humano atrevimento,  
Quando lhe accordas o furor violento,  
Que faz de Polydoro a desventura,  
O' ambição, ó sêde, ou fome dura!

Ouve Garcia o canto, e não atina  
De onde tanto prodigio, mas de Eulina  
A delicada face está patente :  
Fita os olhos, e vê desde a corrente  
Lançar a mão á praia a Nympha bella,  
Toma uma areia de ouro, e já com ella  
Pulveriza os cabellos : neste instante,  
O sonho de Albuquerque o faz avante  
Passar, os braços abre, a Nympha chamma;  
Ella o vê, e não teme, e já se inflamma  
De amor por elle : aos braços o convida,  
E abrindo o seio o rio, uma luzida  
Urna de fino marmore os sepulta  
Recebendo-os em si : ficou occulta  
A maravilha a quantos o acompanha :  
Em busca de Garcia já se entranham  
Pelos mattos mais densos ; mas perdida  
A esperança de achal-o, e recolhida  
Volta ao heróe a esquadra aventureira.

De inadvertido brinco acção grosseira  
Turbára neste tempo a comitiva :

Querem que entre elles o partido viva  
De Europeus e Paulistas, e já passa  
A desafio em uns o que foi graça.  
Conta-se, que por mofa algum dizia,  
Que seguro em si só não vae Garcia,  
Só valor Europeu com pouco ou nada  
Disputar do Paulista pôde a espada.  
Leva-se Borba do furor ardente,  
Empunha o ferro, atreve-se valente  
Ao mesmo tempo a rebater Pegado  
O colerico ardor ; vê-se insultado  
No respeito Albuquerque : oh lá, dizia,  
Os braços suspendei, de rebeldia  
E' este um signal claro ; não se deve  
Tanto despique á offensa, que é tão leve (55).  
Si ao Paulista de fraco alguém accusa,  
Elle de seus espiritos só usa,  
Quando a honra do empenho ao campo chamma.  
Nao é valente, não, o que se inflamma  
No criminoso ardor de a cada instante  
Dar provas de soberbo e de arrogante.  
Os Europeus são faceis neste arrojo.

Si justo, imaginaes, foi o despojo  
Das Minas, que lhes tiram ; porque avaros  
Se pretendem mostrar (bem que são raros  
Os que entre elles se arrastam da cobiça),  
Dizei, não pede a provida justiça,  
Que zele cada um, que guarde e reja  
O que adquire o seu braço, quando a inveja  
Lh'o pretende roubar ? estas conquistas  
A quem mais se deverão que aos Paulistas ?

Mas eu ponho de parte os argumentos,  
Que com substancia igual os fundamentos

Fazem desta disputa assaz ligeira ;  
 Seguiremos a maxima grosseira  
 Dos espiritos vis, que têm formado  
 Nestas Minas um corpo levantado?  
 Acaso um mesmo rei nos não protege?  
 Uma só lei a todos nos não rege ?  
 Do tronco Portuguez não é que herdamos  
 O sangue, de que as veias animamos?  
 Não faz communs um vassallo as glorias  
 De seu rei? Do seu reino ? das victorias,  
 Que um ganha, o outro perde, não alcança  
 A todos o infortunio, ou a bonança?  
 Somos nós 'dessa estirpe, que brotára  
 Do antigo Cadmo a barbara seára,  
 Onde uns irmãos com outros pelejando  
 O ferro no seu sangue estão banhando?  
 Arbitro entre vós outros me conheço ;  
 Do Europeu, do Paulista faço apreço ;  
 E distinguindo em todos a virtude  
 Não espereis, que de projecto mude,  
 Não faz a patria o heróe, nascem de aldêas  
 Almas insignes, de virtudes cheas ;  
 E nem sempre na côrte nobre, e clara  
 Ingenua serie, portentosa e rara  
 Se vê de corações, que se escandecem  
 Pela gloria sómente, e nella crescem.

Dizia ; ao mesmo passo de Pereira  
 Um aviso chegava, de onde inteira  
 Informação o heróe já recebia  
 Da sacrilega ousada rebeldia :  
 Sabe, que ao longe os montes estão cheios  
 Dos conjurados chefes ; nisto os meios  
 Consulta de passar ; e tem presente  
 A imagem, que no vidro transparente

Formara o genio ; de Garcia ousado  
Só quizera partir acompanhado,  
Por elle chama, e teme, e se entristece  
Ao ver que falta, e apenas apparece  
Quem dê noticia, ou conte a sua ausencia.

Teme que surpr'endido na violencia  
Ficasse dos rebeldes ; resolvido  
Já tem partir sem elle ; do vestido,  
Que traja, militar, e rica banda  
Se despe ; humilde capa aos hombros manda,  
E por tudo disfarça o alto respeito,  
Que inculca o aspecto : a todos no conceito  
Segura desta empreza, e lhes ordena  
Que em marcha vagarosa, entre a serena  
Sombra da noite ao longe o vão seguindo ;  
Parte, e encostado á serra vae subindo  
Uma collina, que lhe põe defronte  
O pico, o grande pico de Itamonte.

Chegava o dia ao termo derradeiro,  
E ao valle vem descendo desde o outeiro,  
A sombra carregada ; humilde tenda  
Aqui recolhe o heróe, como pretenda  
O interesse adiantar o seu partido,  
Bem que o genio a seu impeto escondido  
Tinha as idéas, com que o heróe salvava  
Na mesma tenda a um tempo abrigo dava  
O indigno monstro aos chefes levantados.

Todos em um congresso declarados  
Entre si praticando estão na vinda  
De Albuquerque, nem crêm que esteja ainda  
Tão proximo a chegar ; longe o figuram,  
E muitas vezes protestando juram

De obrigar-o a voltar, a morte certa  
Promettem, si o resiste : descoberta  
A Albuquerque se faz por este modo  
A torpe idéa do designio todo.

Recolhem-se a dormir, e se recolhe  
Albuquerque tambem, que não lhe tolhe  
A constancia o temor, cauto pretende  
Aos Pereiras juntar-se, e mais se accende  
No desejo de ver o bom Garcia,  
Que aos irmãos já crê que passaria.

Cheio destes cuidados entregava  
Ao leito os lassos membros, e pensava  
Em vencer da alta noite por deante  
O caminho. Eis o genio vigilante,  
Que o perigo imminente está prevendo,  
Com seus influxos sobre o heróe descendo,  
Da mão o prende, e o guia á um sitio, aonde  
O escuro Caethé (36) de accôrdo esconde  
Um magnifico paço, em que destina  
Que tenha o heróe habitação mais digna.  
Aqui dos tres Pereiras o esperava  
O nobre ajuntamento, e protestava  
Cada um em seu nome, que faria  
Cahir por terra a infame rebeldia ;  
Que de amigos, patricios e parentes  
Tinha á seu mando promptas, e obedientes  
Muitas esquadras, que traria ao lado.  
Tudo agradece o heróe ; mais tem pensado  
Mover por arte e por industria os povos.

Estamos, disse, em uns paizes novos,  
Onde á policia não tem ainda entrado,  
Póde o rigor deixar desconcertado

O bom preludio desta grande empreza.  
Convém que antes que os meios da aspreza  
Se tente todo o esforço de brandura.  
Não é destro cultor, o que procura  
Decepar aquella arvore, que póde  
Sanar, cortando um ramo, si lhe acóde  
Com sabia mão a reparar o damno ;  
Para se radicar do soberano  
O conceito, que pede a auctoridade,  
Necessaria se faz uma egualdade  
De razão e discurso ; quem duvida,  
Que de um cego furor corre impellida  
A fanatica idéa desta gente ?  
Que a todos falta um conductor prudente  
Que os dirija ao acerto ? Quem ignora  
Que um monstruoso corpo se devora  
A si mesmo, e converte em seu estrago  
O que pensa e medita ? ao brando afago  
Talvez venha a ceder : e quando abuse  
Da brandura, e obstinado se recuse  
A render ao meu Rei toda a obediencia,  
Então porei em pratica a violencia ;  
Farei que as armas e o valor contestem  
O barbaro attentado ; e que detestem  
A preço de seu sangue a torpe idéa.  
Disse ; e deixando a todos a alma cheia  
De uma nobre esperanza, já passava  
A saber de Garcia, nem lhe dava  
Noticia d'elle algum dos tres Pereiras.

A um fundo rio estavam sobranceiras  
Espessas mattas de arvores copadas ;  
De seus ramos, quaes já foram mostradas  
Ao Troiano, que tenta o reino escuro,  
Em vans imagens pende o sonho ; um duro

Tronco escolhera o genio ; alli fizera  
 Em uma e outra funebre chimera  
 Respirar o terror, forjar-se o susto.  
 Dalli manda se espalhe a todo o custo  
 Uma e outra illusão ; partem voando  
 As fantasticas sombras, vão pintando  
 Grilhões, cadeias, carceres, supplicios,  
 Degoladas cabeças ; artificios  
 Nunca inventados de instrumentos varios,  
 Que estão ameaçando aos temerarios,  
 E rebeldes vassallos a ruina :  
 Confundem-se os infames, e destina  
 Cada um desde já buscar o meio  
 De pôr de parte o crime enorme e feio,  
 E acreditar aos pés do heróe, que chega  
 A fé, com que ao seu rei se rende e entrega.

### CANTO VIII

Entretanto que o Genio se cançava  
 Nesta empreza ; o interesse fomentava  
 Novas discordias ; e do altar impuro  
 Aos susurros de um funebre conjuro  
 Subir fazia desde o horrivel centro  
 Vorazes furias, e do abysmo dentro  
 A guerra atêa, que aos mortaes destroça ;  
 Tiram bravos leões uma carroça,  
 Em cujo assento apparecer se via  
 Com vulto horrendo a infame rebeldia ;  
 Vib'ras os cabellos são, que estende  
 Sobre a enrugada testa ; um Ethna accende  
 Em cada olho, e da bocca em cada alento  
 O veneno vomita mais violento.



Tem por despojos a seus pés cahidas  
Purpuras rôtas, destroçadas vidas  
De reis, de imperadores ; vem cercada  
Da traição e do engano ; e disfarçada  
Entre estes monstros com fingido rosto  
A hypocrisia tem seu throno posto.

Este idolo cruel, que se autorisa  
Mais entre os outros, por que estraga e pisa  
Com mudo pé dos grandes as moradas,  
Tendo a seu lado as furias convocadas,  
E entrando em parte já c'o a rebeldia,  
Ao nume do interesse assim dizia :

Sei que vacilla o teu arrojo, e vejo  
Que muito além do natural desejo  
Vão correndo as cançadas diligencias  
Com que até aqui no esforço das violencias,  
Quizemos impedir a triste entrada  
Desse heróe, que nos traz ameaçada  
Toda a ruina de uma longa idéa.  
Si talvez sombra van não lisongeia  
Meus altos pensamentos, eu discorro  
Que a mim me toca só dar o soccorro  
Ao decadente impulso desta empreza :  
Não sei, de que triumpho na certeza  
Eu me prometto um dia a segurança  
De uma eterna, pacifica bonança.  
Se passou Albuquerque, e tem rompido  
Ao centro destas Minas, destruido  
Eu verei de uma vez o seu projecto.  
Tomo a meu cargo simular o aspecto  
De uma vendida sujeição, levando  
Na lisonja encoberto o insulto ; e quando  
Elle acredite mais nossa obediencia

Farei que rôta a mascara, a violencia  
Dentro dos nossos braços o accommetta ;  
Que morra a frio sangue, ou que se metta  
A's brenhas fugitivo, e busque a estrada,  
Que lembra de Fernando a retirada.

Assim falava a torpe hypocrisia,  
O engano c'o a traição já se lhe unia,  
Approvava o interesse a idéa insana,  
A rebeldia se gloriava ufana ;  
E por todos o alento suscitado,  
Se alegram crendo já executado  
Tudo que entre os Farias se medita.

Vão buscando os chefes, corre e grita  
A infame esquadra de uma e outra furia,  
Pouco se affligem da passada injuria.  
Cortam desde o seu templo os crespos ventos ;  
E ao halito nocivo, aos pestilentos  
Influxos, que derramam, se enche tudo  
De serpentes, de feras, que de agudo  
Veneno tem a fauce inficcionada.

Talvez não viste tu, Libia abrasada,  
De monstros mais coberta a tua arêa,  
Quando o neto de Acrisio alli semêa  
O sangue da cabeça, que cortára  
O ferro, de que a Deusa a mão lhe armára.

Mas já, Garcia amante, me convidas  
A descrever as horas entretidas  
Nos braços, a que Eulina te trouxera.  
Dentro da mansa e deleitosa esphera  
Do peregrino rio entrado havia  
O mancebo feliz, e já se via

Pisando de uma sala o pavimento.  
Por tudo reflectia o luzimento  
Da riqueza, que os tectos esmaltava :  
Sobre columnas de crystal estava  
Sustentado o edificio ; dellas pendem  
Laminas de ouro, onde seu rosto accendem  
Em vivo resplendor barões egregios ;  
Da fortuna e do tempo os privilegios  
Inculcam dominar, nas mãos sustentam  
As insignias do mando, e representam  
A régia auctoridade : em cada testa  
Reverdece o lourel, que manifesta  
A duração da immarcessivel fama.

Eulina, que Garcia ao lado chama,  
Em um assento de ouro marchetado  
Lhe tem junto a uma mesa preparado  
O brinde da mais rara formosura.  
Cem taças de ouro são, onde procura  
Mostrar-lhe aos olhos, quanto desentranha  
De mais precioso o rio, ou a montanha,

Cerrava um branco véo logo diante  
Uma estancia ; rasgou-se, e em breve instante  
Deixou vêr recortado junto a um monte  
O venerando rosto de Itamonte.  
Era de grossos membros a estatura,  
Calva a cabeça, a côr um pouco escura,  
De muitos braços, qual a idade vira  
Tyfeu, que a dura terra produzira.

Quasi a seus pés o corpo debruçando  
Sobre um punhal, estava trespassando  
O peito um gentil moço, da ferida  
Uma fonte brotava, que estendida  
Com as vermelhas aguas rega a arêa.

Eulina, que nas graças não recêa  
Competir c'o a deidade que o mar cria,  
De transparente garça se vestia,  
Toda de flores de ouro matisada :  
A cabeça de pedras tem tocada,  
Deixando retratarem-se as estrellas  
Em seus olhos ; tão ricas, como bellas  
Muitas nnyfas em roda a estão cercando,  
Nas lindas mãos nevadas sustentando  
Os thesouros, que occulta e guarda a terra.  
(Tristes causas do mal, causas da guerra !)  
Nizea em uma taça offerecia  
Um monte de custosa pedraria,  
Em que estão misturados os diamantes,  
Co'as safiras azues, e c'os brilhantes  
Topasios c'os rubis, co'as esmeraldas,  
Que servem de esmaltar essas grinaldas,  
De que as nnyfas do rio ornão a frente.  
Em outra taça de metal luzente.  
Copioso monte apresentava Loto  
Por extremo formosa ; desde o roto  
Seio do rio o loiro pó juntára ;  
Delle costuma usar Eulina clara  
Para dar novo lustre a seus cabellos :  
Parece que a fadiga dos martellos  
Batera o mesmo pó coalhado ao fogo,  
Pois deixada esta taça e olhando logo  
Para outra, que Licondra na mão tinha,  
Nella de barras mil um monte vinha,  
Em que o divino pó se convertera.

Não tardava a chegar branda, e sincera  
A mimosa Leutippo : esta offertava  
Uma, e outra medalha, que cunhava  
Nas pequenas esferas de ouro fino.

De varios caracteres peregrino  
 Geroglifico alli se vê gravado,  
 Onde a letra em tres riscos dividida  
 Tinha estampa entre as outras mais luzida.

Do formoso espectaculo no meio  
 De jubilos Garcia se vê cheio ;  
 As nynfas o entretem, Eulina o prende,  
 De Itamonte a grandeza mal entende,  
 E do moço que vê rasgando o peito  
 Não sabe a historia ; que se o doce effeito  
 Provado houvesse do gostoso fructo,  
 Que encontrára na Hesperia o Grego astuto,  
 De si, dos companheiros se esquecia,  
 E transportado em outro já se via.

Com a voz descansada lhe falava  
 O bom velho Itamonte, e pois que a brava  
 E inculta região das patrias Minas  
 Tens pisado, ó Garcia, de ti dignas  
 Sejam tuas acções : tu te atreveste  
 Primeiro, que outro algum e tu podeste  
 Romper os mattos, franquear o passo  
 Do não tentado rio (57); o fado escasso  
 Comtigo não será, tendo encoberto  
 Por mais tempo o paiz que traz incerto  
 O teu grande Albuquerque ; elle procura  
 Erguer a capital, aonde a escura  
 Sombra de um sonho lhe propoz defronte  
 O carregado aspecto de Itamonte.  
 Neste sitio elle está ; alli se ajunta  
 Com os fortes Pereiras, e pergunta  
 Por ti : o patrio genio o tem guiado :  
 Deu-lhe a mão, lá o poz, alli prostrado  
 Elle vê a seus pés esse, que ha pouco

Levado de um furor insano e louco  
Embargar pretendera a sua entrada :

Por muitos annos sei, como ignorada  
Foi aos humanos esta serra : agora  
A tem tentado alguns e nella mora  
Um corpo de Europeus, a quem occulto  
Tenho ainda os thesouros, que sepulto.  
Permitte o Ceo que sejas o primeiro,  
A quem eu patentêe por inteiro  
Todo o segredo das riquezas minhas,  
Já desde quando no projecto vinhas  
De encontrar as preciosas esmeraldas,  
Eu te esperava deste monte ás faldas.  
O Deos destes thesouros (58) impedia  
Até aqui descobril-os, e fingia  
Meu rosto aos homens tão escuro e feio  
Por que infundisse em todos o receio.

E pois que a sorte tens, de que em meus braços  
Elle mesmo te ponha ; os ameaços  
Cederão de Itamonte ao teu destino :  
Vê pois, Garcia amado, o peregrino  
Cabedal, que possuo, e que pretendo,  
Cedas tu as teu Rei : e se estais crendo,  
Não é fabula, não, essa grandeza,  
Que tens defronte da preciosa mesa.  
Toda essa terra, que o descuido pisa  
Dentro em meus braços, crê, que se matisa  
Com o loiro metal, geral o fructo  
O nome de Geraes por attributo  
Estas Minas terão : vê os diamantes ;  
Elles vem de outras serras mais distantes,  
Mas tudo corre a encher os meus thesouros,

Hão de brilhar os seculos vindouros  
Com esta fina pedra; em abundancia  
Vencerão os que vem de outra distancia,  
E do Indo será menor a gloria,  
Quando vir apagar sua memoria  
Nas terras onde o solo iguala o dia,  
Do meu Jaquitinhonha (59), aonde fria  
Sobre grossos canaes no alto erguidas  
As correntes do rio e divertidas  
Da margem natural, darão entrada  
A' industriosa mão, que já rasgada  
Uma penha, e mais outra faz que a terra  
Descubra aos homens o valor, que encerra.  
De ti, oh Rei, das tuas mãos só fio  
Romper o seio do empolado rio.

As pedras amarellas e encarnadas,  
De que estão essas taças coroadas,  
Produz o Itatyaia, aquelle rio,  
Que vae buscar com placido desvio  
Outro, que de Guará (60), purpurea ave  
Na lingua patria o nome tem suave :  
E juntando as correntes vae formando  
O grande Rio Doce : do Gualacho  
Nos futuros auspicios talvez acho,  
Que um pequeno ribeiro o nome guarda,  
Nas margens suas de nascer não tarda  
O grosso engenho, que decante um dia  
As memorias da patria, e de Garcia ;  
Que levante Albuquerque sobre a fama,  
Que a villa adorne de triumphante rama ;  
E dos patrios avós louvando a empreza  
Sobre o estrago dos annos deixe accessa  
A memoria de feitos tão gloriosos :  
Crescei para o cercar, loiros formosos.

As safiras azues produz a serra  
Do Itambé, tem rubis aquella terra  
Aonde em breves fontes a Juruoca  
Vê o rio (61) nascer ; que as aguas tóca  
Do grosso Paraguay : o Rio Verde  
Daqui nasce tambem, que o nome perde  
Entrando pelo Grande ; estes unidos  
Vão formar com mais outros os crescidos,  
E agigantados passos, que desata  
Pela raia da Hespanha o Rio da Prata.

Das esmeraldas ao precioso erario  
Talvez que não permita o Céu contrario,  
Que outro mais, que teu pae registre as Minas.  
Encubertas serão as pedras finas  
Por uma longa idade, e fatigadas  
Serão debalde as serras levantadas  
Do escuro Cuiethé, onde se abriga  
O Botocudo infiel, gente inimiga,  
Gente féra e cruel, que o sangue bebe  
Humano, e encarniçado não concebe  
Zelo algum pela propria natureza.

Todos estes thesouros e a grandeza  
De todas estas pedras determino,  
Que por mão de um benevolo destino  
Vão buscar inda a Luza monarchia.

Desde o seio da terra a ver o dia  
O marmore virá que aos Céus levante  
Edificios soberbos a elegante  
Mão do artifice, a villa edificada  
Fará que sobre as outras respeitada  
De Rica tenha o nome, derivado  
Dos thesouros o epitheto presado.



Aqui chegava, e quasi enfraquecido  
Tinha o vigor da voz, quando advertido  
De Eulina arrebatado pensamento;  
Com que o grande Garcia olha attento  
Para as imagens, que pendentes via;  
Com que egualmente os olhos dirigia  
Para o mancebo, que rasgára o peito;  
Tomando a lyra, e com suave effeito  
Soar fazendo as cordas de ouro fino,  
Em cadencias de um numero divino  
De Itamonte lembrava a grande historia;  
Contava, que empr'endendo por mais gloria  
Os Deuses conquistar deste hemispherio,  
Deixando o Adamastor no vasto imperio  
Das ondas lá do Atlantico Oceano;  
O pacifico mar buscava ufano,  
Que de um raio de Jupiter ferido  
Fora em duro penhasco convertido;  
Que um filho concebera de uma penha,  
Que foi nynfa algum dia; elle se empenha  
Em contrastar de Eulina o peito ingrato;  
Apollo opposto ao amoroso tracto  
Lh'a rouba, e leva em uma nuvem; triste  
O mancebo infeliz, já não resiste  
Ao rigor do seu fado; busca ancioso  
Sobre um punhal o termo lastimoso  
De tanta desventura, de piedade  
Movido o loiro Deus, ou de crueldade  
Em fonte o converteu, e a còr trazendo  
Do sangue, que do peito está vertendo,  
Por castigo maior do fatal erro  
Sobre elle faz bater o duro ferro.  
Assim atado ao Caucaso gelado  
O ventre vê das aves devorado  
Em continuo tormento esse, que intenta

De Apollo arrebatat com mão violenta  
O raio, que animara a estatua muda,  
Que tanto em fabricar seu damno estuda.

Tudo isto canta a Nympha, e alegre passa  
A dar a linda voz mais bella graça,  
Levando o rosto, e os olhos applicando  
Para as laminas de ouro, e reparando  
Em cada uma, concebe um novo alento ;  
Aqui levanta, e esforça o accorde accentto ;  
E como se Itamonte lhe influira  
Do peito do gigante as vozes tira.

## CANTO IX

Materia é de cothurno, e não de socco,  
O que a Nympha cantava; eu já te invoco,  
Genio do patrio rio; nem a lyra  
Tenho tão branda já, como se ouvira,  
Quando a Nize cantei, quando os amores  
Cantei das bellas nynfas e pastores.  
Vão os annos correndo, além passando  
Do oitavo lustro; as forças vae quebrando  
A pallida doença; e o humor nocivo  
Pouco a pouco destroe o succo activo,  
Que da vista nutrira a luz amada :  
Tão pouco vi a testa coroada  
De capellas de loiro, nem de tanto  
Preço tem sido o lisongeiro canto,  
Que os mesmos, que cantei, me não tornassem  
Duro premio, si a mim me não sobrassem  
Estimulos de honrar o patrio berço (62).  
Deixára de espalhar pelo Universo  
Algun nome, deixára... mas Eulina  
Me chama : já soava a voz divina.

E aos bustos discorrendo, assim cantava :  
Aquelle (e no primeiro se firmava)  
Aquelle, que na frente traz gravado  
O character de um animo empregado  
Em continuas fadigas, que inda sua  
Por entre a espessa brenha, e serra nua,  
Vencendo asperos riscos e as correntes  
Dos rios, não cortadas de outras gentes,  
Mais que do hirsuto e barbaro gentio ;  
E' Rodrigo, que junto áquelle rio,  
Que acabas de pisar, a vida entrega  
A's mãos de uma ousadia infame, e céga.  
Em vão tentou ao rei dar novo augmento  
Das Minas no feliz descobrimento ;  
Que atalhando seus passos duro fado  
Aqui lhe tinha a urna preparado ;  
Em vez de roxos lirios e assucenas  
Barbaras flores lhe derrama apenas  
Piedosa mão, si acaso monstro enorme  
Seu tumulo não pisa, e nelle dorme.

Arthur é quem succede mais ditoso,  
Pois que attrahindo ao Borba generoso,  
Que ao centro dos sertões se retirára,  
Com elle empr'ende ver a terra avára,  
Onde jaz de Rodrigo a sepultura :  
Vê, qual provida mão dar-lhe procura  
O luzente metal, que longos annos  
Se negára á fadiga dos humanos.

O terceiro é Fernando, que sustendo  
Difficilmente as rédeas, se está vendo  
Entre os insultos da rebelde gente ;  
Desde de longe o ameaça a bala ardente,  
A crua espada e o punhal ferino,



Se não volta e obedece ao seu destino :  
E' prudente o varão ; vê-se arriscado  
Sem armas, sem defesa, e profanado  
O respeito não quer e auctoridade,  
Que sustenta do rei a magestade.  
De vendar o mando a empreza toma  
O famoso Albuquerque, e a grande somma,  
Dos thesouros, que guardo, eu lhe preparo,  
Melhor do que nos marmores de Paro,  
Ou nos polidos bronzes de Corintho,  
Elle o seu nome levará distincto,  
De uma vez as cabeças decepando  
Da hydra venenosa, que soprando  
Ainda o fogo está da rebeldia,  
Fará subir com nobre valentia  
De choupanas humildes a altas torres.  
Essas povoações, que haver discorres  
Desde esta margem a meu fundo centro  
Quanto do seio meu se encerra dentro  
Liberal eu virei dar-lhe em tributo ;  
Da grande cópia do amarello fructo  
Os curvos lenhos em fecundas frotas  
Irão levar ás regiões remotas  
As preciosas porções, que nunca vira  
Em tal grandeza o rei, que dividira  
As aguas do Eritreu, e desde o Tiro  
Ao claro Ophir voou com longo giro.

Do Carmo a villa, e a villa do Ouro-Preto  
Formarão das conquistas o projecto ;  
Junto ao rio, a que as velhas deram o nome,  
A terceira erguerá, que foral tome.

Já vens cortando o mar para rendel-o,  
Magnanimo Silveira ; do teu zelo

Fia o rei, se adiante o novo emporio,  
Em trinta arrobas de ouro faz notorio  
Por esta vez o povo o seu tributo ;  
E agradecido o rei conhece o fructo  
Da tua persuasão, sem que a violencia  
Arrastasse os esforços da prudencia ;  
Do teu antecessor seguindo a estrada  
Passas a ver com gloria edificada  
A villa que escondida o fado tinha  
Com o precioso nome da Rainha ;  
E no distante Serro se levanta  
A outra, que do Principe se canta ;  
Ditosas povoações, que hão de algum dia  
Encher de lustre a luza monarchia.

Creadas as tres villas, já demarcas  
Os distinctos limites das comarcas :  
Dás com provida mão leis, e moderas  
As discordias civis, já consideras  
Domado o povo, e em successão gloriosa  
Ao claro Almeida entregas a custosa  
Porção das Minas de ouro, ó tu mil vezes  
Digno filho de Marte, que os arnezes  
Acabas de romper entre os Iberos ;  
Que ousados braços, que semblantes ferros  
Te não cabe aterrar ! ao longe eu vejo  
Erguer-se a multidão, que em vão forcejo  
De attrahir e render : vem arrastando  
Infames chefes o atrevido bando :  
Chegam, propõem, disputam : nem se nega  
Teu intrepido rosto á furia céga  
Do fanatico orgulho : oh ! não se engane  
O vassalo infiel ; bem que profane,  
Que ataque, e insulte a régia auctoridade !  
Ao destroço da vil temeridade

Será o campo theatro, e em sangue escripto  
Chorarão sem remedio o seu delicto.

Cahe a sublevação, e restabelece  
Outro Almeida o real decôro; cresce  
A opulencia no estado; um Mello e Castro  
Da esphera luzitana feliz astro  
Já succede ao bastão, que Almeida empunha;  
Deste heróe as virtudes testemunha  
Italia toda e as suas glorias somma  
Cheias de tanto nome a illustre Roma.

Mas qual te chamarei, ó sempre digno  
Successor de Galvêas; o benigno  
Céu, que te envia a nós, de riso cheio  
O seu semblante inculca, ah! que do meio  
Do Guadiana te arrancou pendente.  
Já vejo a espada, e vejo a arêa quente  
Do sangue derramado! que destino  
Tão fausto para nós; já imagino  
Que eternos os teus dias lograremos,  
Dos Tritões sobre as costas levaremos  
Ao luso Atlante nunca tão pesados  
Os reaes cofres; vinde, ó dilatados  
Sertões, vinde montanhas, vinde rios,  
Chegae tambem, ó barbaros gentios  
Do bravo Cuiabá, do Matto-Grosso,  
De Pilões, de Goyazes (63), vêde o vosso  
Destro governador, que desde as Minas  
Sustém a rédea, e manda as peregrinas,  
E sabias direcções, com que reparte  
Em uma e outra dilatada parte  
Sua provida mão. com que segura  
O bem do rei, dos povos a ventura.  
Já do pardo Ursaguay (64) busca a corrente,

O irmão o substitue ; o sangue ardente  
Lhe lembra a imitação de heroicos feitos,  
Generosos Andradas, dignos feitos !  
Este alimpa os sertões (65) da gente ociosa,  
Que do roubo se nutre : a deliciosa  
Margem do Rio Grande é povoada :  
Toda a larga campina, que pisada  
Fôra do Cafre vil, do regio erario  
Rende os tributos : póde o Céu contrario  
Sim roubar-vos, ó Freires, mas na idade  
Ha de ser immortal nossa saudade.

Vês ora o grande Lobo : este caminha (66)  
Seguindo a serra, que lá tem vizinha  
De Paulo a capital ; impede os passos,  
Que o extravio, prompto aos ameaços  
Da guerra acóde, a terra fortalece  
De militares tropas, e a garante  
De bellicos petrechos : já fundido  
Sahe da fornalha o bronze, e convertido  
Em raios de Vulcano atroa os montes.

Mas ai, que já do Tejo os horisontes  
Se vêm escurecer ! já deixa a praia  
Aquelle heróe saudoso, que se ensaia  
De verdes annos a ganhar victorias !  
Já nos demanda e busca : nas memorias  
Seu nome impresso guardarão as Minas.  
O', e de que influencias tão benignas  
Seu governo não é ! ao conquistado  
Quanto de novo tem accrescentado !  
Domesticás aldêas reconhecem  
A protecção do rei : já obedecem  
As distantes regiões ; vem o Tapuya (67)  
Do escuro Cuiethé, ou do Orucuya

Beijar o sanctuario : qual se esconde  
Rio, ou montanha tão remota, aonde  
Não se investigue por seu mando o ouro ?  
Que crime ha tão seguro, que ao vindouro  
Com o exemplo profano ? ó singulares  
Dotes do Conde meu de Valladares !

Assim cantava a Nympha arrebatada'  
Do prophetico espirito dourada,  
A sonora trompa já se ouvia  
Entre um tropel de brutos, que feria  
A praia opposta ; a luminosa sala  
Se ia negando aos olhos ; já não fala  
Itamonte ; e o mancebo já se esconde,  
E Garcia (oh prodigio !) se acha, aonde  
Ha pouco antes se achara, adverte, e nota,  
Que para alli com placida derrota  
Vêm chegando Albuquerque e os companheiros.  
Já festivos clarins pelos oiteiros  
Se deixam perceber louvando a vinda,  
Em vivas tudo sôa ; e corre ainda  
O mesmo bando, que turbara a entrada  
A protestar a fé, já detestada  
A torpe idéa, que o arrastára um dia.

Alegre o heróe se abraça com Garcia ;  
Alegres dão-se as mãos Borba, e Camargo ;  
Conta o mancebo do feliz lethargo  
As horas ; conta o heróe o que passára,  
Como um, e outro chefe alli buscára ;  
Como já com certeza achado tinha  
O sitio aonde levantar convinha  
A capital das Minas : vem Fialho,  
Affirma que, seguindo um breve atalho  
O fundo registrára de Itamonte ;



Que vira o valle e a aprazivel fonte,  
Onde de Eulina inda a memoria vive.  
Presente, diz o heróe, tambem eu tive  
Toda esta noite quanto viu Garcia.  
O genio celestial, que pôde um dia  
Descobrir-me o segredo deste emporio,  
Tudo aos meus olhos, tudo poz notorio  
Vi este sitio, o valle, o rio, a serra,  
E os thesouros, que o monte ao longe encerra,  
Aqui entre estes povos se levante  
A villa, e já passando mais avante  
Se erija a capital: isto dizendo,  
Reparte as ordens: todos incorrendo  
A um tempo vão na fabrica luzida  
De um e outro edificio! da ferida  
Que abria o ferro em um robusto lenho,  
Commodo á obra, por noticia tenho,  
Que um cheiroso licor se derramava  
Da còr do sangue; absorto o heróe estava.

E vendo a maravilha, diz a Bueno:  
Acaso crera, que o paiz ameno  
Lembra o successo das irmans piedosas,  
Que inda choram no Eridano as saudosas  
Memorias do abrasado irmão; coalhadas  
Assim se vêm as lagrimas brotadas  
Dos moles choupos. Bueno, que não perde  
A opportuna occasião, do tronco verde  
Toma argumento e diz: a antiga historia  
Desta arvore (68) eu a guardo de memoria  
Desde a primeira vez, que um indio velho  
Encontrei nos sertões; e de conselho  
Saudavel quiz que eu fosse soccorrido.  
Nestes montes me conta que nascido  
Fôra um mancebo; Blazimo era o nome

Que a corrupção do tempo em vão consome,  
De Balsamo guardando inda a lembrança.

Este tão destro em sacudir a lança,  
Como em matar ás mãos o tigre ousado,  
Da formosa Elpinira namorado,  
E seguro no sceptro, que mantinha  
De trinta aldêas, que a seu mando tinha,  
A demandava esposa : disputava  
Argante um tal amor ; a grossa aljava  
Dos hombros lhe pendia, e sempre em guerra  
Fumar fazia a ensanguentada terra.  
Elpinira, que causa se conhece  
De tanto estrago, entre ambos se offerece  
A dar a mão ao que a ganhasse em sorte,  
(Por que caminhos não buscava a morte !)  
Convém os dois rivaes, e o pacto acceito  
Um dos dias do anno tem eleito,  
Em que o seu Paraceve (69) festejavam.  
Branças e negras pedras ajuntavam  
Em uma concha ; e em roda juntos todos  
Ao grande acto concorrem, varios modos  
Inventam já de bailes, jogo e dança,  
Coroando cada um sua esperança.  
Preside ás sortes o bom velho Alpino,  
Pae de Elpinira, e rei : vem o ferino  
Argante ; pés e mãos tendo cercado  
De verdes pennas, onde amor firmado  
Traz o presagio da victoria : a frente  
Blazimo adorna de um lourel florente,  
Que tecem muitas rosas animadas  
De suavissimo cheiro : estão sentadas  
Varias indias, cercando em torno a bella  
Elpinira, orna a testa uma capella  
De rosas, e folhetas pendem de ouro

Das orelhas ; por tudo um triste agouro  
Respirou : muitas arvores tremeram,  
Os passaros do dia se esconderam,  
Só os da noite sussurar se viram.  
Juram, dando-se ás mãos os dois, e tiram  
Cada qual sua pedra ; a branca expunha  
Sorte feliz ; a negra testemunha  
A perda da consorte ; está jurado  
Soffrer com paz, o que não for premiado.  
Blazimo vence ; Argante se retira,  
E simulando a dôr, geme, suspira.  
Viva Blazimo, dizem : logo as vozes  
A Argante vão ferir, e tão atrozes  
Passam a ser as furias em seu peito,  
Que desde aquelle instante faz conceito  
De vingar sua dôr, roubando a gloria  
Ao mesmo, que o privára da victoria.

Com rosto disfarçado quer comtudo  
Lograr o golpe ; um meditado estudo  
Lhe lembra a occasião, o sitio e a hora  
De banhar toda em sangue a mão traidora :  
Eu, diz Argante, eu devo entrar em parte  
Nas vossas glorias, todo o esforço dar-te,  
E do engenho porei, por que se veja  
Quê cedo alegre, e não me arrasta a inveja.  
Na minha aldêa, e entre os meus povos quero  
Festejar vossas nupcias ; nella espero  
Dar-vos provas do gosto e da alegria,  
Que me sabe trazer tão fausto dia.  
Alli de firme paz e de alliança  
Farei novo concerto e da vingança  
Cederá de uma vez o vil projecto  
(O' dura força de um mentido affecto !)  
Acceita Alpino : Blazimo é contente,

E Elpinira tambem, que já presente  
 Crê a ventura, que esperára anciosa.  
 Tres dias pede Argante, e a insidiosa  
 Idéa lhe propõe um torpe meio  
 De executar o damno sem receio.  
 Manda alimpar a estrada, funda cava  
 Faz abrir no mais plano, que abarcava  
 Ambas as margens; desde o centro ao alto  
 Mette a aguçada estaca, e quanto falto  
 De terra está, cobre de ramo brando;  
 Sobre elle moles folhas vae deitando,  
 Que a mesma terra entaipa, e já figura  
 A superficie igual, e limpa e pura (70).

Chega a terceira aurora; desde a aldêa  
 Alegres vem sahindo, e os lisongéa  
 Argante, tendo em fronte aparelhado  
 Do logar da traição o costumado  
 Baile, com que na paz se festejavam  
 De muitos dos seus indios: já pisavam  
 A estrada os dois amantes: o pae vinha  
 De um lado, e de outro lado da mão tinha  
 Blazimo presa a idolatrada esposa.  
 (Que triste vista, que illusão faustosa!)  
 Todos deante vem; este o costume  
 É da nação, nem teme, nem presume  
 Algum dos tres, e ainda o povo todo  
 A urdida morte por tão novo modo.

Com Argante, e seus indios se avistavam,  
 Em vivas desde longe se saudavam.  
 Infelizes (que dôr!) as plantas punham  
 Sobre a coberta cava, e já suppunham,  
 Que os braços ao amigo se estendiam,  
 Quando passados os seus peitos viam

Das aguçadas farpas : volta Argante  
Colerico, soberbo e triunfante  
Sobre os desprevenidos que acompanham  
Sem armas ao seu rei : todos se apanham  
Presos das mãos das emboscadas ; morrem  
Immensos indios ; a fugir recorrem,  
Mas a gente, que ás costas lhe ficava,  
O resto, o infeliz resto destroçava.

Já mortos os tres indios lançam terra  
Sobre os seus corpos ; uma urna encerra  
O misero despojo : o Céu procura  
Vingar o grave horror ; da sepultura  
Vê-se brotar uma arvore, que verte  
Cheiroso sangue : o caso se converte  
Em fabulosa historia ; e se acredita  
Que Blazimo, a quem segue esta desdita  
Das mesmas flores, de que a testa ornára,  
E do seu sangue a côr, e o cheiro herdára  
E que o Céu testemunhos multiplica,  
Multiplicando os troncos ; assim fica  
A tradição nos nacionaes guardada ;  
O indio, que me conta a dilatada  
Historia ; diz-me então, que mal segura  
É sempre a fé, que o inimigo jura.

Ouve Albuquerque o caso, e não ignora  
Que alto mysterio dissimula agora  
Em suas vozes Bueno ; tem previsto,  
Quanto o nome do rei se vê malquistado  
Entre os chefes do povo levantado,  
E trazendo em memoria o já passado  
Encontro adulator, que de Fernando  
Acobardára a entrada ; então chamando  
Os membros principaes, que arrebatava  
A fanatica idéa, assim falava :

Vassallos sois de um rei, que não vos deve  
O sceptro, ou a corôa ; a origem teve  
Já dos vossos senhores ; por herança  
O reino augusto em suas mãos descança.  
Sendo assim, bem sabeis, que é só tributo,  
E não dadiva vossa aquelle fructo,  
Que adquirem vossas forças ; dou, que fosse  
Vossa a conquista ; o seu dominio e posse  
Só cede ao nosso rei ; causa commua  
Seja ella embora, é nossa, por que é sua.  
Elle os seus braços para nós estende,  
Nos manda e rege ; e tudo comprehende,  
O seu imperio na maior distancia ;  
Nós juramos das leis toda a observancia,  
E do primeiro pacto não devemos  
Apartar-nos, pois nelle nos prendemos.  
Do castigo e do premio elle confia  
Das minhas mãos o arbitrio ; eu deveria  
Usar do meu poder ; porém cedendo  
À piedade o rigor, de vós pretendo  
Só dignas provas de obediencia pura.  
Não quero crer a sem razão perjura,  
Que dominou em vós ; a calumniosa,  
Torpe mentira, cuido que enganosa  
Fez voar tudo quanto é já notorio,  
Que tem feito a ruina deste emporio ;  
Emfim perdôo a todos o passado ;  
Firma o rei o perdão, que tenho dado.

Conheço (e com Vianna só falava)  
Que em vós, e em vosso peito dominava  
Um zelo justo pelas leis, que guardo ;  
De dar as providencias já não tardo  
Sobre os dois impios, que influir poderam  
Nas discordias civis : elles se alteram

Com a minha chegada, e vão buscando  
Estranhos climas, libertando o bando,  
Que attrahiram talvez, ou que arrastaram :  
Os poucos membros, que entre nós ficaram.  
Farei por conservar na paz, que espero,  
Mas da vossa obediencia a prova quero  
Mais solida e mais firme ; ao longo centro  
Dos sertões passarei, e alli dentro  
Dos seus limites conterei seguros  
Na doce paz os animos impuros,  
Que os não manche outra vez o humor nocivo  
Da infame rebeldia ; o braço activo  
Saberá, exgotando todo o empenho,  
Destroçal-os, punil-os ; mas que venho  
A meditar ; de vós tudo confio ;  
De vós, do vosso zelo, esforço e brio.

Isto dizendo, os braços estendia  
Para Vianna : nelles recebia  
Logo a Francisco a quem recommendava  
O mesmo, e muitas vezes protestava,  
Que do seu rei poria na presença  
Um tal serviço : ordena sem detença,  
Que partam desde logo : tem por dita  
Os dous vassallos, ver, que os acredita  
O conceito do heróe, as mãos lhe beijam,  
E o desterro politico desejam  
Cumprir mais, que por força, por vontade.

Aos dous religiosos persuade,  
Quão longe vão marchando ; e dêem as costas  
Á torpe hypocrisia, que dispostas  
Tinha em vão as idéas do attentado.  
A rebeldia ao centro tem baixado.

Cheio de furias mil vomita fogo  
O interesse que o guia, e arrasta logo  
O falso engano e a traição malvada,  
Que vêm tanta fadiga mal lograda.

## CANTO X

De Flegón e Piròis as redeas de ouro  
Batia o sol, e com Feliz agouro  
Em giros onze ao luzitano fasto  
Sobre mil setecentos, que tem gasto  
Pelo eclitico cerco em fim trazia  
O mez, que Roma de seu Julio fla.

Eis que Albuquerque adiantando o passo  
Da margem, que deixára em breve espaço  
Pisava as faldas do Itamonte : estava  
Co's olhos fitos o gigante, e dava  
Vivos signaes de uma alegria interna  
Certo que de seus braços já governa  
Tão grande parte a direcção prudente  
Do magnanimo heróe, elle impaciente  
Na dilação de ver a villa erguida,  
Conta-se (nem do caso se duvida),  
Que assim fallára, quando o viu deante :

O' tu por tantos riscos triumphante,  
Albuquerque feliz, pois que a fortuna  
Te conduziu com maxima opportuna  
A registrar de perto os meus dominios ;  
Pois que cortados os fataes designios  
Do conjurado bando, alegre pisas  
Este verde paiz onde eternisas  
Em gloriosos feitos o teu nome,



Deixa que em teu obsequio a empresa tome  
De ir já desentranhando de meu seio  
Os marmores mais finos : Nisto veio (71)  
Pulando desde o centro um padrão liso  
Da mais solida maça ; eu já diviso  
Nelle entalhadas do cinzel agudo  
As regias armas ; tanto ao destro estudo  
De Praxiteles não devera a idade ;  
Sobre a quadrada base á eternidade  
Se recommenda a estampa ao alto erguida  
Sobre a columna, a ponta está partida  
De um afilado alfange ; assim denota  
Que os crimes ameaça, e o sangue exgotta  
Dos que, entregues á perfida maldade  
Desconhecem as leis da humanidade.

Este padrão (72) no meio se colloca  
Da régia praça ; quasi os Céus provoca  
Soberba torre (73), em que demarca o dia  
Voluvel ponto, e o sol ao centro guia.

Do ferreo pau já sóbe, e já se estende  
Magnifico edificio (74) onde pretende  
A deusa da justiça honrar o assento ;  
Aqui das penas no fatal tormento  
A liberdade prende ao delinquente,  
E arrastando a miserrima corrente  
Em um só ponto de equilibrio alcança  
Todo o fiel da solida balança.

Da sala superior tecto dourado  
Se destina ao publico senado,  
Que o governo economico dispensa.

Lavra artifice destro sem detença  
 Os marmores cavados; e de polidas,  
 E altas paredes já se veem erguidas  
 As magestosas salas, que recolhem  
 Regios ministros, que os tributos colhem,  
 E em respectivos tribunaes decentes  
 Dão as próvidas leis; talvez presentes  
 Tem Itamonte já no claro auspicio  
 De um, e outro magnifico edificio  
 As que espera lavrar liquidas fontes (75),  
 Que vomitam delphins, e regias pontes,  
 Que se hão de sustentar sobre a firmeza  
 De grossos arcos : da maior riqueza  
 Presentes tem talvez os sanctuarios (76),  
 Em que se hão de exgottar tantos erarios :  
 Onde Roma ha de ver em gloria rara,  
 Que debalde aos seus templos disputára  
 A grandeza, o valor e a preeminencia.

Trajando as galas da maior decencia  
 Nos paços do senado o heróe entrava.  
 Da côr da Tyria purpura talhava  
 A farda militar, cingia-lhe o lado  
 A rica espada, que já tem provado  
 Mil vezes o furor do irado Marte;  
 E a mão, que os premios liberal reparte,  
 E dispõe os castigos, já sustenta  
 O castão que os poderes representa.

Estão no plano os esquadrões formados,  
 Monta a cavallaria, e cinge os lados;  
 O centro occupa a infantaria: tudo  
 Respira da grandeza um novo estudo.  
 Brilha o aceio e a ostentação; a idéa  
 Crê, que dos Céus na vista se recrea,

Vendo nos recamados fios de ouro  
Que o sol retrata alli o seu thesouro.

Desta arte entrando vac na régia sala,  
Senta-se; mede a todos, e assim fala :  
Felizes vós, feliz tambem eu devo  
Chamar-me neste dia; pois que escrevo  
Com letras de ouro o meu e o nome vosso.  
Entre as victorias, e entre as palmas posso  
Seguro descançar : emfim, cahida  
Vejo de todo a rebeldia erguida,  
E vassalos de um rei, que mais vos ama,  
Buscaes acreditar a vossa fama  
Com o dote immortal, que a nação presa  
De uma fidelidade portugueza.  
De meus antecessores longe o susto,  
Goze-se a doce paz, e um trato justo  
De amizade, e de fé de hoje em diante  
Acabe de apagar o delirante  
Fanatico discurso, que inda excita  
De algum vassalo a dôr; não se limita  
O regio braço : a todos se dilata,  
A todos favorece, acolhe, e trata,  
Sem outra distincção mais, do que aquella,  
Que demanda a virtude illustre e bella.

Disse ; e solemnizando a acção, procura  
Se lavre logo a solida escriptura,  
Onde o foral da villa se estabelece.

Em tanto o patrio genio lhe offerece  
Por mão de destro artifice pintadas  
Nas paredes as ferteis, dilatadas  
Montanhas do paiz, e aqui lhe pinta  
Por ordem natural, clara e distincta

A differente fôrma do trabalho,  
 Com que o sabio mineiro entre o cascalho  
 Busca o loiro metal; e com que passa  
 Logo a purifical-o sobre a escassa  
 Taboa ou canal do liso bulinete ;  
 Com que entre a negra areia ao depois mette  
 Todo o extrahido pó nos ligneos vasos,  
 (Que uns mais concavos são, outros mais rasos)  
 E aos golpes d'agua da materia estranha  
 O separa e divide; alta façanha  
 De agudo engenho a machina apparece,  
 Que desde a summa altura ao centro desce  
 Da profunda catta, e as aguas chupa (77).

Vê-se outro mineiro, que se occupa  
 Em penetrar por mina o duro monte  
 Ao rumo obliquo, ou recto; tem defronte  
 Da gruta que abre, a terra que extrahira ;  
 Os lagrimaes das aguas, que retira  
 Ao tanque artificioso logo solta (78);  
 Trazida a terra entre a corrente envolta  
 Baixa as grades de ferro; alli parados  
 Os grossos esmeris são depurados,  
 Deixando ao dono em premio da fadiga.  
 Os bons thesouros da fortuna amiga.

Entre serras est'outro vae buscando  
 As betas de ouro; aquelle vae trepando  
 Pelo escabroso monte, e as aguas guia  
 Pelos canaes, que lhe abre a pedra fria.  
 Não menos mostra o genio a agricultura  
 Tão cara do paiz, aonde a dura  
 Força dos bois não geme ao grave arado ;  
 Só do bom lavrador o braço armado  
 Derriba os mattos, e se atêa logo  
 Sobre a secca materia o ardente fogo.

Da molle producção da canna loira  
Verdeja algum terreno, outro se doira ;  
O lavrador a corta, e lhe prepara  
As ligeiras moendas ; alli pára  
O esprimido licor nos fundos cobres :  
Tu, ardente fornalha, me descobres,  
Como em brancos torrões é já tornado  
A estímulos do fogo o mel coalhado (79).

O arbusto está, que o vicio tem subido  
A inestimavel preço, reduzido  
A pó subtil o tallo e a folha inteira.  
Não menos brota a oriental figueira (80)  
Com as crescidas folhas, e co'fructo,  
Que inda nos lembra o misero tributo,  
Que pagam nossos paes, que já tiveram  
A morada do Eden, e não puderam  
Guardar por muito tempo a lei imposta.  
(O' natureza ao Creador opposta !)

Os passaros se veem de especie rara,  
Que o Céu de lindas côres emplumára,  
As feras e animaes mais exquisitos  
Todos no alegre mappa estão descriptos (81) ;  
Os olhos deleitando, e entretendo  
O heróe, que facilmente está crendo,  
Ao ver, que destra mão dar-lhes procura  
A vida, que lhes falta na pintura.

Mas já lavrado estava, e já firmado  
O termo, que escrevera o bom Pegádo (82) ;  
Quando mais que a eleição podendo o acaso,  
Manda o heróe que se extraíam d'entre um vaso  
Os nomes dos primeiros, a quem toca  
Reger a vara que a justiça invoca.

A ti te chama a sorte, ó grande Mello,  
E tu, Fonseca, em nobre paralello  
Cedes nos annos teus á precedencia,  
Da que contemplos provida influencia;  
Seguem-se áquelles dous um Figueiredo,  
Um Gusmão, um Faria, e te concedo  
Que sejas tu, Almeida, o que em completos  
O numero ná acção, em que competes.

Ancioso o povo ás portas esperava  
Pela alegre noticia, e já clamava;  
Viva o senado! viva! repetia  
Itamonte, que ao longe o echo ouvia.

Emfim serás cantada, Villa Rica,  
Teu nome impresso nas memorias fica.  
Terás a gloria de ter dado o berço  
A quem te faz girar pelo universo.

FIM DO POEMA VILLA RICA.

**NOTAS DO AUCTOR**

**AO POEMA**

**VILLA-RICA**





## NOTAS DO AUCTOR

---

(1) *Fundação primeira.* Este poema tem por argumento principal a fundação de Villa-Rica, ou antes a sua criação de pequeno arraial em villa, á que passou no dia 8 de julho de 1711 com o nome de *Villa-Rica de Albuquerque.*

(2) *Deste assumpto a meu verso.* Leia-se a fabula do Ribeirão do Carmo, que anda impressa entre as rimas do autor. Coimbra, na officina de Luiz Secco Ferreira, anno de 1768, 8.º

(3) *O irmão defunto.* O illm. e exm. sr. Gomes Freire de Andrada a quem s. magestade fez mercê do titulo de Conde de Bobadella, voltando das Missões.

(4) *As grandes terras.* O Brazil, que foi descoberto por Pedro Martins Cabral em 1501, é repartido em quatorze capitancias, das quaes a ultima é S. Vicente, que comprehendeu por muito tempo o governo das Minas-Geraes.

(5) *De Paulo.* No anno de 1554 em 25 de janeiro, dia dedicado á conversão de S. Paulo se celebrou a primeira missa naquella villa, e no de 1711 lhe deu titulo de cidade o sr. D. João 5.º O padre Vasconcellos na sua chronica do Brazil.

(6) *O arbitrio de um só braço.* Os primeiros governadores residiam no Rio de Janeiro, e tinham annexa a capitania de S. Paulo, ou S. Vicente, que comprehendia as Minas já descobertas, e as que de futuro se descobrissem, como se prova do regimento expedido em *Valladolid* em 15 de agosto de 1603 escripto por Luiz de Figueiredo, e se confirma do alvará de 8 de agosto de 1618 inserto na collec. 1.ª da ord. do liv. 2, tit. 54, n. 1.º

(7) *Itamonte.* Serra vulgarmente chamada Itacolomy, uo Itaconomim nome patrio, que quer dizer-pedra pequena. A villa está situada nas faldas deste penhasco.

(8) *Um genio esperto.* Neste genio se figura o do paiz como sensivelmente o dá a conhecer o auctor no canto 5 e 6 deste poema.

(9) *Soberbo Rio.* Rio das Velhas, primeira povoação das Minas-Geraes.

(10) *O brioso Garcia.* Garcia Rodrigues Paes foi um dos vassallos de maior serviço no descobrimento das minas do ouro : a sua casa se acha premiada em seu filho o Alcaidemór da Bahia, Pedro Dias Paes Leme, guarda-mór geral das Minas etc. etc.

(11) *No horror da phantasia.* Imita o auctor neste logar a Lucano na sua Pharsalia tit. I ibi. —

Ut ventum est parvi Rubiconis ad undas,  
Ingens visa duci patriæ trepidantis imago.

(Esta nota teria cabimento no 9º verso depois do indicado.)

(12) *Dom Rodriga.* Entretanto que Fernando Dias Paes enviava a el-rei a mostra de esmeraldas, que tinha descoberto: chegou D. Rodrigo do Castello-Branco de ordem do mesmo sr. a governar as Minas, e foi morto violentamente no rio das Velhas em casa de Manoel de Borba Gatto, como se lê no canto 3.

(13) *Pory.* Nação gentia : destes, e de outras nações se escrevem alguns episodios por adorno do poema O episodio é tirado do fundamento historico, que se conserva por tradição entre os nacionaes. Toda a scena deste canto se figura no rio das Velhas, por onde se dirigiam as marchas, em razão de serem alli os primeiros descobrimentos das Minas. Na Ecloga de *Aruncio*, que escreveu o auctor, se lêem estes versos que dizem relação á presente historia.

*Os primeiros, que entraram na espessura  
Dos asperos sertões dizem que acharam  
Tres barbaras já velhas nesta altura.*

Não disputa o auctor o anachronismo.

(14) Deixára o auctor de produzir estas imagens; si ellas não fossem tão verosimeis, segundo a condição dos primeiros tempos. De uma relação manuscripta do governador Arthur de Sá e Menezes, colhemos tudo o que a este respeito se applica ao heróe: e talvez estes trabalhos tão generosamente soffridos, dão um caracter

da grandeza do espirito. Nos Luziadas dizia o Gama ao rei de Melinde :

Corrupto já, e damnado o mantimento,  
 Damnose e mau ao fraco corpo humano.

Cant. 5 estanc. 71.

(15) *A leve canna*. Providencias de natureza, com que se suppre a falta da luz entre os indios : Assim Virgil. *Æn.* 1. Et primum silicis scintillam excudet Achates.

Lucano na descripção da cabana de Amielas. Lib. IV vers. 524.

Jam tepidæ sublato fune favillæ.  
 Scintillam tenuem commotos pavit in ignes.

(16) *Do Corod, do Paracy*. Nações de gentios, que vivem pelos sertões das Minas.

(17) *A ser escrava*. Os moradores de S. Paulo fundaram as suas primeiras riquezas na escravidão dos indios : com este objecto principalmente tentaram contra a paz e liberdade das raças conquistadas : a beneficio da liberdade se publicaram as providentissimas leis de 30 de julho de 1609, de 10 de setembro, de 1611 e a novissima de 6 de julho de 1755, que cassou toda a restricção, que havia a respeito dos quatro casos, em que era licito o captiveiro dos indios.

(18) *Lhe dão hoje o nome*. Substituia Bartholomeu Bueno, cunhado de Antonio Rodrigues Arzão, as vezes deste no descobrimento das novas Minas : rompeu os mattos geraes até a serra vulgarmente chamada. *Itaverava*, que val o mesmo, que *pedra luzente*; ahi plantou meio alqueire de milho e entretanto que madurava a planta, passou a gente da sua conducta para o sertão do Rei das Velhas, por ser elle mais fertil de caça e mel silvestre, unicos so ccorros, que encontrava a necessidade dos sertanistas. Voltou no anno de 1698 a colher a pequena sementeira e foi por este tempo encontrado de novos descobridores, que desciam de S. Paulo : eram estes o coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça e capitão Manoel Garcia Velho e outros, de que não ha individual lembrança.

Propoz ao dito coronel o capitão-mór uma troca de armas, e se effectuou esta com o avanço de todo o ouro, que se cahou na comitiva. Desejoso o capitão mór de entrar em S. Paulo com esta pequena porção de ouro que não passou do doze oitavas, não tardou

em commetter ao mesmo coronel a compra de duas indias, mãe e filha, as quaes comprou o coronel e, cathequisadas, se baptisou a filha com a nome de *Aurora* e se impoz á mãe o nome de *Celia*.

(19) Toda esta ficção não serve mais que de ornamento, e tudo o que se deduz da historia, é insignificante. Recolhendose Antonio Rodrigues Arzão no anno de 1695 á capitania do Espirito Santo com mais cincoenta etantos companheiros da sua conducta, derrotados e destruidos todos dos repetidos ataques do gentio, apresentou ao capitão-mór daquella villa tres oitavas de ouro, de que se fizeram duas memorias, uma que ficou ao capitão-mór, e outra, que levou o dito Arzão: este é o primeiro ouro das Minas, que ha noticia haver-se denunciado a El-Rei no anno de 1696.

(20) *Que fazem vossos paes.* Já por este tempo estavam descobertas em S. Paulo as Minas de Curibituba, Pernaguá Jaraguá tinha de mais havido a descoberta das esmeraldas, que deu occasião ás grandes providencias dos srs. Reis de Portugal, especialmente do serenissimo Rei D. Pedro II, de saudosa memoria, beneficiando e honrando com muitos privilegios e regalias, aos que se empregassem neste exercicio: encarregados D. Francisco de Souza, governador então do Estado do Brazil, e Salvador Corréade Sá de promoverem por todos os modos o descobrimento do ouro, pedras e mais haveres, que promettia o largo continente do Brazil. Tudo se póde ver de um alvará, que se acha registrado nos livros, que serviam de registro das leis extravagantes na Torre do Tombo de Lisboa de dse o anno de 1613 até o de 1637, á fl. 97.

(21) *Fernando, Arthur e D. Rodrigo o morto.* Estes tres governadores, que penetraram de ordem de El-Rei os sertões das Minas, não chegaram a exercer nellas actos de jurisdicção, por encontrarem os embarços, de que se faz relação no Cant. 8.º entre a serié dos governadores das Minas.

(22) *Eu sou dos filhos.* A guerra dos gigantes:

Terra feros partus, immania monstra, gigantes.  
Edidit...

(23) *Tu, negro Admator.* Allusão ao Cabo da Boa Esperança. Cam. Cant. 5.º est. 51.

*Fui dos filhos asperrimos da terra,  
Qual Encelado, Egéo, ou Centimamo,  
Chamei-me Adamastor e fui na guerra,  
Contra o que vibra os raios de Vulcano.*

(24) *Meu caso um dia.* Veja-se o Cant. 8.º

(25) *De uma pequena lagrima.* Com vaidade sua confessa o auctor haver-se servido para a descripção do ribeirão do Carmo do sonho do sr. Rei D. Manoel, que refere Camões no Cant. 4.º dos Luziad. est. 68.

Estando já deitado no aureo leito,  
Onde imaginações mais certas são.

E na est. 69.

*Viu de antigos, longinquos e altos montes  
Nascerem duas claras e altas fontes.*

O ribeirão do Carmo, que foi a primeira villa, que erigiu o heróe em 4 de julho de 1711 passou a ter titulo de cidade pela ordem regia de 25 de abril de 1745.

Neste mesmo tempo se fez a divisão das dioceses, repartindo-se o bispado em tres cathedraes, que foram: Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas: foi o primeiro bispo de Marianna (que assim se chama a dita cidade do Carmo) D. Frei Manoel da Cruz, religioso da ordem de S. Bernardo.

(26) *Vejo um povo também.* Entende-se o povo do Ouro Preto, pequeno arraial, em que foi creada Villa Rica: está em distancia de duas leguas para a parte occidental da cidade de Mariana: as grandes riquezas, que nella se descobriram, lhe adquiriram o nome de Rica, a exemplo da que creou Hespanha nas suas Indias.

(27) *E qual murmura.* Imitação de Gabriel Pereira na sua Uliassá Cant. 1. est. 28.

Disse: e qual nos primeiros resplendores  
As abelhas sollicitas levantam etc.

(28) *O provido Faria.* O padre João de Faria Fialho, da ilha de S. Sebastião, de quem ainda conserva o nome um dos bairros de Villa Rica pelo descobrimento, que ahi fez, de um corrego rico.

(29) *Botecudo.* Gentio bravissimo, que se distingue pela rotura do beijo de baixo.

(30) *Camargo.* O alcaide-mór José de Camargo Pimentel, natural da villa de Taboaté, que descobriu o rio Pericicaba e fundou a capella de S. Miguel, hoje freguezia de Antonio Dias Abaixo, de um

grande numero de almas, termo da villa de Caeté, comarca de Sa-  
bará.

(31) *Bueno*. Bartholomeu Bueno, cunhado de Antonio Rodrigues Arzão, foi por elle convocado entre outros para proseguir o descobrimento das minas do ouro : penetrou estes sertões e mattos geraes, como já se disse; até chegar á serra da Itaverava, hoje arraial populoso, distante 8 leguas de Villa Rica, termo da villa de S. José comarca do Rio das Mortes.

(32) *Mais que o delicto meu*. Expõe-se neste canto a historia de Manoel de Borba Gato com a maior fidelidade e pureza, que se pode averiguar. O governador Arthur de Sá Menezes lhe deu o perdão em nome de el-rei; e o honrou com o posto de tenente-general, afiançado no descobrimento, que elle promettia e fez certo das Minas e faisqueiras do rio das Velhas.

(33) *Urucú*. E' uma fructa, que desfazendo-se dentro d'agua, lança de si um pô subtil, e tão encarnado, que excede á côr coxonilba : com ella se pintam os indios nas suas festividades.

(34) *A côr nem preta etc.* O gesto deste indio é figurado pelo caracter, que dá Solis ao principe Guatimosin, sobrinho do imperador Montezuma.— E color tan inclinado al blanco, ó tan lejos de la obscuridad, que parecia extranjero entre los de su nacion. Hist. Mex.

(35) *Do gelado Sumiute*. Gentio de nação Russiana, que encontraram os hollandezes na Nova Zembla no anno de 1595, taes se figuram os Munaxós pela sua maior brancura e proporção de membros.

(36) *Arara*. E' uma ave de côr encarnada, de cujas pennas usam os gentios na cabeça; o seu vóo é muito alto.

(37) *Parahyba*. Rio, que corre ao sul e corta a estrada do Rio de Janeiro; á sua margem estão algumas aldeias domesticas.

(38) *O' tu Cyro*. Cam. cant. 10, est. 48.

(39) *De um certo religioso*. Cujo nome e religião se não declara, como tambem de outro mais, os quaes associadamente, e de mão commum machinaram as primeiras desuniões que houveram entre os Paulistas, e os filhos de Portugal vulgarmente chamados *Buabas*; meditaram estes dous espiritos sediciosos fazer estanco da cachaça e

do fumo, generos muito necessarios ao paiz, principalmente naquelles principios do descobrimento das Minas; porque com elles se divertia o grande trabalho e fadigas dos negros, indios e bastardos, que são uma especie de janizaros : não tardaram a pretender o mesmo avanço a respeito das vendagens das carnes, que raramente entravam dos sertões ; a tudo se oppuzeram os Paulistas, e daqui nasceu o grande odio, que lhes foram concebendo todos aquelles, que pôde reduzir a malicia dos ditos dous religiosos; vindo finalmente a produzir-se uma total discordia entre uns e outros vassallos, que obrigou a tomarem-se reciprocamente as armas e se concluiu com o ataque dado sobre a fortaleza, que haviam erigido os Buabas, fronteira á villa de S. João d'El-Rey, no anno de 1710. Morreram da parte destes oitenta homens dos sitiados; foram muitos os feridos, e não perderam os Paulistas mais de oito, sendo os feridos muito poucos : era chefe dos Paulistas Amador Bueno, e dos Buabas Ambrozio Caldeira Brant, o qual os havia desafiado por carta, que enviou a S. Paulo, e se acha registrada nos livros da camara daquella cidade tt.º 1708 pag. 241, datada em 19 de novembro de 1709 do Rio das Mortes; durou o combate quatro dias e quatro noites; delle se lê uma fiel relação em um Diario, que escreveu certo anonymo com o titulo — *Forasteiro curioso* dedicado ao padre Guilherme Pompeu de Almeida em 1710; o padre Manoel da Fonseca, da sociedade denominada de Jesus da Provincia do Brasil na vida que imprimiu do padre Belchior de Pontes, escreve tambem esta guerra dos Paulistas, ainda que com alguma desaffeição a elles; podendo convencer-me do contrario das suas proposições o termo que se lavrou na camara de S. Paulo em 22 de agosto do anno de 1709, pelo qual se obrigaram os Paulistas a marchar com o seu exercito ao fim de segurar-se o real quinto nas Minas, e se submetterem á paz e obediencia os vassallos de Portugal, que nellas se achavam postos em rebeldia; desta resolução deram algumas provas, como foi não offenderem a alguns que encontraram de volta para a cidade do Rio de Janeiro no porto de Paraty, e egualmente castigaram em caminho a um escravo, que havia roubado um filho de Portugal, e lhe mandaram restituir o fructo : de tudo faz menção o padre Fonseca; e o termo, de que se trata, se acha registrado nos livros das vereanças tt.º 1701 pag. 129, 130, 136.

(40) *De evitar as justicas.* Haviam consultado os rebeldes que por oito ou nove annos desfructassem as Minas, não consentindo governadores e justicas nellas, e sustentando-se como uma republica a seu arbitrio e que ao depois se não alcançassem o perdão de el-rei, se passariam facilmente para as Indias de Hespanha : nisto votavam com maior efficacia os desertores da praça Colonia, de que

habitava um grande numero nas Minas, sendo seu principal chefe Antonio Francisco, que Manoel Nunes Vianna havia nomeado mestre de Campo, logo que arrogou o governo : fôra o dito Antonio Francisco soldado na companhia de Manoel de Souza, que acompanhou ao heróe na sua entrada com o posto de capitão da guarda ; ao seu conselho se deveu a redução do dito vassalo no encontro, que com elle teve no sito chamado Venda Nova, distante quatro leguas de Villa-Rica.

(41) *Pedrozo*. Jeronymo Pedrozo e Valentim Pedrozo irmão se naturaes da villa de S. Paulo, foram estes os primeiros, que deram principio ao levantamento do arraial do Caeté, hoje Villa-Nova da Rainha.

(42) *Arbitraria e phantastica*. Por conselho de um dos ditos religiosos se fingiram ordens régias para se recolherem todas as armas dos Paulistas a um armazem publico, a pretexto de necessidade commum que figuravam; reputando-se rebelde todo aquelle, que repugnasse obedecer ; tomadas as armas, foram presos dous Paulistas, os mais poderosos e de quem mais se deveria temer, que fora Domingos da Silva Rodrigues e Bartholomeu Bueno Feio. Com as prisões destes se intimidaram os outros e brevemente se derramou por todos a noticia, ou falsa, ou verdadeira, de um massacre, que lhes estava fulminado para certo dia, com ordens repartidas em segredo aos cabos de cada um dos districtos : fugiram e desertaram, a maior parte dos Paulistas; e em consequencia aconteceu o horrivel caso de Bento do Amaral Coutinho, que surpreendeu no Rio das Mortes, no capão ainda chamado da traição, a um troço de Paulistas—que se haviam retirado para S. Paulo, de que era cabo Gabriel de Goes, o qual havia servido a el-rei na conquista dos Palmares e occu pava o posto de capitão de infantaria na praça da Bahia. Jurou pela Santissima Trindade o pessimo Amaral deixar sahir em paz os sitiados, comtanto que largassem as armas : mediou neste concerto um Paulista velho por nome João Antunes, parente do cabo Gabriel de Góes : a sinceridade dos Paulistas os capacitou a entregarem as armas, e para logos em algum respeito, ou excepção foram todos mortos eroubados por Amaral e seus sequazes.

(43) *Calou*. Por que se não scandalise a piedade de alguns ouvidos, que se produzam nesta acção por chefes dos tumultos, e das rebeldias dous religiosos e principalmente um que mais se autoriza entre os sediciosos, lembra o autor neste logar a passagem e *Voltaire* na sua *Henriada* Cant. 5.



*Mais souvent avec des talents flatteurs  
Repandus dans le siècle ils en ont pris les moeurs.  
Leur sourde ambition n'ignore point les brigues,  
Souvent plus d'un pays s'est plaint de leurs intrigues ;  
Ainsi chez les humains par un abus fatal  
Le bien le plus parfait est la source dumal.*

Quanto estes regulares fossem perniciosos na primeira povoação das Minas, o provam bem as cartas do exm. Conde de Assumar D. Pedro de Almeida; chegava este governador ao Rio de Janeiro com o destino de tomar a posse na cidade de S. Paulo, e conformando-se com as ordens de el-rei, de que vinha encarregado, consultou logo (e foi este o primeiro passo do seu governo) ao exm. bispo D. Francisco de S. Jeronymo sobre os meios mais convenientes para desinfestar as Minas daquelles homens, allegando ser assim necessario.—

*Por constar ao mesmo senhor (são palavras formaes da carta escripta em 2 de julho de 1717) que os ditos religiosos, esquecidos da sua obrigação e do seu estado, e só lembrados dos meios, com que podem adiantar as suas conveniencias, não reparam em fazer venaes os Sacramentos, usando indecorosamente da administração delles mais para grangear interesses, que para edificação de catholicos, não sem grande escandalo da Christandade.*

E accrescenta :

*Não faltando estes tambem á suggerir e dizer publicamente nos pulpitos, que os vassallos de S. Magestade não tem obrigação de contribuir lhe com os direitos e mais despezas, que devem pagar-lhe.*

Procura satisfazer o exm. prelado á esta consulta, e responde :

*Que elle tem procedido contra os regulares assistentes nas Minas com excomunhões, de que elles não fizeram caso, dizendo que o bispo não era seu juiz competente, e que por consequencia não podiam obstar-lhes as censuras fulminadas por elle.*

Passa logo a aconselhar ao exm. Conde, para que prôva sobre os mais escandalosos; mas elle replica nestas palavras :

*Como esta differença só se devia entender com os mal procedidos, difficullosa empreza será distinguir nas Minas uns dos outros; porque por qualquer lado estão todos com mau*

*procedimento; pois si algum ha, que viva com menos escandalo, e se não enqolfe em tractos illicitos e profanos, poucos são, os que não vivem mui atheios do seu instituto e em tratos e commercios indignos do seu caracter, e eu tenho para mim, não ha frade, que venha ás Minas, que seja para usar da liberdade, que nos seus conventos tem supprimida.*

Tudo se lê com individuação no livro n. 7 das cartas e ordens do dito governador, que se guarda na secretaria do governo das Minas Geraes nas cartas datadas no Rio de Janeiro e villa do Carmo a 2 de julho de 1717 pagina 1.<sup>a</sup>, de 9 de julho de 1717 pag. 4.<sup>a</sup> e a de 16 de maio de 1720 pag. 232.

(44) *De um Indio já caçado.* Retrato natural dos indios do paiz na sua crescida idade.

(45) *Está diante.* Continente das Minas.

(46) *Logo uns homens.* Conquistadores dos sertões.

(47) *Passa este quadro.* Laboriação das Minas por Indios e negros.

(48) *Disperso o sangue.* Expulsão dos Paulistas pelos annos de 1709 para 1710.

(49) *Correndo à redea solta.* Confusão e desordem, em que ficaram as Minas sem governador e justiças postas por El-Rei.

(50) *Bem que se justifique na apparencia.* Para clareza deste verso se faz necessario ao auctor repetir aqui, ou transcrever as clausulas de uma carta do Conde D. Pedro de Almeida escripta no Rio de Janeiro ao Marquez de Anjêja, seu tio, e vice-rei do estado datada em 6 de julho de 1717 ibi :

*No tempo de D. Fernando Martins de Mascarenhas, (falava de Manoel Nunes Vianna), elle foi aquelle, que os povos seduzidos por elle com notoria rebellião o levantaram por governador, resistindo ao Dito D. Fernando contra as ordens de S. Magestade, affectando o seu maior serviço.*

Esta carta se acha registrada no dito livro n. 7 pag. 3, e para confirmação de tudo, o que a respeito se pode entender da conducta deste homem, e de quanto elle se pretendia fazer necessario ao rei subsistindo no governo, que arrogara a si, bastará ver-se a real ordem de 30 de maio de 1711 que manda restituir aos Paulistas Minas, e que se lhes entreguem suas fazendas e lavras; fazendo o

mesmo senhor avisar aos camaristas de S. Paulo desta sua real ordem por carta de 6 de setembro de 1711, e já na ordem de 22 de agosto de 1709 mandara S. Magestade perdão aos *Buabas*, excepto aos dous cabeças do levantamento Manoel Nunes Vianna e Bento do Amaral Coutinho, aos quaes pretendia castigar, ordenando, que a esse fim, se entendesse ser necessario algum soccorro das tropas, o pedisse o general ao presidio da Bahia: tudo se pôde ver nos registros da camara de S. Paulo no livro, que delles serve no tit. 1708 pag. 95; onde se acha a carta do governador Antonio de Albuquerque, que poz totalmente em socego aos Paulistas, quando preparavam as forças para tornar sobre as Minas, datada no Rio de Janeiro em 26 de fevereiro de 1710. Então foi que o dito governador em nome de el-rei offertou aos Paulistas um retrato de mesmo senhor significando, que por aquelle modo os visitava e lhes vinha segurar a sua protecção. A noticia destas ordens e cartas não chegou individualmente ao escriptor Sebastião de Pita Rocha, aliás não escrevera tão dissonante da verdade. O padre Manoel da Fonseca, já citado em outra parte, tocou ainda que affectadamente, esse passo no cap. 33 pag. 219 da vida do padre Belchior de Pontes.

(51) Na era de 1711 se viu praticado o invento da ródá por um clerigo, vulgarmente chamaço o *Bonina suave*. Todo este canto se deve entender pelo que fica escripto no fundamento historico, e pelas notas, de que se illustra o canto 5.º.

(52) *Eu vi. Vidi egomet duo de numero cum corpore nostro est.* Virg. *Æneid.*

(53) *Nem presumas.* Os Indios da costa do Brasil, ainda que barbaros, não desconhecem a musica, e a dança: estas singularidades foram mais bem notadas nos da nova Hespanha, como nota Juan de Torquemada Monarch. *Indianna*, tt.º 13, cap. 26 e seqq tom. 2.º, e outros.

(54) Todo este canto allude á fabula do Ribeirão do Carmo, de que se faz menção no 1.º canto e se transcrevem alguns versos della.

(55) Esta era a paixão dominante no paiz; e se introduz o heróe á compol-a, pacificando a uns e outros.

(56) *Caetés* quer dizer *malto-bravo* sem mescla alguma de campo. Debaixo desta intelligencia se applica o verso de Virg. — *Ulmus opa caingens etc.*

Póde deduzir-se esta allegoria do conceito, que haviam formado os rebeldes antes da vinda de D. Fernando Martins Mascarenhas

que este governador trazia cargas de correntes e ferros para os punir, noticia, que não pôde occultar o escriptor Sebastião de Pitta Rocha, pouco fiel nesta historia por falta de informação pura; ou tal vez por affeição a algum dos chefes. Tudo o mais se pôde ver no fundamento historico em que fica elucidado este canto.

(57) *Do não tentado rio.* Este vassalo foi o que abriu a estrada real do Rio de Janeiro para Minas, e poz as passagens dos dous rios *Parahyba e Parahybuna.*

(58) *O Deus destes thesouros, Curupira.* Fabula é estados gentios celebrada por verdadeira; presumem que ha nos mattos uma divindade assim chamada, sem licença da qual havendo quem descubra algum thesouro, morre ás mãos della; e esta doutrina lhe pregam os seus pagés, que soa o mesmo, que doutores.

(59) *Jequitinhonha.* Rio, que atravessa o Serro do Frio, onde está estabelecida a extracção dos diamantes por contracto real pela lei de 11 de agosto de 1753.

(60) *De Guard.* Entende-se o rio de Guarapiranga; este, o Guachcho, e outros muitos vão fazer barra ao Rio Doce, e discorrem pelas duas comarcas de *Sabará e Villa Rica.*

(61) *Vé o rio.* Todos os rios, de que aqui se faz menção, discorrem por entre a comarca do Rio das Mortes, e raías da capitania de S. Paulo.

(62) Algumas circumstancias da sua fortuna obrigaram o A. a servir-se neste logar dos versos de Camões nos Luziadas, cant. 8.º, est. 81.

*E ainda, Musas minhas, não bastava.*

(63) *De Pilões, de Goyazes.* Todos estes districtos, que hoje estão repartidos em diferentes capitánias, se comprehenderam por alguns annos debaixo do governo do exm. Conde de Bobadella, Gomes Freire de Andrada.

(64) *Já do pardo Uruguay.* Toca-se neste verso a diligencia de commissão, á que foi mandado para as distancias das Missões.

(65) *Este alimpa os sertões.* Expedição que fez o exm. Conde actual de Bobadella sobre o grande numerod e negros aquilombados no Campo Grande, de que foi commandante Bartholomeu Bueno.

(66) *Este caminha.* Viagem dilatada, e asperrima por mais de 400

eguas em visita da capitania sobre a costa de S. Paulo, que acompanhou o A. servindo de secretario do governo das Minas.

(67) *Vem o Tapuya*. Conquista dos gentios, que se estendem por estes districtos onde hoje por beneficio do exm. Conde de Valladares se acham domesticos muitos indios com egreja e parochio que lhe administra Sacramentos.

(68) *Desta arvore*. Metamorphose do balsamo, arvore que se produz em muita abundancia nas conquistas do Brazil, e com especialidade em todas as partes das Minas, com muito pouca estimacão dos seus habitadores.

(69) *Paraceve é propriamente* o nome, que dão os indios á semelhantes festejos.

(70) *Artificio de que usam os indios*, tanto para colherem a caça, como nas occasiões de guerra: Veja-se D. Alonso de Ercilla na sua Araucana, parte 1.ª, cant. 1.º: chamam-se vulgarmente fójos.

(71) *Nisto veio*. Deste penhasco se tira pedra dos edificios da villa.

(72) *Este padrão*. Peloirinbo.

(73) *Soberba torre*. Torre do relógio.

(74) *Magnifico edificio*. A cadeia: todas estas obras são de avultada grandeza e constituem a formosura e magnificencia da villa.

(75) *Liquidas fontes e régias pontes*. Tem a villa um grande numero de fontes e chafarizes de marmore, e tres pontes principaes de igual artificio.

(76) *Sanctuarios*. A villa se divide em duas freguezias, a de Antonio Dias com a invocação da Senhora da Conceição: a de Ouro Preto com invocação do Pillar; os dous templos são preciosos.

(77) Nesta descripção dá o auctor a conhecer a formalidade, com que trabalham os mineiros, que se servem do artificio da roda nas suas cattas, ou lavras, vulgarmente chamadas do talho aberto, que se praticamnos rios e suas margens. Quem quizer mais individual noticia desta materia, leia a historia de Sebastião de Pitta Rocha, que tudo explica.

(78) *Descripção dos serviços*, que se fazem nas serras e morros para se extrahir o ouro; dependendo-se grossimo cabedal para se deguadareme, se conduzirem de muitas distancias as aguas.

(79) Descrição da planta da canna, dos engenhos, em que se fabrica o assucar, e da herva, de que se faz o tabaco: veja se-o citado Pitta.

(80) Sobre o texto do Genesis — *Consuerunt folia ficus* — não tem faltado opiniões, que sustentam ter sido a bananeira a arvore, que soccorreu com a grandeza das suas folhas á nudez do nossos primeiros paes.

(81) O autor se serve dessa opinião, e applica neste logar uma passagem de Milton no seu Paraiso Perdido no livro, ou canto 10 ibi — *Ils y choisirent le figuier; non cette espèce renommée pour le fruit, mais cette autre que connaissent encore aujourd'hui les Orientaux en Malabar, ou Recan. Ses rameaux courbés prennent, dit-on, racine en terre; et croissant à l'ombre de la principale tige comme des filles que se rassemblent autour, etc.*

(82) Aos 8 dias do mez de julho de 1711 fez o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho uma junta no arraial do Ouro Preto para se erigir nelle Villa-Rica. Servia de secretario Manoel Pedgado, de quem setem feito menção em varias partes; no mesmo dia se elegeram os vereadores e juizes; e sahiram eleitos a mais votos, por juiz mais velho o coronel José Gomes de Mello, juiz mais moço, Fernando da Fonseca e Sá; vereador mais velho, Manoel de Figueiredo Mascarenhas; segundo vereador, Felix de Gusmão e Mendonça; terceiro, Antonio de Faria Pimentel; procurador, o capitão Manoel de Almeida Costa.

No dia 9 tomaram posse: tudo consta do registro no livro dos termos do governo, que se acha na secretaria das MinasGeraes desde o dia 7 de julho de 1710.

FIM DO SEGUNDO TOMO

# INDICE DO SEGUNDO TOMO

---

Advertencia preliminar . . . . . I

## ROMANCES, CANÇONETAS E CANTATAS.

|                                     |    |
|-------------------------------------|----|
| I. — Lize.. . . . .                 | 7  |
| II. — Antandra.. . . . .            | 9  |
| III. — Altéa.. . . . .              | 10 |
| IV. — Anarda.. . . . .              | 12 |
| Desprezo a' lira. . . . .           | 15 |
| Palinodia a lira. . . . .           | 19 |
| Despedida de Fileno a Nize. . . . . | 23 |
| Resposta de Nize a Fileno.. . . . . | 29 |

## CANZONETTE.

|                                      |    |
|--------------------------------------|----|
| Il Pastore a Nice. . . . .           | 35 |
| Risposta de Nice al Pastore. . . . . | 39 |

## CANZONETTE.

|                |    |
|----------------|----|
| Nice.. . . . . | 43 |
|----------------|----|

## CANTATAS.

|                               |    |
|-------------------------------|----|
| I. — O Pastor divino. . . . . | 45 |
| II. — La SS. Vergine. . . . . | 49 |
| III. — Galatea . . . . .      | 50 |
| IV. — Lize. . . . .           | 52 |
| V. — Nize. . . . .            | 53 |
| VI. — Palemo e Lize. . . . .  | 54 |
| VII. — Nize. . . . .          | 57 |
| VIII. — Nice. . . . .         | 59 |

## POESIAS INEDITAS.

|                                                |     |
|------------------------------------------------|-----|
| Epicedio. . . . .                              | 63  |
| Ode ao Sepulcro do Alexandre Magno. . . . .    | 69  |
| Ode. — Saudação a Arcadia Ultramarina. . . . . | 73  |
| Canto heroico. . . . .                         | 75  |
| Traducção de uma Ode de Voltaire. . . . .      | 84  |
| Ode a Milton. . . . .                          | 86  |
| Ode. — No attentado contra Pombal. . . . .     | 90  |
| Ecloga. . . . .                                | 93  |
| Ode. — N'um anniversario. . . . .              | 96  |
| Ode. — Assumpto lirico. . . . .                | 101 |
| Canto epico. . . . .                           | 105 |
| Cantata epithalamica. . . . .                  | 112 |
| Ode. — N'um anniversario. . . . .              | 117 |
| Falla (conquista do Caieté). . . . .           | 122 |
| Ecloga. — (Saudade de Portugal). . . . .       | 126 |
| Soneto I. — Ninfas do Tejo, eu sei. . . . .    | 133 |
| — II. — Bellas deidades. . . . .               | 134 |
| — III. — As moles azas. . . . .                | 135 |
| — IV. — Da horrenda gruta. . . . .             | 136 |
| — V. — Ao templo entrei. . . . .               | 137 |
| — VI. — Festivos genios. . . . .               | 138 |
| — VII. — Este e' o rio. . . . .                | 139 |
| — VIII. — illustre e digno ramo. . . . .       | 140 |
| — XIX. — Cingida a testa. . . . .              | 141 |
| — X. — Sombras illustres. . . . .              | 142 |
| — XI. — Tallar provincias. . . . .             | 143 |
| — XII. — Suspende a mão. . . . .               | 144 |

## VILLA-RICA

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| Carta dedicatoria. . . . .    | 148 |
| Prologo. . . . .              | 149 |
| Fundamento historico. . . . . | 151 |
| Canto I. . . . .              | 181 |
| — II. . . . .                 | 188 |
| — III. . . . .                | 196 |



INDICE

281

|                                    |       |            |     |
|------------------------------------|-------|------------|-----|
| Canto                              | IV.   | .. . . . . | 201 |
| —                                  | V.    | .. . . . . | 207 |
| —                                  | VI.   | .. . . . . | 215 |
| —                                  | VII.  | .. . . . . | 224 |
| —                                  | VIII. | .. . . . . | 232 |
| —                                  | IX.   | .. . . . . | 242 |
| —                                  | X.    | .. . . . . | 256 |
| Notas do Auctor ao poema.. . . . . |       |            | 263 |













Widener Library



3 2044 095 063 038





Widener Library



3 2044 095 063 038

